

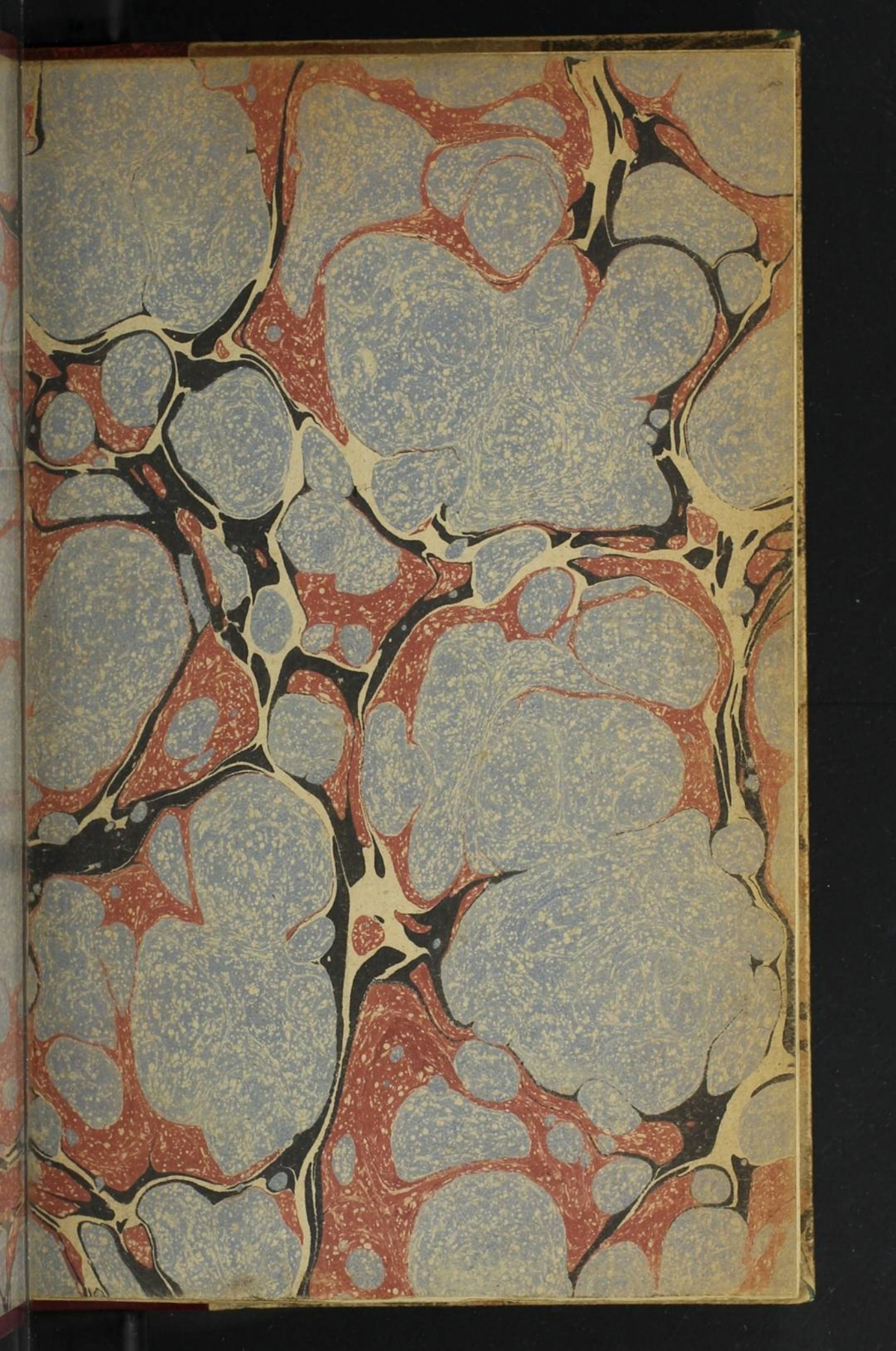


EX LIBRIS

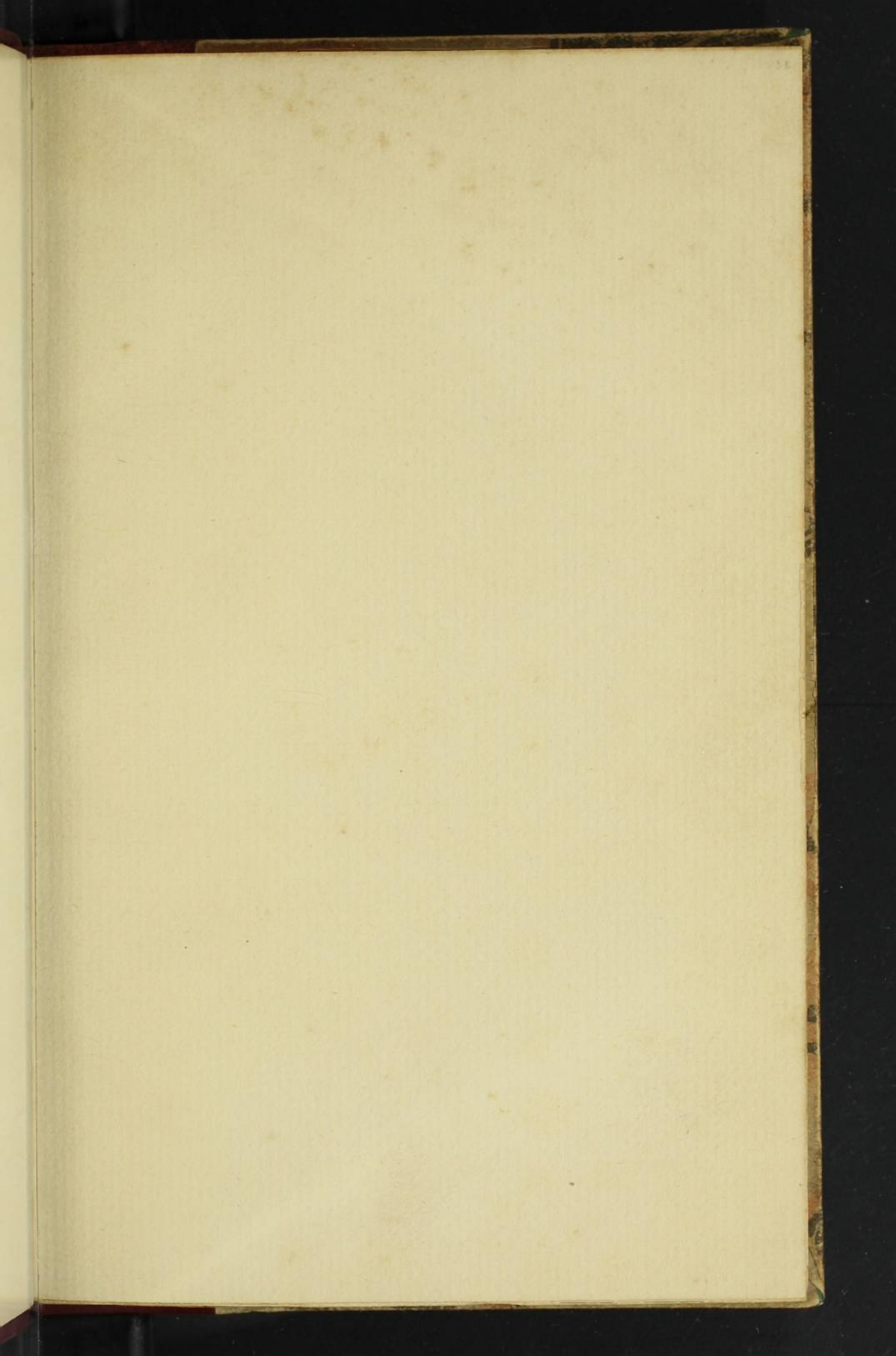


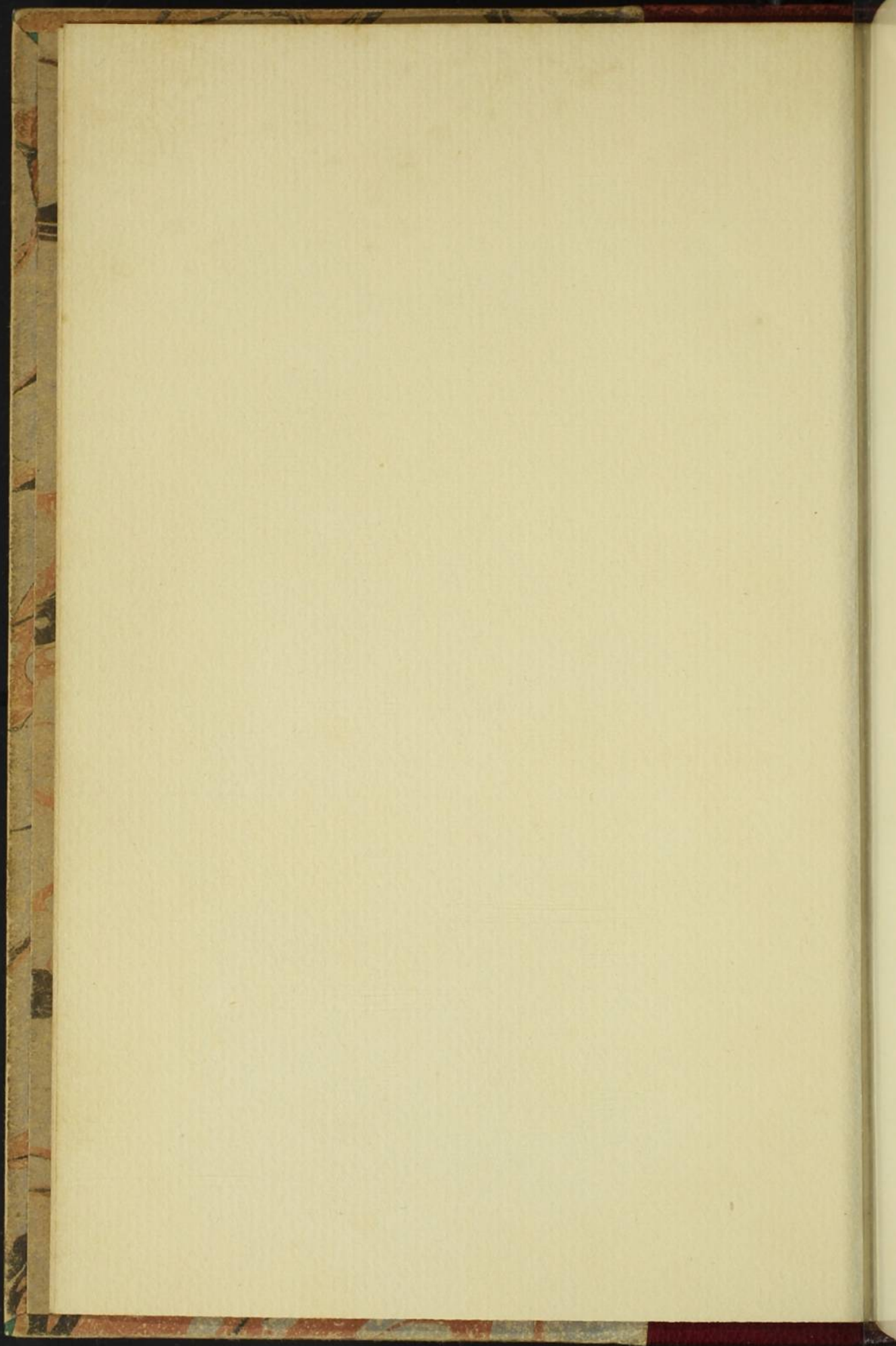
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

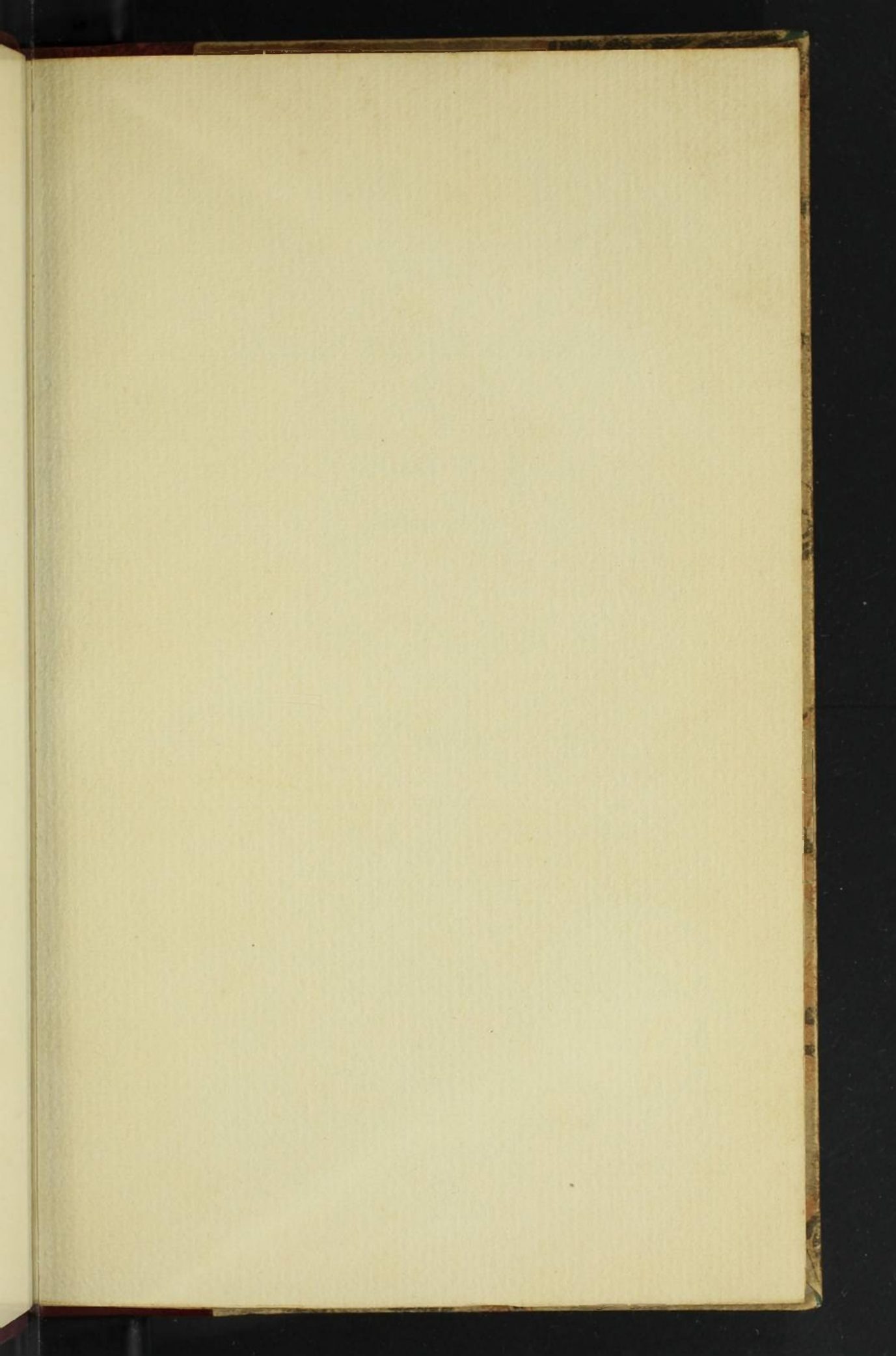
W.



G. GAUCHÉ REL







Autore: J. Maria de
Avellan Protero



TUMULTO DO POVO EM EVORA

1635

DRAMA EM TRES ACTOS

POR

Um ex-Tenente de Milicias.

Offerecido

AOS

SEUS AMIGOS.



*Que desastres que eu vi! que desacertos
Nos nove lustros de cansada vida!*

De FILINTO ELYSIO.

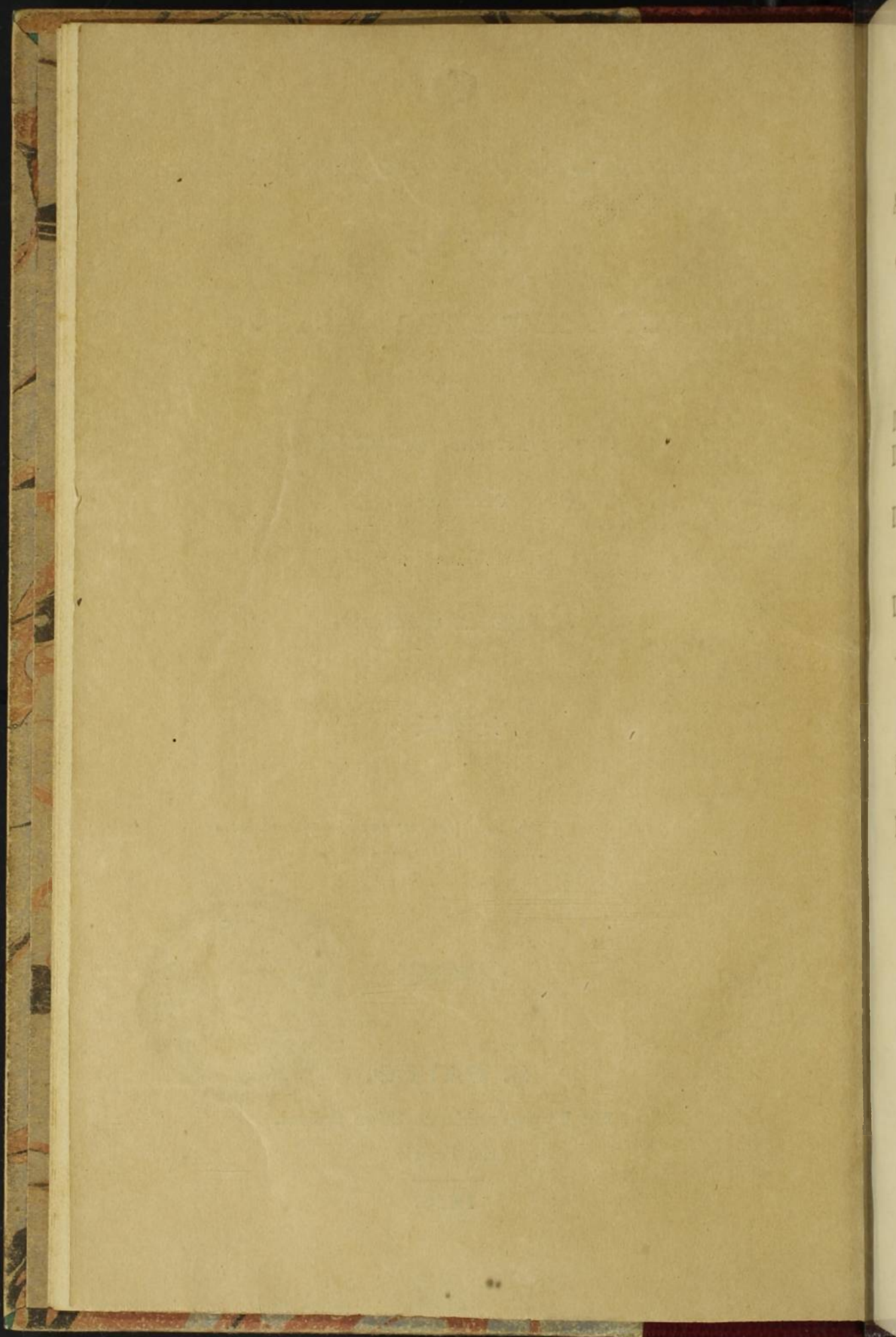


S. PAULO.

Na Typographia de Silva Sobral.

(Em Palacio.)

1845.



ACTORES.

ANDRE' DE MORAES SARMENTO (30 *annos de idade*)
Corregedor de Evora.

CESINANDO RODRIGUES (40 *annos de idade*) Juiz do
Povo.

JOAÕ BARRADAS (32 *annos de idade*) Escrivão do Povo.

D. FRANCISCO D' ALANCASTRE, Conde de Basto (60
annos de idade).

D. ELVIRA, filha do Conde (20 *annos de idade*).

D. RODRIGO DE MELLO (25 *annos de idade*) amante de
D. Elvira.

D. FRANCISCO DE MELLO, Marquez de Ferreira. (35
annos de idade) irmão de D. Rodrigo de
Mello.

D. AFFONSO DE PORTUGAL, Conde de Vimioso. (30
annos de idade).

D. JULIAÕ DE MUNHOZ (27 *annos de idade*).

FR. JOSE' DA CONCEIÇÃO (70 *annos de idade*) Frade
Franciscano.

FR. JOAÕ DE VASCONCELLOS (40 *annos de idade*) Frade
Domínico.

DIOGO FERNANDES SALEMA (40 *annos de idade*) Novo
Corregedor de Evora.

MARIA (24 *annos de idade*) Criada de D. Elvira.

BRAZ (30 *annos de idade*) Criado de D. Rodrigo.

ESCRIVÃO DO CORREGEDOR.

CARCEREIRO, POVO, e SOLDADOS.

Este Drama se figura na Cidade de Evora, reino de Portugal: tem tres actos, que forma tres periodos, havendo entre o primeiro e segundo o espaço de trinta dias, e entre o segundo e terceiro o espaço de um anno.



TUMULTO DO POVO EM EVORA.

1635 *

Acto 1.º Período 1.º

SCENA 1.ª

Sala do Corregedor. — André de Moraes, Frei José,
e D. Rodrigo.

AND. DE MOR. — E' necessario que as ordens de El-rei sejam executadas, e á custa da minha vida se tanto for necessario ellas hão de ser cumpridas.

FR. JOSE' — E' muito louvavel, santo e justo, que um Magistrado cumpra as ordens de El-rei; porem, Sñr. Corregedor, o Magistrado não é um instrumento cego, e sendo responsavel por não cumprir as ordens do governo, é tambem responsavel por cumprir aquellas que elle executor vê e conhece que podem produzir graves males, produzir inconvenientes, que El-rei de certo evitaria se estivesse presente.

AND. DE MOR. — E' El-rei que governa e não o Corregedor de Evora: El-rei não tem superior.

FR. JOSE'. — Os reis governão em Nome do Senhor, elles recebem as coroas das Maos da Omnipotencia, são sagrados e inviolaveis, são os filhos queridos da Igreja de Jesus Christo, porem Deos é superior aos reis, acima das vontades dos reis está o justo; e a Santa Religião de Jesus Christo lhes deve fazer ver e sentir, que a justiça divina os obriga á respeitar e a obedecer ao dever.

AND. DE MOR. — E podem os povos faltar ás suas obrigações, e violar os juramentos de vassallagem?

FR. JOSE'. — E não tem os reis de Hespanha

* Vide Portugal Restaurado por D. Luiz de Menezes.

faltado aos seus juramentos? Tem cumprido os artigos de Convenções estipuladas em Côrtes? Com que direito magestático quer Philippe IV tirar dos Portuguezes á titulo de tributo a enorme quantia de quinhentos mil crusados?

AND. DE MOR. — E pode o povo conhecer das convenções politicas?

FR. JOSE'. — E para que chamão o povo para execução d'ellas?

AND. DE MOR. — Os reis não dependem dos povos, elles tem o poder.

FR. JOSE'. — O poder não sendo fundado na justiça é mera força, e os reis que chamão a si ta principio dão o exemplo, e lanção a luva ao povo: a guerra entre os reis e os povos nem sempre....

AND. DE MOR. — (*Interrompendo com muito calor*) Basta, e si André de Moraes pelo respeito do habito de S. Francisco não ouviu o que disse Fr. José, talvez o Corregedor de Evora não possa deixar impune o religioso turbulento.

FR. JOSE'. — Fr. José sabe e sempre soube dizer a verdade sem susto: Fr. José é religioso Franciscano e por isso sem o menor receio diz ao Corregedor de Evora, que elle não deve cumprir o mandado de El-rei, pois os povos não são obrigados á obedecer a ordens injustas e impossiveis: os reis deixão de ser reis, deixão de ser os ungidos do Senhor logo que se tornão tyrannos.

AND. DE MOR. — (*Em colera*) Os Religiosos e Sacerdotes não estão isentos das leis, e profundas e seguras masmorras lhes tem ouvido até os ultimos suspiros.

FR. JOSE'. — Estais enganado, Senhor, se acaso cuidaes que Fr. José falla sem receio por se fiar no habito (*pega no habito*), por se fiar na reverencia dos homens para com o religioso, ministro da Religião de Jesus Christo, para com o homem consagrado ao Deos de paz e de liberdade! Conheço á fundo o coração humano, conheço melhor que vós, Senhor Corregedor, que o poder não respeita nem á Deos nem aos homens quando se julga offendido e não seguro; conheço que nada ha sagrado para

Ministros de Estado ciosos da sua authoridade, soberbos e orgulhosos, e que os reis são quasi sempre escravos de taes ministros; conheço que os reis, prisioneiros d'Estado de seus favoritos, só sabem o que elles querem, e que sempre tomão as verdades como criminosos insultos, e a franqueza evangelica como acto de rebellião; (*o povo grita fóra — Viva a liberdade, viva o Duque de Bragança, morra o Corregedor* —) mas se vos fallo com tanta lhanza e sangue frio é porque não temo a morte, é porque é do meu dever dar a vida para socorrer aos desgraçados. Este habito (*pega no habito*) que me cobre no convento me hade cubrir na prisão, e o misero e negro pão das masmorras me hade ser tão saboroso como o da religião; e debaixo do pêso dos ferros louvando ao Altissimo esperarei ordens mais poderosas, do que as dos reis. Senhor Corregedor, estou fatigado e desejo retirar-me, e acabar com a minha missão de paz, e por ultima vez em nome de Deos todo poderoso, eu vos imploro suspendais as ordens de El-rei: em nome do Altissimo eu dispersarei o povo, e Evora tornará a gosar de paz; e amanhã partirei para Madrid, e lançando-me aos pés de El-rei lhe farei ver que sou eu o culpado, lhe farei ver a verdade, e na fé de Jesus Christo receberei sem o menor pezar a sentença de morte se á morte me condemnarem os homens.

AND. DE MOR. — (*Com muita raiva*) A Inquisição, a Inquisição eu o juro!

FR. JOSE'. — Não jureis, não chameis o nome de Deos em vão! A Santa Inquisição não me hade condemnar por eu ter cumprido com o meu dever, por me ter vindo offerecer á morte para salvar Evora de um tumulto popular: para salvar os templos das profanações, as virgens dos ataques de brutaes appetites, as familias dos insultos e roubos dos malvados faccinoras, e aos homens de bem dos punhaes dos seus inimigos. O que podia eu fazer? Negar-me ao pedido do povo que me instou para vir á vossa casa ser seu procurador? deixar arder Evora e triumphar Satanaz só por não ter o trabalho de

sahir do meu convento, só para não me expor, só para não me comprometter? E devia me ter negado á honrosa missão de ser o Anjo da paz como o povo me acclamou? Senhor Corregedor, em nome de Deos eu vos mando que oucaes as seguintes palavras dictadas pelo puro interesse da santa religião — poupae o sangue dos vossos semelhantes, dae paz á Igreja de Deos, e fazei triumphar a ordem e a lei (*o povo torna á gritar — Viva a liberdade, abaixo os Filippes, seja Rei o Duque de Bragança*).

AND. DE MOR. (*Batendo o pé com furor*) E' assim que Deos manda triumphar a ordem e a lei?

FR. JOSE'. — E que meios tendes para fazer calar o povo e reinar a ordem em Evora? que meios tendes para salvar a vossa propria vida? Se nao quereis ouvir os conselhos da religião dae ao menos ouvidos aos sentimentos da vossa propria consciencia, escutai vossos proprios receios, vossas incertezas, e vossos remorsos? Quereis faltando á prudencia deixar arder Evora sem d'ahi resultar bem vosso, nem bem do serviço de El-rei? Poderá por ventura ser premiado um Magistrado que sem reflexão, sem ouvir os conselhos e os avisos prudentes, reduzio uma tranquillida Cidade á anarquia quando o podia ter evitado? Quererá El-rei que o crime d'Evora lhe sirva de pretexto para destruir Portugal? Haverá ministros que aconselhem El-rei, que deixe amontoar n'esta infeliz Cidade crimes sobre crimes, para que depois o sangue dos criminosos e dos innocentes sirva de satisfazer a vingança da lei, e a vingança dos odios dos particulares acobertados com as hypocritas mascaras do amor da patria e do interesse publico?

AND. DE MOR. — (*Com furor indo para a porta*) Subão.

D. RODRIGO. — (*Agarrando o Corregedor pelo braço.*) Que fazeis, Senhor, o povo vos faz em pedacos (*O povo grita, Viva a liberdade, viva o Duque de Bragança*).

AND. DE MOR. — Tambem vós, D. Rodrigo, sois procurador do povo? Um nobre tambem é trahidor ao seu rei?

D. ROD. — Não sou procurador do povo, mas sim venho em nome da Junta da Nobreza pedir-vos que suspendaes a execução da ordem do tributo dos quinhentos mil crusados: a Junta já não tem mais meios para conter o povo, e ella não espera soccorros da provincia antes conta com o levante geral: a Junta sabe que a Regente de Lisboa não póde mandar forças porque as não tem, e as tropas de Madrid chegarão tarde: a Junta vos pede tranquiliseis o povo e ella vae representar á El-rei.

AND. DE MOR. — Pois nem com os nobres eu posso contar? Tambem os fidalgos fazem causa commum com o povo?

D. ROD. — A nobreza Portugueza respeita muito á El-rei mas respeita mais a sua patria. Os reis forão criados para governar e fazer felizes aos povos e não para os tyrannisar e fazel-os desgraçados, e foi assim que Portugal acceitou e acclamou a D. Filippe II. Elle o jurou, e sujeitou-se aos Capitulos das Cortes de Thomar.

AND. DE MOR. — Acceitou e acclamou! Os Capitulos de Thomar!! D. Filippe foi rei em virtude do seu direito de legitimidade, e da força de seus exercitos.

D. ROD. — Sois um imprudente, Senhor Corregedor! (*leva a mão a espada*). Se os reis de Castella conquistárão Portugal para que convocárão e se sujeitárão ás Côrtes Portuguezas? Se os Filippes são reis de Portugal em virtude da força dos seus exercitos então elles não são reis portuguezes, pois a força não dá direito, e muito bem faz o povo em não obedecer, pois contra o facto ha o direito de resistencia, e appello para outra força.

AND. DE MOR. — (*Levando com furia a mão ao espádim.*) Sois um trahidor, sois o principal cabeça do motim, sois vós quem poz o povo no estado em que se acha; (*o povo grita — morra o Corregedor, viva a liberdade*) e tenho em meu poder as provas necessarias. (*O povo quer arrombar a porta, e o Corregedor foge, entrão immediatamente o Juiz e o Escrivão do povo.*)

JUIZ E O ESCR. — Não subão, não subão, nós faremos que elle decida. (*O povo grita — Viva o nosso Juiz, vivão os paes da patria. O Escrivão e o Juiz ajoelhão aos pés de Fr. José e lhe beijão a manga e o cordão, e depois levantão-se.*)

JUIZ. — Reverendissimo Padre, aonde está o Corregedor?

FR. JOSÉ. — Meos filhos, o Corregedor não está aqui e em nome de Jesus Christo vos peço que haja paz. Vamos, meus filhos, e o Senhor será com vosco. (*Quer sair, mas o Escrivão e o Juiz ficão, e elle reparando n'isso pára e diz*) Vamos á Junta da nobreza e tudo se hade concluir em graça de Deos.

JUIZ. — Dignissimo Padre, á quem o povo tanto respeita, nós não podemos annuir ao vosso desejo. Á Junta dos nobres quer vender o povo: ella só quer com palavras doces estorvar o armamento para que cheguem as forças do tyranno, forças que mandou buscar e espera. O povo póde muito bem passar sem os fidalgos, elles na sociedade são entes nullos, e só pesados pelo seu orgulho, riquezas, e privilegios: abaixo, abaixo os aristocratas, e viva a liberdade e igualdade de fortunas e condições, e sejam só cidadãos aquelles que trabalham. (*Continuando a fallar com Fr. José.*) Que resposta vos deo o nosso pequeno tyranno?

FR. JOSÉ. — O Corregedor assustado com as ameaças da multidão nada soube resolver. Meo filho, ouvi-me, pois vos fallo como verdadeiro amigo do povo, e vos juro pela sagrada Cruz do Redemptor, (*Todos abaixão a cabeça*) que só quero a sua felicidade; fazei, digno Juiz, que os vossos socios respeitem a lei e as authoridades, fazei que todos larguem as armas e vão para as suas casas.

JUIZ. — Ora essa é boa! (*dando uma grande gargalhada*) Devemos hir para as nossas casas esperar que o Corregedor nos mande amarrar? Antes a morte, antes a morte! Vamos, Senhor Escrivão, procurar ao nosso amigo. (*Sahem pela mesma porta por onde sahio o Corregedor.*)

FR. JOSÉ. — Então, D. Rodrigo, o que me dizeis das ideias do povo? Onde está a vossa bella theoria

de que elle tende sempre para o bem, e quer só paz e protecção? Não vêdes que as paixões do homem são sempre as mesmas e que só as diferentes circumstancias da vida as fazem variar na execução? Não vêdes agora que o poder é sempre o mesmo esteja nas mãos de quem estiver — sempre absoluto, sempre zombador das leis, sempre vingativo, sempre insaciavel de riquezas, e sempre cobarde —? Não vos capacitae ainda que só as apparencias das organizações da sociedade, a hypocrisia da educação, a vaidade dos principios, a vangloria de virtudes, e todas as quimeras da grandeza humana são que fazem encobrir e suffocar mais ou menos as tendencias e interesses do poder dos homens? O Corregedor em nome de um rei absoluto zomba das leis fundamentaes, escarnece dos principios do direito divino, não reconhece a justiça e o dever, ameaçame com a morte, seus labios seccos de raiva só pedem rios de sangue, e em sua malvada razão, só se formão projectos de grandesas e riquezas tiradas do misero povo; mas vós o vistes vilmente fugir á vista do perigo! O povo ha dous dias com o poder anarchico em suas mãos já governa absolutamente, e não reconhecendo as leis da sociedade zomba até das proprias leis de Deos! já não reconhece os direitos adquiridos, e a propriedade que elle para si chama sagrada já não é um direito para a nobreza! Suas mãos já se preparão e armão para derramar sangue sobre sangue, e sua escaldada e ignorante imaginação já julga possível e realisavel o nivelamento de fortunas e condições! O povo que ha dous dias me chamava seu bemfeitor, seu anjo da paz, hoje me vira as costas, e amanhã me cravará o punhal no peito; mas logo que chegue o perigo vós o haveis de ver fugir cobardemente, acclamar a tyrannia e os tyrannos, incendiar as casas dos seus bemfeitores, e levar o seu interesse ao excesso de applaudir e assistir á execução dos seus mesmos companheiros! D. Rodrigo, joven amigo, a quem amo como se fosseis meu filho, (*abraça a D. Rodrigo*) basta de vos comprometterdes, e ainda é tempo: minha posição, minhas

altas protecções farão lançar um véo sobre o vosso procedimento. Vinde para o meu convento esperar que as cousas tomem a face que devem tomar; e quando a Providencia decretar que Evora gose de paz, e que n'ella reine a ordem, então podereis gosar dos prazeres do mundo enganador.

D. ROD. — (*Com vivacidade*) Pois Fr. José, o meu mestre, o meu mentor, me manda abandonar o misero povo! sujeitar-me á escravidão fugir dos perigos, e ser egoísta? Poderei eu em paz regalar-me no vosso convento quando o povo sem guia, sem governo se despedaça? Poderei eu depois apparecer no mundo tendo consentido na escravidão, da minha patria? Fr. José, se eu pudesse abandonar o mundo!..... se eu pudesse trocar a capa e a espada pelo vosso habito e cordão.... então!.... (*fica pensativo*). Não, não!.... o irmão do Marquez de Ferreira não pôde formar taes projectos. Sou filho segundo, sou pobre, não tenho honras, mas sou nobre, sou joven, tenho valor e tudo heide alcançar. Fr. José, meu amigo, (*abraça Fr. José*) não posso, não posso obedecer-vos!!... Minha sina é ser chefe de uma revolução, minha estrella manda que despreze os perigos, e que sobre elles forme minha fortuna, minha ventura. Só correndo riscos sobre riscos é que poderei tornar-me digno de possuir..... (*fica pensativo.*)

FR. JOSÉ. — A D. Elvira?

D. RODR. — Sim a D. Elvira. (*com vivacidade.*)

FR. JOSÉ. — E quereis roubar D. Elvira a vosso irmão?

D. RODR. — (*Com raiva*) Roubar! Por que?

FR. JOSÉ. — Pois não sabeis que o Conde de Basto, seu pai, já a prometteo ao Marquez de Ferreira?

D. RODR. — O Conde a prometteo ao Marquez!..... A ambição contractou com a soberba; mas o pai nada estipulou com o consentimento da filha, e por isso meu irmão não tem direito algum sobre D. Elvira, que não foi ouvida, e que o aborrece e odeia. E se for necessario esta espada!....

FR. JOSÉ. — Fará commetter á D. Rodrigo cri-

mes sobre crimes! Fará que em Evora não hajão leis nent costumes, fará reinar a anarquia, será ella a motora da guerra civil e.....

D. RODR. — E libertará o povo, e chamará para o throno portuguez o seu legitimo rei.

FR. JOSE'. — Com a condição de ser o povo instrumento cego das paixoes de D. Rodrigo, e o rei encher o irmão do Marquez de Ferreira de graças e riquezas, tornando-o mais poderoso que seu rival!

D. RODR. — (*Com desespero*) Só o amor da patria, só os interesses dos Portuguezes!....

FR. JOSE'. — Só o amor de D. Elvira cega a razao de D. Rodrigo, só ao interesse de a possuir sacrifica o irmão do Marquez de Ferreira, o seu sangue, a sua alma, a sua religiao, a sua patria, e todos os portuguezes!

D. RODR. — (*Com raiva leva a mão á espada*) Fr. José! Fr. José! vós abusais, vós me perdeis!..... ja sou homeni, já não tenho mentor, já não quero ser governado, nem reconhecer sobre mim um superior!

FR. JOSE'. — (*Com paciencia e bondade*) D. Rodrigo, D. Rodrigo! vós abusais de vós mesmo! vos lançais em um abysmo! Agora mais que nunca necessitais de um pai, de um amigo, de um mentor, de um velho frade, que em nome de Deos vos falle, que vos anime, que vos console, que vos ensine a governar vossas paixões, e tenha a bondade de vos abrir os olhos, para que conheçais a verdade! (*pega na mão de D. Rodrigo*) Ha quatro lustros que o velho Marquez de Ferreira, no leito da morte me entregou uma criança de cinco annos, e me fez jurar de não abandonar ao seu filho querido, fructo de um segundo matrimonio, fructo de uma paixão e de um crime.... E esse menino era D. Rodrigo! Quereis que o frade com os pés na sepultura falte aos seus juramentos?

D. RODR. — Quero que o respeitavel anciao tenha prudencia.

FR. JOSE'. — (*Com amor*) Meú filho, a prudencia só pôde ter logar quando as cousas nao chegam ao extremo. Quando o doente está na ultima crise é

necessario salvá-o, é necessario usár de remediós fortes e ultimos; e n'esta occasião a prudência é só medo, é cobardia, é interesse, é crime; e aquelles que clamão por prudencia ou são cegos de razao. ou são malvados socios no mesmo crime. (*leva a mão de D. Rodrigo ao coração, e lhe diz chorando*) Por causa de D. Elvira D. Rodrigo está com um pé no cadafalso, e talvez em bem pouco tempo D. Elvira não queira até saber do nome do infamado D. Rodrigo, que agora tanto lhe agrada, e deseja ouvir! Talvez ella em bem pouco tempo tome como uma injuria o amor do amante, que agora tanto presa. (*D. Rodrigo chora*) D. Rodrigo! D. Rodrigo! chorais!..... Desde já agradeço aos Ceos de terem os nobres sentimentos do vosso coração triumphado sobre esse cego amor.

D. RODR. — Fr. José, vós nunca amastes, e não sabeis o que é o amor!.....

FR. JOSÉ'. — (*Larga a mão de D. Rodrigo, e diz com calor*) Nunca amei!.... (*leva a mão direita sobre o coração e olha para o Ceo*) Deos de misericordia! fazei que este misero coração ja esquecido do mundo, e regelado com setenta invernos, não palpите, não sofra com funestas recordações! Porem! ouço bulha! (*vai ver quem é*) ahí vem o juiz do povo..... graças á Providencia divina, não acharão o Corregedor. (*Pega no braço de D. Rodrigo*) D. Rodrigo deveis me seguir, assim o mando em nome das cinzas do vosso pai. (*D. Rodrigo põe o chapéo na cabeça e sahem.*) *Entrão o Juiz e Escrivão: ficão cobertos.*

JUIZ. — Com os diabos a casa está abandonada, nem o Corregedor nem os criados?

ESCR. — Eu bem o procurei, fui as adegas, ao jardim, aos palheiros, e a toda a parte.

JUIZ. — O mesmo fiz eu, porem agora estou convencido que o tal frade por artes do demonio lhe deo meios de fugir.

ESCR. — Hade estar no convento comendo e bebendo e rindo-se do povo! Sr. Juiz, vamos dizer ao povo que vá queimar o convento, e leve o dia-

bo o Corregedor, e os frades, que são os peccados em carne... vamos.

JUIZ. — Não meu João Barradas, não devemos fazer loucuras — frades sempre são frades, e a Inquisição hoje mesmo nos póde fazer desaparecer do mundo, e adeos os fructos dos nossos trabalhos.

ESCR. — Que fructo? Eu ca por ora nada recebi antes tenho gasto.

JUIZ. — Ainda não é tempo! Quando os bens dos fidalgos forem vendidos, nós por vil preço havemos de comprar boas propriedades, os empregos que elles tem serão nossos, e o dinheiro que se achar na occasião do sequestro, isso ja se sabe!....

ESCR. — São as custas da revolução?

JUIZ. — Isso mesmo, tiradas algumas esmolas para os conventos, pois sempre é bom o termos a Deos da nossa parte.

ESCR. — Porem não era melhor dar esmolas aos pobres, e mandar levantar um arco na praça publica em honra dos nossos feitos, e do nosso amor da patria?

JUIZ. — Isso depois: dos cofres publicos devem sahir taes despezas, bem como as pensões ás viúvas e aos benemeritos.

ESCR. — Que cofre, nem meio cofre, o governo não tem vintem.

JUIZ. — Lanção-se tributos.

ESCR. — Porem não é esta revolução por causa dos tributos?

JUIZ. — Estes são para o rei, e aquelles como hão de ser para o povo, tudo será bom e justo.

ESCR. — Sñr. Cezinando, Vmc. sempre tem uma grande cabeça!

JUIZ. — Porem, meu Barradas, porque motivo tanto desejavas achar o Corregedor?

ESCR. — Para ajustar contas.

JUIZ. — Porque?

ESCR. — Elle ha dous annos me mandou prender, queria agora mostrar-lhe o poder do meu braço.

JUIZ. — É porque vos mandou elle prender?

ESCR. — Por nada, por causa de uma brincadeira, por ter amado de mais uma donzella.

JUIZ. — Então elle teve razão o mesmo faria eu.

ESCR. — Qual razão, nem meia razão; fez-me mal, devia ter fechado os olhos, e agora que o povo governa, os magistrados devem pagar as injurias feitas com justiça ou sem ella; e se assim não é para que gritamos — Viva a liberdade! —

JUIZ. — Sinto passos!..... Do jardim vem alguém!..... vamo-nos esconder n'aquella porta para observarmos quem é. (*vão*).

*Entra Braz, pé por pé, muito assustado e ben-
zendo-se.*

BRAZ. — En nome do Padre, Filho, e Espirito Santo! Santo Deos, parece que tudo morreo!... Nem criados, nem criadas, nem o Corregedor, nem meu amo! E esta!..... Como é que deixarão a porta do jardim aberta, e a casa d'esta maneira! (*bate na testa*)..... Quem sabe se o Sñr. povo levou tudo para o cemiterio?..... porem não pôde ser, pois o Sñr. D. Rodrigo é protector do povo, e a Sr.^a D. Elvira que anda em dia n'estas cousas não havia de me mandar entregar uma carta, já e já, á uma alma do outro mundo! (*torna a benzer-se*). Porem para que dei ouvidos ao povo, para que acreditei que meu amo estava n'esta casa; e para que fui confiado entrando pela porta do jardim?..... Sñr. Braz, Sñr. Braz, fez mal!..... agora se faltar alguma coisa hão de dizer, foi o Braz, foi o Braz!..... e que tal!... Vamos por onde entramos (*quer sahir mas o Juiz do povo o prende ficando de um lado o Juiz do outro o Escrivão*).

JUIZ. — Estais preso a ordem do povo!

ESCR. — E' espião hade morrer por vontade do povo!

BRAZ. — (*Tremendo se ajoelha e com as mãos postas*) Que?..... que?..... que?... peão!..... e mais que peão..... sou peão, sou do povo, sou um criado de Vms.!

JUIZ. — Levanta-te (*Levanta-se tremendo*) Quem te mandou aqui?

BRAZ. — Da casa do Sñr. Conde de Basto.

ESCR. — O Conde de Basto, o maior inimigo do povo! E' espião! morra summaria e prompta-

mente Sñr. Juiz peço em nome do povo justiça , se não (*Tira uma pistola. Braz se deita no chão e principia a gritar.*)

BRAZ. — Misericordia ! misericordia , Sñr. Juiz ! appello para o Sñr. povo ! meu amo, meu amo ! Sr.^a D. Elvira ! Sñr. Fr. José ! St.^o Braz ! Anjo da minha guarda !

JUIZ. — Cala-te , e levanta-te já (*Braz se levanta.*) Quem és ?

BRAZ. — O criado do Sr. D. Rodrigo.

JUIZ. — O que vieste aqui fazer ?

BRAZ. — Visitar o Corregedor.

ESCR. — Morra , morra é trahidor ao povo !

JUIZ. — Pois o que queres do Corregedor ?

BRAZ. — (*Tremendo e fazendo caretas*) nada , nada , Sr. Juiz.

JUIZ. — Então vieste dar-lhe meios de fuga ?

BRAZ. — Eu ! eu ! juro pelo Santo Breve da marca que nem se quer o vi.

JUIZ. — Se o visses ?

BRAZ. — Faria o que Vmcs. mandassem.

JUIZ. — Conta a verdade : o povo é um Juiz recto , e se estás innocente defende-te ?

BRAZ. — Sñr. Juiz , sou tão innocente como os meninos que nascêrão hoje ; pois olhe , Sr. Juiz , os peccados velhos hontem os deixei no convento de S. Francisco ; e que penitencia ! que penitencia ! (*Principia a chorar.*)

JUIZ. — Em nome da lei vos mando dizer a verdade , se não !

BRAZ. — A verdade , a verdade , sim Sñr. , a verdade olhe Sñr. Juiz eu vim procurar o Chefe do povo

JUIZ. — O Chefe sou eu , e o que me queres ?

BRAZ. — Vmc. (*fazendo cortezias*) Vmc. ! Vmc. ! porem ! porem ! . . . olhe Sñr. Juiz , onde está o Sñr. Rodrigo , o Sñr. meu amo , aquelle que tem dado um milhão de juramentos de defender o povo !

JUIZ. — Então vieste procurar a D. Rodrigo.

BRAZ. — Bravo , bravo , Sñr. Juiz , isso mesmo é a verdade , verdade verdadeira.

JUIZ. — Quem te mandou ?

BRAZ. — Peor é essa!.... Sñr. Juiz, um criado não pôde declarar os segredos do seu amo! E que segredos!....

ESCR. — Traidor! traidor!.... morra (*aponta a pistola e Braz se poem de joelhos.*)

BRAZ. — Perdão! perdão!.... um padre, o Sñr. Fr. José! (*Chora.*)

JUIZ. — Mando, e quero saber já e já esses segredos; talvez d'elles dependa a salvação da patria, cujos destinos estão confiados pela Providencia ao meu sabio governo.

BRAZ. — A Sr.^a D. Elvira!....

JUIZ. — Aonde está ella?....

BRAZ. — Em sua casa.

JUIZ. — Então?....

BRAZ. — Esta carta! (*tira da algibeira uma carta e a dá ao Juiz. Levanta-se, e sempre chorando pergunta ao Juiz.*) E posso agora ir cumprir a minha penitencia?

JUIZ. — Podes. (*Sahe benzendo-se.*)

ESCR. — Uma carta! Que prova!.... que prova!.... Tudo estava perdido, tudo estava perdido se não fosse o meu zelo, a minha actividade e finura! (*exclama com orgulho.*) Patria estás salva!

JUIZ. — Vamos a ler a carta.

ESCR. — Alto lá, Sñr. Juiz,.... um tal documento só pôde ser aberto perante o povo.

JUIZ. — (*Zangado.*) E não sou eu quem governo? Não tenho em minha mão todos os poderes do povo?

ESCR. — Governa!.... sim governa, mas em nome do povo; e sobre poderes Vmc. os não tem, ao menos não me consta quando, a onde, e com que condições o povo lh'os dêsse.

JUIZ. — (*Com impaciencia.*) Sñr. Barradas, Vmc. quer introduzir a anarchia, e parece-me que já está vendido aos tyrannos! Trema!! (*Abre a carta e lê.*)

“ D. Rodrigo — Ha dias chegou de Madrid Fr. João
 “ de Vasconcellos, e traz amplos poderes d'El-rei.
 “ Amanhã ás 9 horas se reune a Junta dos nobres,
 “ e deveis comparecer sem falta pois meu pai e os
 “ fidalgos principião a murmurar de vós. — Adeos.,

(*Fecha e guarda a carta e dá uma grande risada, e passeando diz com escarneo.*) Patria! estás salva! Patria! estás salva!

ESCR. — (*Zangado.*) Vmc. zomba! Olhe que eu sou do povo, sou povo, e o povo póde esmagar e reduzir a pó a sua authoridade!

JUIZ. — (*Zangado.*) Lembre-se, Sñr. Barradas, que eu tenho o poder!

ESCR. — Poder de fallar, não é assim? (*Dá uma grande risada.*)

JUIZ. — Nada de questões, que não tem affinidade com os altos interesses politicos. O povo nos espera — vamos. (*Sahem.*)

SCENA 2.^a

Casa do Conde de Basto. Vista de Sala, deve existir uma mesa e cadeiras. — Entrão o Conde, sua filha, e a criada. Na porta se ouvem gritos do povo -- Queremos entrar, queremos já e já! Viva a liberdade! abaixo os tyrannos. -- O Conde quer abrir a porta e D. Elvira lhe toma o passo.

D. ELVIRA. — Meu pai por maneira alguma deveis abrir a porta, eu vos peço que tenhaes piedade de mim!

CONDE DE BAST. — De nada devo temer, minha filha; e se o povo deseja entrar porque motivo devo ter receio de lhe abrir as portas do meu palacio?

D. ELV. — O povo amotinado não tem razão bastante para reconhecer o seu dever, e a paixão que o cega pode obrigar-o á menosprezar vossas virtudes, correndo talvez risco a vossa propria vida. E' necessario, meu pai, ceder á grande torrente. (*O povo grita — Viva a liberdade!*) Ouví, Sñr., como o povo em furia, chama a seu favor a liberdade, e julga consistir ella na licença de entrar arbitrariamente em vosso palacio!

COND. BAST. — Se eu não me oppuzer á torrente popular, quem mais terá obrigação de salvar Evora da triste crise que a ameaça?

D. ELV. — Vós não viveis só para o Estado, viveis tambem para mim! Sois cidadão, mas tambem

sois pai; e arriscar a vossa vida é abandonar-me, é deixar-me na orphandade! (*Chora.*)

COND. BAST. — Minha filha! Eu não te abandono, eu te adoro! Querida Elvira, (*pega na mão de Elvira*) amada filha, eu só vivo para ti!

D. ELV. — Pois então meu pai porque não me fazeis a vontade, porque não vós retiraes, e porque não deixais que eu falle ao povo: elle hade respeitar o meu sexo e a minha idade! (*O povo grita — abaixo os aristocratas, morrão os tyrannos.*) Não ouvís, Sñr.! O povo talvez instigado pelos vossos inimigos! Talvez sirva de instrumento.

COND. BAST. — Sim, minha filha, essa é talvez a pura verdade. O povo n'estas occasiões é quasi sempre instigado por aventureiros, que tudo tem a ganhar, e só a perder a cabeça, sempre jogada com imprudencia nas revoluções em troca de imaginarias felicidades, ou então com vís planos de satisfazer mesquinhas paixoes! Elles servem-se da multidão como de um instrumento, sem se lembrarem que a mesma revolução os hade devorar; e que essas massas populares, instrumento fatal dos seus planos, só constituem um poder precario, sem os vinculos da moralidade, da religião e do respeito para com os principios do justo. Não se lembrão, que, posta uma vez em giro a roda de qualquer revolução, não está no calculo humano o adivinhar a meta de sua carreira: não se lembrão, que, elles mesmos quando tremem á vista dos crimes populares e quizerem lançar o braço para obstar o progresso d'esta ordem de cousas, hao de ser esmagados debaixo d'esse violento movimento a que derão impulso! (*O povo grita — deite-se fogo ao palacio.*)

D. ELV. — (*De joelhos.*) Retirae-vos, meu pai, eu fallarei ao povo!

COND. BAST. — (*Levantando D. Elvira.*) Como queres que eu te exponha ao furor do povo, que por naturêza é feroz, e que por habito é ingrato? Elle nem ouve os gritos da natureza, nem respeita as Leis de Deos, nem as da sociedade! Julgas que o teu sexo pode impor á populaça sempre imprudente e desenireada nos momentos da sua prosperidade?

Não, minha, filha tal não consinto, e mando como pai que te retires; e espero e quero ser obedecido!

CRIADA. — (*A parte.*) Estou tremendo... se D. Rodrigo apparecesse seria agora um anjo.

D. ELV. — Eu vos obedeço, meu pai, porem...

COND. BAST. — Nada de excusas — Ausenta-te assim o mando. (*Sahe D. Elvira chorando juncto com a criada. O Conde vae abrir a porta, o povo entra mas fica todo juncto á porta, e o Conde de Basto com muito sangue frio lhe diz.*) Povo d'Evora que me quereis? Sou vosso natural, tres vezes governei este Reino sem vos fazer agravo, aqui me tendes: e se para vossa quietação serve a minha morte, matae-me, e socegae-vos: se quizerdes poupar-me a vida para vos ajudar no que vos convem, obrae como vos parecer, mas não vos esqueçaes de que sois Portuguezes, onde nunca se conheceo mancha de deslealdade! (*O povo confuso se retira.*)

COND. BAST. — (*Olhando para o Ceo.*) Deos de piedade! eu vos agradeço o vosso amparo! (*Entra D. Rodrigo.*)

D. RODR. — Sñr. Conde, (*Tira o chapeo*) constou-me que o povo faltava ao respeito devido á vossa pessoa, corri, e ainda em vossa escada achei aos imprudentes,..... esta espada! (*leva a mão a espada.*)

COND. BAST. — D. Rodrigo, eu vos agradeço, porem risco algum corri, antes pelo contrario cheio de gloria confesso, que o povo respeitou a minha idade. (*Vae para o pé de uma meza e toca uma campainha: entra um criado e o Conde lhe diz.*) Dai-me cadeiras. (*O criado traz cadeiras e sahe.*)

D. RODR. — Não obstante o vosso valor sempre foi uma imprudencia expor os vossos preciosos dias, que tão necessarios são á patria.

CONDE. — Cumpri com o meu dever; e vos juro que fallei ao povo sem o menor susto?

D. RODR. — Em taes occasiões nem sempre a multidão respeita o merecimento.

CONDE. — E' a grande vantagem que o homem religioso tem sobre o impio: nas crises o impio desespera, e o homem temente a Deos se enche de esperanças e confiança. — Assentai-vos Sñr. (*Assen-*

tão-se) Tenho que vos communicar, que El-rei escreveu à Junta da Nobreza agradecendo-lhe os bons serviços prestados; e desejando El-rei acabar com meios brandos o tumulto do povo mandou Fr. João de Vasconcellos com plenos poderes para reduzir os animos, perdoando a todos aquelles que quizerem acceitar a clemencia real. Hoje devia haver Junta, mas a ausencia de alguns fidalgos foi a causa de ficar a reunião transferida para o dia vinte, as oito horas da noite: desejava a vossa presença, para que o vosso parecer fosse tambem dado sobre o melhor meio de convencer ao povo a largar as armas. Aproveito tambem esta occasião para vos dar parte, que vosso irmão o nobre Marquez de Ferreira me pedio a mão de minha muito amada e presada filha (*D. Rodrigo se impacienta*); e esta união.... o que tendes Sñr.?

D. RODR. — Nada!.... podeis continuar.

CONDE. — Esta união vos deve ser agradavel: o casamento ficou justo para... (*D. Rodrigo se levanta arrebatado, e com violencia diz*).

D. ROD. — Para quando o sangue do povo correr?

CONDE. — (*Levanta-se e muito a sangue frio diz.*) Não, D. Rodrigo, não hade haver sangue, e espero que o dia das bôdas será um dia de paz para o povo de Evora. Vós haveis de concorrer para que o povo acceite....

D. ROD. — (*Com impetuosidade.*) Os ferros, a escravidão!!

CONDE. — (*Com espanto.*) Eu me assusto com as vossas palavras, e....

D. ROD. — Que esperar pôde Portugal de um rei que pretende mandar tropas estrangeiras contra o povo? De um rei que é estrangeiro aos portuguezes? O que se pôde esperar de um rei que não respeita aos seus juramentos, e é o primeiro a violar as leis fundamentaes?

CONDE. — (*Com impaciencia.*) Fallai baixo, Sñr., pois n'aquelle quarto (*aponta para o lado*) está hospedado Fr. João de Vasconcellos, e vos pôde ouvir.

D. ROD. — Está em vossa casa o espião do Conde Duque?

CONDE. — Prudencia D. Rodrigo!

D. ROD. — Que fim leváráo as conquistas portuguezas? Que fim leváráo as riquezas do reino? Que fim leváráo as Côrtes portuguezas? Em que consiste hoje a liberdade do povo, e os privilegios da nobreza?

CONDE. — D. Rodrigo a vossa idade vos arrebatava?

D. ROD. — Pois haverá algum portuguez que não chore sobre as ruinas da patria! Que não desespere á vista das desgraças que os reis Filippes tem causado a Portugal?

CONDE. — Vós confundís os erros dos Ministros com a vontade dos reis.

D. RODR. — E de que servem aos portuguezes reis que são escravos de seus ministros? De que serve á Portugal a actual monarchia quando os reis reinão e não governão?

CONDE. — (*Com impaciencia.*) Nossos avós todos vivêráo sobre o governo de reis!

D. ROD. — (*Com calor.*) Mas não de ministros.

CONDE. — E ainda que as cousas fossem como o vosso patriotismo as pinta, é necessario fazer agora justiça á Côrte de Madrid. O Conde Duque mandou a Fr. João para persuadir ao povo a largar as armas, e ao Juiz Cesinando Rodrigues, e a João Barradas, seu Escrivão, para irem á Côrte pedir perdão a El-rei: S. Magestade lhes perdoa e a todos os complicados no tumulto, seja qual for o seu numero e jerarchia. O Corregedor André de Moraes já está removido para Braga; e Diogo Fernandes Salema só vem a Evora para administrar justiça, e fazer reinar a ordem. El-rei mandou pôr em movimento as suas tropas, porem com evidente razão e sabia politica, pois os governos necessitão, para serem governos, perdoar, mas perdoar com dignidade e com proveito da sociedade.

D. ROD. — (*Com vivacidade.*) Perdoar espezinhando?

CONDE. — Perdoar como superior, com poder,

e por ter poder, e não pactuando de igual a igual, por fraqueza e falta de recursos.

D. ROD. — Perdoar como tyranno?

CONDE. — Perdoar é sempre perdoar, e em tal acto nunca ha tyrannia.

D. ROD. — E julgais, Sñr. Conde, que não ha tyrannia quando um governo quer que um povo innocente se confesse criminoso?

CONDE. — O povo de Evora não está innocente.

D. ROD. — O povo de Evora está em seu direito: são portuguezes, querem salvar a patria do jugo estrangeiro.

CONDE. — São portuguezes, e querem com uma imprudente e louca revolução, sem plano, sem combinação, e até sem fim politico, sacrificar a patria! Querem que a patria de uma vez perca o seu nome, e o resto de sua antiga gloria! Estais vós, D. Rodrigo, convencido, que uma cidade, ou mesmo uma provincia esteja em seu direito, quando com tumultos arruina o reino? Julgais ser possible! que nos Estados se consintão, se approvem, ou mesmo se tolerem os tumultos parciaes da população?

D. ROD. — E julgais vós, Sñr. Conde, que o direito nasce do numero, ou da fôrça? Julgais que os povos nascêrão para ser escravos dos governos; e que o direito de resistencia seja uma ficção, uma quimera?

CONDE. — Tudo tem um meio termo, e vossas ideias sendo verdadeiras necessitão ser combinadas....

D. ROD. — (*Com muito calor.*) Combinadas com o medo, com a cobardia!

CONDE. — (*Com paixão.*) Sinto que o filho do nobre Marquez de Ferreira me guarde menos respeito do que a plebe de Evora! No Conde de Basto não ha medo; e a cobardia nunca foi a partilha de sua familia. Os annos me tem dado a prudencia que vos falta, e amor de patria mais illustrado do que o vosso! (*Pega na mão de D. Rodrigo e a leva ao coração.*) Reparai! escutai o bater d'este coração, e decidí se n'elle ha ou não firmeza! se n'elle po-

de entrar o medo e a cobardia! Decidí se elle per-
tence ou não á um Alancastre!

D. ROD. — (*Retira a mão com pejo.*) Perdoai Se-
nhor

CONDE. — Sim, joven amigo, vossos annos tem
a desculpa pedida! Eu tambem passei pelo verdor
da mocidade, tambem soffri o combate das paixões,
e tambem julguei que o amar a patria consistia ar-
dentemente ambicionar vel-a livre dos ferros extran-
geiros, fossem quaes fossem os meios (*Fr. João vem
a entrar na Sala, mais ouvindo a conversa torna para
a porta, e fica escutando.*) Tramei; procurei acordar
todos os sentimentos de patriotismo nos fidalgos; re-
volví todos os meios de chamar a nossos interesses
as nações estrangeiras; animei e excitei o furor, e
todas as paixões do povo; corri Portugal — cidade
por cidade, villa por villa, e de todo o meu tra-
balho só conseguí a severa lição de vêr e conhecer,
que o brio das nações morre, como nos homens
morre a actividade.

D. ROD. — (*Com arrebatção,*) O brio da patria
ainda não morreu, nem hade morrer!

CONDE. — Assim seja; porem ouvi-me: — Por-
tugal curvado debaixo do pezo da sua gloria, e gran-
deza, expirou com El-rei D. Sebastião nas ardentes
areas d' Africa! Lá na Africa ficáráo sepultados, —
o nosso rei, a nossa gloria, o nosso nome, a flor
da nossa nobreza; e mais que tudo a nossa liber-
dade, e as nossas esperanças!

D. ROD. — (*Com impaciencia.*) As nossas espe-
ranças!! Ah! não! não! Portugal será
livre; teremos um rei nosso, e o reino volverá aos
seus bellos dias de gloria!

CONDE. — (*Suspirando.*) E' um impossivel!

D. ROD. — Impossivel! porque? Não está ainda
D. João em Portugal? Não lhe compete de direito
a corôa? A nobreza não tem o direito de o cha-
mar para o throno? O povo não o adora?

CONDE. — E de que serve o direito sem a fôrça
necessaria para o sustentar? Que esperanças pode-
mos ter á vista da nossa fraqueza? Póde por ven-

tura Portugal sem recursos alguns sustentar uma guerra contra o poder das Castellas?

D. ROD. — As nações estrangeiras?....

CONDE. — Os estrangeiros só tomarão parte na lucta da independencia, se acaso Portugal quizer trocar os ferros — deixar de pertencer á Peninsula para pertencer a um Senhor longiquo; deixar de ser provincia para ser colonia.

D. ROD. — Os nobres?....

CONDE. — A nobreza não tem armas, não tem dinheiro; não tem clientella, e não tem uniao.

D. ROD. — O grito da liberdade os hade unir!

CONDE. — Estais enganado! Muitos julgão que a Peninsula deve ter um só governo, e que Portugal só pôde ser feliz fazendo parte de uma grande monarchia, cheia de vida e recursos.

D. ROD. — (*Com leviandade.*) E sereis vós um dos que possuem essa convicção?

CONDE. — (*Com paixão.*) Eu amar aos Filippes! Desejar ser Castelhana! (*puxa pela espada*) Experimentai, Sñr., se este braço é ou não de um portuguez!.... (*Entra repentinamente Fr. João, e fica entre os dous.*)

FR. JOÃO. — Prudencia nobre Conde!

CONDE. — Quando um velho se recorda dos antigos feitos dos seus maiores, gosta de puxar pela espada para ao menos se lembrar que a soube também manear. (*Embainha a espada.*)

FR. JOÃO. — Parecia-me que!....

CONDE. — Estavamos conversando sobre o casamento de minha filha.

FR. JOÃO. — Casa com D. Rodrigo? (*a parte* Que velho dissimulado!)

CONDE. — Com seu nobre irmão.

D. ROD. — (*Com desesperação.*) Nunca!.... nunca!.... Tal casamento não se hade fazer!

CONDE. — (*Com admiração.*) O que dizeis D. Rodrigo?

D. ROD. — Que vossa filha aborrece de morte a meu irmão; e que jura....

CONDE. — (*Com impaciencia.*) Jura obedecer a seu pai!

D. ROD. -- (*Com furor.*) E' falso ! é falso !

CONDE. -- Vós o haveis de ouvir d'ella mesma !
(*retira-se. D. Rodrigo fica aterrado, e depois de alguma
pausa Fr. João diz.*)

FR. JOAÕ. -- Que mais quereis ouvir ?

D. ROD. -- De vós, nada.

FR. JOAÕ. -- De certo, porque não amais a D. Elvira.

D. ROD. -- (*Com vivacidade.*) Não amo a D. Elvira !

FR. JOAÕ. -- Sim, porque se a amasseis haviæis de procurar os meios de a possuir ; e nada mais facil.

D. ROD. -- Facil ! Mensageiro de Deos, Anjo do Ceo, por compaixão fallai ! Eu juro !

FR. JOAÕ. -- Obedecer-me ?

D. ROD. -- Sim.

FR. JOAÕ. -- Pois bem ; ouvi-me : -- Vós sabeis que o Conde de Basto é trahidor, que elle finge querer aplacar o povo, mas que na realidade só trata de promover a guerra civil

D. ROD. -- (*Com arrebutação.*) Não sei tal !

FR. JOAÕ. -- E D. Elvira ?

D. ROD. -- E para que fallaes em D. Elvira ?

FR. JOAÕ. -- E' ella a desposada de vosso irmão !

D. ROD. -- Pois bem ; continuai.

FR. JOAÕ. -- Eu tudo posso na Côrte de Madrid, mas necessito fazer alguns serviços para sem ciuime dos Cortezãos receber uma graça de El-rei.

D. ROD. -- (*Com impaciencia.*) E em que vos posso eu ser util ?

FR. JOAÕ. -- Em tudo : -- jurai-me segredo ?

D. ROD. -- Eu juro.

FR. JOAÕ. -- El-rei quer desfazer-se de D. João Duque de Bragança, e necessita fazer retirar de Portugal a nobreza do reino, deseja porem fazer isto sem offender a Deos, e sem ter remorsos de consciencia : Sua Magestade quer ter provas contra o Duque, e contra os fidalgos. O tumulto de Evora tem sido de tal modo organizado, que não só não ha provas contra D. João, mas até a nobreza se tem comportado de maneira tal, que merece louvo-

res; e El-rei não só está desgostoso, mas também se acha embaraçado nas suas altas, politicas, e paternaes vistas á respeito da nossa patria. El-rei me honrou com a sua confiança, e me mandou a Evora a fim de procurar o fio da trahição, e descobrir os criminosos: não fui para o meu convento, e me hospedei n'esta casa, centro da Junta dos nobres, para melhor poder saber de tudo, e a fundo entrar neste mysterioso tumulto promovido pelo Duque; e graças á Providencia, tenho alcançado plenas provas contra a nobreza de Evora, e contra os seus Chefes — o Conde de Basto, e esse malvado estrangeiro Fr. José da Conceição.

D. ROD. — (*Com horror.*) Faltais em tudo á verdade!

FR. JOAÕ. — A verdade é, que a manhã devo fazer sabir um correio para alcançar de El-rei licença para D. Elvira se casar com vosso nobre irmao!

D. ROD. — (*Com furor.*) Fr. Joao, mensageiro do inferno, continuai!

FR. JOAÕ. — Contra vós também tenho provas, mas reconheço que fostes illudido por esse frade, vosso antigo mentor.

D. ROD. — (*Em colera.*) Mentos, monstro!

FR. JOAÕ. — Monstro é o Conde de Basto, que tendo sido a causa da vossa perdição, agora vos nega D. Elvira só para dal-a ao Marquez de Ferreira!

D. ROD. — (*Poem o chapeo, e com calor diz.*) Fúria do inferno; e que mais?

FR. JOAÕ. — (*Com ternura affectada.*) Amei a vosso pai, e não só quero salvar-vos, mas igualmente quero dar-vos D. Elvira por esposa, e encher-vos de graças, honras, e pensões.

(*Entra o Conde de Vimioso sem ser visto; e fica escutando.*)

D. ROD. — (*Com impaciencia.*) Como?

FR. JOAÕ. — Vindé com-migo a Corte de Madrid e denunciái o Duque de Bragança, o Conde de Basto, e Fr. José da Conceição: eu farei com que ao Conde nada aconteça, e que El-rei vos mande dar em casamento D. Elvira: ambos vós se-

reis admittidos no Paço, e a vossa fortuna em breve estará feita.

CONDE DE VIMIOSO. — (*A' parte.*) Que furia! Que perverso!

D. ROD. — (*Com muita paixão.*) Alma condemnada! monstro do inferno! Ministro do demonio!.... o que é que me aconselhaes? Que denuncie ao Duque, ao Conde, e a Fr. José, não obstante estarem elles innocentes! Que me faça vil denunciante, que accete o emprego de algoz para poder possuir D. Elvira!.... Frade maldito de Deos, eu hei-de esposar a D. Elvira sem ser criminoso; salvo se os teus socios chamarem crime á tua justa punição! (*Tira um punhal*) Com este punhal vou arrancar a vil alma d'esse vil corpo! (*O Conde de Vimioso correndo sem ser visto, entra para o interior de palacio.*) Tremeis, vil e malvado espião? (*Fr. João tremendo*).... Sois um ministro da religião de Jesus Christo e me aconselhaes que me lance no inferno!.... Sois um mensageiro de El-rei, e procurastes a hospedagem d'esta casa para melhor cobarde e horrorosamente assassinar ao dono d'ella!.... Foste amigo de meu fallecido pai, e por isso procurastes a ferida mortal do meu coração, para me obrigardes á servir-vos de instrumento nos vossos crimes!.... Pedí perdão a Deos! aqui mesmo haveis de morrer, pois aqui mesmo commettestes o crime!

FR. JOÃO. — Sou um Sacerdote, e em nome da Igreja vos excommungo!

D. ROD. — Zombo das vossas ameaças, e rio-me da vossa excommunhão!

FR. JOÃO. — Juro que mal algum heide fazer!

D. ROD. — Não ouço juramentos dados por um assassino, por um perverso!

FR. JOÃO. — (*Tremendo.*) Farei ver a El-rei que todos estao innocentes!

D. ROD. — O vosso valimento só servirá nos abysmos!

FR. JOÃO. — Se tocaes n'este habito (*pega no habito*) eu vos cito para responderdes ao Santo Tribunal da Inquisição!

D. ROD. — Comparecerei perante o Tribunal da Inquisição, perante Deos, e perante os homens, depois de vós ter tirado a infame vida! (*Vai a querer ferir Fr. João, mas entrão correndo o Conde de Basto e o Conde de Vimioso, ambos com os chapéos na cabeça, e o Conde de Vimioso suspende o braço de D. Rodrigo que vai a descarregar o golpe.*)

CONDE DE BASTO. — Que fazeis D. Rodrigo!.... Um assassinato em minha casa!....

D. ROD. — Quero prevenir que um tigre escondido em vossa casa, não devore ao Conde de Basto e a toda a sua familia!

CONDE DE BASTO. — E com um punhal?....

D. ROD. — A espada, emblema da honra, não serve para punir a vileza!

FR. JOÃO. — (*Muito animado.*) Nobre Conde de Basto, essa furia (*aponta para D. Rodrigo*) me queria obrigar á seduzir a vossa filha para com elle fugir! (*D. Rodrigo quer de novo assassinar a Fr. João porem é detido pelo Conde de Vimioso.*)

CONDE DE BASTO. — Fr. João, eu já sei a verdade, e em duas palavras vos digo tudo: — Deos Misericordioso me hade livrar, e a todos os innocentes, dos perigos que nos preparas; e hade castigar os vossos crimes. Retirai-vos em paz da minha casa; ella é muito nobre, e não posso consentir que debaixo de seu tecto se castigue um criminoso.... retirai-vos Sñr.! (*Fr. João sahe furioso. D. Rodrigo guarda o punhal.*)

D. ROD. — (*Com admiração.*) E soltais a fera?

CONDE DE BASTO. — D. Rodrigo, homem nobre e generoso, vinde á meus braços! (*D. Rodrigo e o Conde se abração.*)

CONDE DE VIMIOSO. — O perigo é grande, e o tempo corre velozmente, é portanto necessario quanto antes dár providencias!.... Todos nós devemos tremer dos planos de Fr. João de Vasconcellos!

CONDE DE BASTO. — E o que posso eu fazer?

D. ROD. — (*Com muito calor.*) Acclamar a D. João rei de Portugal! Animar a nobreza; armar o povo; e acceitar o nome — de nosso nobre chefe, e de libertador da patria!

CONDE DE BASTO. — Procurar morrer criminoso !

D. ROD. — (*Com muito ardor.*) E' mais nobre morrer no campo da honra do que no cadafalso: é mais glorioso morrer com a espada na mão do que com os ferros nos pulsos: é maior patriotismo offerer o peito ás lanças dos inimigos do que cabeça ao algoz !

CONDE DE VIMIOSO. — Devemos consultar primeiro a Fr. José da Conceição, e elle será o nosso guia. — Vamos. — (*sahem.*)

Entrão D. Elvira, e Maria. D. Elvira vem chorando.

MARIA. — E para que é tanto chorar ?

D. ELV. — Tú não amas, pois se amasses, e padecesses tanto quanto eu padeço, havias de conhecer que o chorar é o unico recurso dos amantes infelizes! (*Chora*)

MARIA. — Ora isso é de mais, minha Senhora !

D. ELV. — Meu coração sente alivio com o pranto, as lagrimas fazem desvanecer os tormentos de minha alma, e esquecer os sentimentos que me ralaõ a vida, e as ideias que me assustão e horrorisãm ! O chorar me cança, e assim obtenho o socego de que necessito, e a vontade de que careço ! (*Chora.*)

MARIA. — E que fim hade ter este negocio ?

D. ELV. — Hade acabar com a morte !

MARIA. — Vós, minha Senhora, tendes a culpa de tudo, e em vossas mãos está o remedio.

D. ELV. — Em minhas mãos ?

MARIA. — Por que não fallais a verdade ao Senhor Conde ? Elle vos ama e adora, e se prometteo a vossa mão ao Marquez de Ferreira, foi de certo contando com a vossa vontade, mas como esta não existe a convenção não tem vigor.

D. ELV. — Eu ! contradizer a meu pai ! Antes morrer !

MARIA. — Antes casar !

D. ELV. — E sabes o que é o casamento ?

MARIA. — Não sei porque nunca fui casada ; e nunca n'isso pensei porque nunca amei.

D. ELV. — Nunca amaste ?

MARIA. — Nunca, minha Senhora.

D. ELV. — Feliz mulher!

MARIA. — Engano, minha Senhora, pois não sou feliz! Sinto no fundo da alma um desprazer de não amar, de não achar uma pessoa a quem ame, de não ser igual as de mais mulheres, de não sofrer como ellas sofrem, de não gozar como ellas gozao, e de não chorar como vós chorais! Possuo sentimentos que não sei o que são! Tenho ideias que não sei explicar! Padeço e não sei de que, sinto uma falta e não sei qual ella é! Ha na minha vida um pensamento incerto e inconstante, e um desejo sem objecto, que me distrahe, me amofina, e me mata!

D. ELV. — (*Suspirando.*) Maria treme de ti mesma! Teu coração é sensivel, a natureza grita, e tú mais cedo ou tarde és victima do amor, e és desgraçada!

MARIA. — E se a natureza manda amar porque não havemos de amar? Se tenho de ser desgraçada amando ou não amando, antes amar e penar, do que ficar velha, desejar, sofrer, e morrer.

D. ELV. — Maria, tú fallas segundo os sentimentos do teu coração, e não attendes aos preceitos da razão.

MARIA. — Preceitos da razão no amor! Minha Senhora, eu nunca amei, mais pelo que sinto, juro-vos, que, se amar, heide só seguir os sentimentos do coração. Calculos de razão para amar! Nada, nada, héide-me sempre lembrar do que me dizia minha avó -- casamento e mortalha no Ceo se talha.

D. ELV. — Não é assim, Maria, e a lucta entre o amor e o dever, é a causa das desgraças das mulheres. Nós todas, sejam quaes forem as nossas posições sociaes, nascemos para amar, e o amor é um resultado necessario da propria natureza. O amor é o elemento proprio do nosso sexo, é o ornato mais brilhante dos nossos corações, e é a arma mais poderosa dos nossos encantos! O amor é o nosso bem ideal, é a nossa mesma vida, é o proprio ar que respiramos! Mas qual de nós, e em que posição estará essa venturosa mulher que possa amar livremente? O respeito da sociedade nos prende, os in-

teresses de familia nos arrastão, os mandados dos pais nos obrigão, os motivos de conveniencia nos cegão, e os males futuros nos atterrao! Maria, as leis de Deos nos mandao só amar, porem as leis da sociedade nos mandao — amar e penar, sofrer e calar, sacrificar nos altares e implorar a Deos constancia na virtude, e valor para a morte! (*Chora.*)

MARIA. — E deveis morrer para obedecer a vosso pai! E Deos quer isso?

D. ELV. — Devo obedecer a meu pai, pois nem as leis de Deos, nem aquellas da sociedade, me authorisao a faltar-lhe ao respeito, a negar-me ás suas ordens, a não fazer-lhe a vontade. Devo ser esposa sem amar, e devo amar sem ter esposo! Devo aborrecer ao Marquez de Ferreira, e fingir que o amo; e devo amar a D. Rodrigo e fingir que o aborreço! Devo rir em publico para o marido, e chorar em particular pelo amante! Devo ser fiel aos meus juramentos, por convicção, segundo a religião, e principios de educação; e deve o meu coração ser infiel, por sentimento, por desejo, por odio, e por vingança! Devo desejar e tremer, devo sentir e calar, devo ver e fugir, devo amar e odear, devo-me casar e logo morrer!

MARIA. — E quaes são mais fortes — as leis da natureza ou aquellas da sociedade? E por ventura o amor respeita as ideias dos homens, as imaginações da sociedade, e ás ficções do poder?

D. ELV. — A virtude respeita o dever, e isso para mim só basta.

MARIA. — Vosso pai, Senhora, abusa!

D. ELV. — O que dizes, Maria! Meu pai abusar!

MARIA. — Não podeis, Senhora, ser obrigada a dar o vosso consentimento?

D. ELV. — Não fazer eu a vontade a meu pai? Leval-o á sepultura! Tirar a vida a quem devo tudo! Maria, amo-te muito, e não quero ouvir-te mais, se pensas em contrario ao meu modo de sentir.

MARIA. — E' necessario fallar francamente a vosso pai, e confessar-lhe a vossa paixão.

D. ELV. — E para que? Não me contastes á

pouco que elle declarou a D. Rodrigo, que eu havia de obedecer ás ordens paternas, e amar o esposo que os Ceos me destinão?

MARIA. — Tudo é verdade

D. ELV. — Então só me resta obedecer, e esperar pela morte? (*Chora.*)

MARIA. — E agora que tudo em Evora está fóra de seus eixos, tambem sois obrigada a obedecer e esperar pela morte?

D. ELV. — E o que tem o meu dever, e a minha honra, com o tumulto do povo em Evora?

MARIA. — Novos tempos novas leis, e novas leis, novos usos e costumes!

D. ELV. — Maria, não deves fallar n'aquillo que não entendes.

MARIA. — Tendes razão, minha Senhora, pois sempre ouvi dizer — que mulher doutora é mulher tola, e que mulher mettida á politica é na sociedade pessoa ridicula.

D. ELV. — O criado de D. Rodrigo, já trouxe a resposta da minha carta?

MARIA. — Ainda não, Senhora.

D. ELV. — (*Zangada.*) Logo que vier, que se retire.

MARIA. — Assim tão laconicamente?

D. ELV. — Pois que fique se quizer.

MARIA. — Tambem não, porque elle não é criado do Sñr. Conde.

D. ELV. — Despede-o promptamente.

MARIA. — E a resposta da carta?

D. ELV. — Que a torne a entregar a D. Rodrigo.

MARIA. — E o contheudo na carta?

D. ELV. — (*Com impaciencia.*) De nada quero saber.

MARIA. — Para que haveis, minha Senhora, de perder as esperanças? Não dizem ser certo, que nas revoluções — os homens grandes devem descer para que os pequenos subão? Que os ricos devem ficar pobres, para que os pobres fiquem ricos? Quem sabe se agora o Marquez de Ferreira tem de descer, e D. Rodrigo de subir?

D. ELV. — O tumulto do povo só hade perder a D. Rodrigo.

MARIA. — Nunca tal ouvi dizer! antes pelo contrario dizem, que só se entra nas revoluções para ganhar, cada um conforme os seus desejos — ou gloria, ou poder, ou influencia social, ou honras, ou empregos, ou dinheiro.

D. ELV. — D. Rodrigo só tem em vista o amor da patria.

MARIA. — São palavras agora da moda, mas como chegarão á muito pouco tempo a Evora ainda não lhes sei o valor.

D. ELV. — Maria, não debes dar em tudo ouvidos ao vulgo. Em politica ha ideias que são nobres em si mesmo, embora o interesse pessoal já mais d'ellas se possa separar: ha acções heroicas que podem ser crimes: ha convicções justas e generosas que podem ser erros: ha factos mais dignos de lastimar do que censurar! A alma de D. Rodrigo é muito elevada!

MARIA. — E muito sublime é o interesse de D. Rodrigo, pois elle só deseja alcançar a mão da bella, virtuosa, e illustre D. Elvira!

D. ELV. — (*Zangada.*) E que influencia póde ter o tumulto do povo em tal pretensão?

MARIA. — O tumulto de certo nada, porem se o plano for avante D. Rodrigo deve muito esperar. O Duque de Bragança lhe será devedor da Coroa, e o hade encher de honras, grandezas e riquezas.

D. ELV. — (*Com impaciencia.*) E o que tem com isso meu pai?

MARIA. — Muito, minha Senhora, pois elle para agradar ao novo rei hade procurar a honra de casar-vos com o valido!

D. ELV. — E a promessa já feita ao Marquez?

MARIA. — Promessa feita sem o vosso consentimento, não tem a menor validade.

D. ELV. — (*Suspirando.*) Tu sonhas!

MARIA. — É um sonho que vos agrada!

D. ELV. — Maria, tu só me queres illudir com esperanças! Quando vier a resposta desejo logo recebê-la.

MARIA. — Não me ordenastes que a não recebesse ?

D. ELV. — (*Zangada.*) Sim ! é verdade ! manda embora o criado.

MARIA. — E não seria bom lêr a carta ?

D. ELV. — Tens razão recebe-a.

MARIA. — Então ainda ha esperanças ?

D. ELV. — (*Com impaciencia.*) Na verdade, a carta de nada serve ! Não a quero ver.

MARIA. — E o que hade fazer o criado ?

D. ELV. — Que a entregue a D. Rodrigo.

MARIA. — E D. Rodrigo não hade sentir ?

D. ELV. — (*Zangada.*) Recebe a carta, e eu te espero no meu quarto. (*Sahe.*)

MARIA. — Os namorados nem sabem o que querem ! Coitados ! cuidão que os demais não conhecem os seus desejos e pensamentos ! Desgraçada Senhora ! (*Sahe.*)

Fim do primeiro acto.

Acto 2.º Período 2.º

SCENA 1.ª

Vista de bosque: ainda é escuro: - Marquez de Ferreira, e D. Julião de Munhoz conversando.

MUNHOZ. — Talvez essa carta seja falsa ?

MARQUEZ. — Já vos mostrei a carta, e não ha a menor duvida. A louca paixão, que D. Rodrigo tem por D. Elvira, é a causa de todo este procedimento: elle pensa, que eu sou o culpado de lhe ter o Conde de Basto negado a mão de sua filha.

MUNHOZ. — E porque negou o Conde a filha a D. Rodrigo ?

MARQUEZ. — Meu irmão é filho de uma Senhora estrangeira, e não conhecida em Evora; e que veio para casa de meu fallecido pai depois de Fr. José da Conceição ter intimidade com o velho Mar-

quez, e ainda no dia de hoje se não sabe para que veio, e qual o seu nascimento.

MUNHOZ. — Vosso pai se casou com essa Senhora ?

MARQUEZ. — Casou-se, e até com licença de El-rei, mas parece que tudo foi feito por principios de dever.

MUNHOZ. — Então o Conde não tem razão, pois sendo D. Rodrigo filho legitimo do Marquez de Ferreira é tao nobre como vós.

MARQUEZ. — Meu irmão não é dos nossos, e pertence ao partido dos compromettidos no tumulto do povo; e mesmo talvez seja elle o principal cabeça !

MUNHOZ. — Essa palavra — dos nossos — é hoje a ordem do dia, e ella serve de pretexto para tudo ! Meo amigo, o Conde bem sabe, que, nas revoluções quando os pequenos se associão com os grandes, aquelles, como miseraveis, são as unicas victimas : elle bem sabe, que o ouro, as protecções, e as posições sociaes tem muito poder nas Cortes dos reis !

MARQUEZ. — Porem meu irmão....

MUNHOZ. — Tem a protecção de Fr. José, que o educou como filho; e Fr. José é o valido da Duqueza de Mantua, e é o idolo do Arcebispo Inquisidor Geral.

MARQUEZ. — D. Rodrigo não tem bens da fortuna !

MUNHOZ. — D. Elvira sendo filha unica não necessita de marido rico.

MARQUEZ. — O Conde não é rico, e o seu pequeno morgado está empenhado. O Conde conhece que a nobreza é um nome vão, e até ridiculo, quando os nobres nao possuem as qualidades necessarias, e estas nao nascem com o homem mas sim com a educação; e, meu amigo, nao havendo hereditarias e amplas fortunas as familias nao podem conservar os altivos porem severos costumes, resultado de uma fina educação, que é o unico e verdadeiro ornato dos fidalgos. A nobreza sem riquezas, sem meios, sem conhecimentos, sem virtudes, de nada

vale; e os nobres logo se confundem com o geral da plebe, pelas suas uniões, habitos, gostos e ideias.

MUNHOZ. — Tanto melhor, pois ficam os empregos vãos, e a carreira aberta a todos.

MARQUEZ. — Não pensa assim o Conde: elle não quer ver seus netos, meros soldados de fortuna, passando lá nas conquistas o illustre appellido de Alancastre á baixa plebe.

MUNHOZ. — E D. Elvira vos ama?

MARQUEZ. — D. Elvira me aborrece de morte; e ella para mim é uma simples mulher bella! Estou porem quasi velho, e necessito casar-me para que os meus bens não vão para meu irmão: escolhi a filha do Conde de Basto por ser a familia dos Alancastre tao illustre como a dos Mellos.

MUNHOZ. — Porem a falta de amor, de inclinação, e de vontade?

MARQUEZ. — E' uma das regras dos fidalgos o casarem-se por mera conveniencia. Os exemplos domesticos, os preceitos da moral e da religião são, para manter entre elles a harmonia, vinculos mais fortes do que essas inclinações vulgares. Sinto rumor! (*olha para os lados*) D. Juliao, é necessario que vos retireis, é quasi manhã clara, e meu irmão não deve tardar, e como elle não traz padrinhos, não quero tambem que hajão testemunhas da minha parte. (*Fr. José da Conceição se deixa ver por detraz de uma arvore, mas se torna a esconder para não ser visto do Marquez.*)

MUNHOZ. — Marquez, torno a lembrar-vos que parece mal um desafio entre dois irmãos, e um desafio de morte! O que se hade dizer? E o nome de D. Elvira....

MARQUEZ. — Se não estivessemos no estado em que estamos, talvez não acccitasse o desafio, por causa do nome de D. Elvira; mas como Evora está em anarchia, e principia a guerra civil, tudo correrá a mil maravilhas. Nada mais proprio, nada mais brilhante do que dois irmãos se baterem até á morte por opiniões politicas!

MUNHOZ. — Mas o vosso desafio não é por motivos politicos!

MARQUEZ. — Nas revoluções, meu amigo, sempre as cousas se confundem: — os interesses particulares se chamão interesses publicos, e ás vinganças, e questões particulares, se dá o nome de reacções politicas, e opiniões d'estado. Se D. Rodrigo morrer, Fr. João de Vasconcellos por inimidade a Fr. José hade espalhar e provar, que meu irmão era um trahidor ao rei, e que eu fui provocado e obrigado á defender a coroa; e se eu morrer, Fr. José por amisade a meu irmão hade fazer outro tanto; de sorte que a final, o acontecimento só se hade contar entre o numero das desgraças havidas por causa do tumulto popular, e aquelle de nós que ficar vivo póde contar com a impunidade. Porem! vem gente! retiraiuos, e guardai segredo.

MUNHOZ. — Guardarei segredo. (*Sahe.*)

Entra D. Rodrigo.

D. ROD. — Marquez.... Julgo que não tardei?

MARQUEZ. — D. Rodrigo, julgo que não faltei?

D. ROD. — Por causa de D. Elvira é necessario que um de nós morra.

MARQUEZ. — Por causa de D. Elvira não levo a minha mão ao punho da minha espada, mas por causa das injurias recebidas de D. Rodrigo eu declaro, que um de nós deve morrer. (*ambos puxão pelas espadas.*)

D. ROD. — Vós me roubastes uma carta de D. Elvira!

MARQUEZ. — E' falso! Cesinando Rodrigues, juiz do povo, foi quem me deo essa carta.

D. ROD. — E renunciais a D. Elvira?

MARQUEZ. — Juro que não.

D. ROD. — Tirar-vos-hei a vida! (*Cruzão as espadas. Fr. José corre e se mette no meio dos dois.*)

FR. JOSE'. — Em nome de Deos, suspendei! (*Baixão as espadas.*)

D. ROD. — Deixai-nos, Senhor!

MARQUEZ. — Reverendo Fr. José, eu vos rogo!....

FR. JOSE'. — Que não seja testemunha a fim de Fr. João de Vasconcellos poder provar, que D. Rodrigo foi o provocador, e o nobre Marquez obrigado a defender o rei!

MARQUEZ. — Porem!

FR. JOSE'. — Só quereis a impunidade, e por isso é necessario, que uma questao de posse da mao de uma bella Dama, indifferente ao Marquez de Ferreira, passe como questao politica, e que um duello á morte se confunda entre o numero das desgraças causadas pelo tumulto do povo em Evora!

MARQUEZ. — Vós tudo ouvistes?

FR. JOSE'. — E mais alguém, eu o juro!

MARQUEZ. — A minha honra?

FR. JOSE'. — A vossa honra vos obriga á respeitar em vosso irmao as cinzas do velho Marquez de Ferreira!

D. ROD. — Retirai-vos, Sñr., as leis da honra decretao a morte, e forças humanas não ha que possam obstar....

FR. JOSE'. — A' um crime!

D. ROD. — A uma justa vingança!

MARQUEZ. — Fui injuriado!

FR. JOSE'. — E não sereis injuriado quando vos chamarem fraticida?

MARQUEZ. — E que direito tendes, Senhor?....

FR. JOSE'. — Jurei a vosso muribundo pai, que havia de velar sobre a sua familia: sube do vosso desafio, e venho cumprir o meu juramento! E se não me attendeis, quero morrer ás vossas mãos!... Matai-me! (*abre os braços*)..... Vós D. Rodrigo, ficades livre do vosso censor; e vós, Sñr. Marquez, não tendes que temer o depoimento de Fr. José!...

D. ROD. — Heide-lhe arrancar o coração!

FR. JOSE'. — A D. Elvira?

D. ROD. — (*Com impaciencia.*) Ao Marquez de Ferreira.

FR. JOSE'. — (*Com arrebatção.*) Joven louco!... Quereis com este desafio tirar o credito e reputação de D. Elvira? O povo fará mil commentos, e D. Elvira ver-se-ha forçada á acabar seus dias em um convento; e vós.....

D. ROD. — Morrer em um convento! (*fica pensativo.*)

FR. JOSE'. — (*Falta com o Marquez.*) Sñr., obede-

cei á vontade de Deos, e em nome de Deos eu vos mando retirar!

MARQUEZ. — Vosso nome, vossa idade tudo pôde! (*mette a espada na bainha, e sahe.*)

D. ROD. — (*Olhando para o Marquez.*) Cobarde!

FR. JOSE'. — (*Olhando para o Marquez.*) Homem virtuoso! Filho honrado! Irmão digno de estima!

D. ROD. — (*Com arrebatção.*) Triumphaste! (*Embainha a espada.*)

FR. JOSE'. — Venceo a razão!

D. ROD. — E que mais quereis?

FR. JOSE'. — Desejo fallar-vos: — acompanhai-me. (*Sahem.*)

Entra Braz com muito medo.

BRAZ. — E' já dia claro mas o tal bosque está escuro e feio como o diabo! (*Benze-se.*) E de que servirá este bosque ao pé da estrada real! (*Olha para os lados.*) Cruzes e mais cruzes!.... E eu feito tolo entre ellas sem me lembrar, que as almas d'esses meus senhores, que aqui recebêrão passaportes para outro mundo, podem vir sem mais nem mais pedir-me contas do meu atrevimento!.... (*Benze-se.*) E quem sabe se o Sñr. D. Rodrigo tambem já fez viagem! E para que me mandou cá a Sr.^a D. Elvira!.... (*De vagar.*) Sñr. D. Rodrigo?.... Sñr. D. Rodrigo?.... Meu amo?.... Qual!.... (*Fica pensativo.*) Foi alguma historia que contárão a Sr.^a D. Elvira.... Como era possivel um desafio entre dois irmãos, e desafio á morte!.... Ora seria bonito dois irmãos, — traz!.... traz!.... traz!.... — (*Batendo com o pé, e fingindo jogar a espada.*) Morrêrão! Bravo! bravo!.... (*Entra Fr. João de Vasconcellos, e chegando por detraz de Braz lhe bate no hombro, quando elle diz o ultimo bravo. Braz cahe com susto debruços, e tremendo diz.*)

BRAZ. — Almas do outro mundo — fugité!.... Em nome de Deos — fugité!....

FR. JOAÕ. — Braz?

BRAZ. — Alma de meu amo — fugité! Por compaixão!.... Em nome da Sr.^a D. Elvira deixai-me! Fugité! e descançai em paz!

FR. JOAÕ. — Estás louco?

BRAZ. — Não estou louco, não Sñr.! Sei muito o que faço! Quero cá ficar n'este mundo, e Vmc. se divirta por lá....

FR. JOAÕ. — Um servo de Deos te chama?

BRAZ. — Elle falla em Deos!.... Então vem em graça de Nosso Senhor!.... (*Leranta a cabeça e olha para Fr. João; e envergonhado finge que estava dormindo.*)

FR. JOAÕ. — Onde está D. Rodrigo?

BRAZ. — Senhor!.... Senhor!.... (*Leranta-se fingindo que acorda.*) O que me quer vossa Reverendissima?

FR. JOAÕ. — Onde está teu amo?

BRAZ. — Não sei, meu Senhor.

FR. JOAÕ. — Não viste algum passageiro na estrada real?

BRAZ. — Não, Senhor.

FR. JOAÕ. — Não encontraste alguns soldados?

BRAZ. — Não encontrei viva alma!

FR. JOAÕ. — Então, sabeis alguma novidade? O que se diz lá por entre o povo? Vieste vêr a alguém?

BRAZ. — Vim só tomar a fresca!

FR. JOAÕ. — E só isso te trouxe a este bosque?

BRAZ. — Tambem foi!.... foi.... (*Ccçando a cabeça.*) sim foi!....

FR. JOAÕ. — (*Com interesse bate no hombro de Braz.*) Falla meu filho!.... Falla, não tenhas receio! Fr. João de Vasconcellos, como homem sabe agradecer, e como ministro de Deos sabe guardar segredo.

BRAZ. — (*A parte.*) E que tal! O homem mais soberbo de Evora, me chama seu filho!

FR. JOAÕ. — (*Com muito bom modo.*) Eu recebo a tua declaração como em confissão; — suppõe que estás aos pés de Deos. Conta-me tudo!

BRAZ. — (*Ccçando-se.*) Tenho tanto medo!.... Ah! eu morro de vergonha!

FR. JOAÕ. — (*Com impaciencia.*) De que tens medo? Medo de quem? Não sou eu o válido do Conde Duque? Meu filho, conta com a minha protecção, com a minha bolsa, e com todos os meus amigos.

BRAZ. — (*Aparte.*) Que finura! Que labia! . . .

FR. JOAÕ. — Dize-me, — já o sabem? Quem foi aquelle que descobrio o segredo? Que planos deo Fr. José da Conceição?

BRAZ. — (*Aparte.*) Agora percebi a razão da amizade do tal santinho!

FR. JOAÕ. — Não deves ter vergonha de mim, pois eu tenho ouvido peccados e planos de reis, rainhas, duques, duquezas, fidalgos, e plebeos!

BRAZ. — Tambem de plebeos?

FR. JOAÕ. — Tambem! Todos nós somos filhos da Igreja de Jesus Christo (*Braz abaixa a cabeça*); e iguaes perante os nossos Confessores. Meu amigo, tu não estás diante de Fr. João de Vasconcellos, porem sim perante um ministro do altar e do throno!

BRAZ. — (*Aparte.*) Até me chaina seu amigo! Que espião tão esperto! Que malvado frade dominico!

FR. JOAÕ. — E' já tarde e eu devo recolher-me! Conta-me!

BRAZ. — (*Espantado olha para o lado direito do bosque.*) Elles ahi vem! Elles ahi vem, Sr. Fr. João! Fuja! Fuja! se não quer morrer! (*Sahe fugindo pelo lado esquerdo, e Fr. João se esconde detraz de uma arvore.*)

Entrão o Juiz e o Escrivão do povo, e povo armado.

JUIZ. — Viemos de balde; o tal Fr. João de Vasconcellos nem estava na estrada, nem está no bosque!

ESCR. — Sou capaz de jurar que elle veio para este lado! Veio bem de madrugada!

JUIZ. — Talvez tudo seja falso! Como se póde acreditar, que elle espere hoje tropas de Badajoz, e que tivesse a imprudencia de as vir esperar?

ESCR. — E' verdade, e mais que verdade! E dizei-me, Sr. Juiz, qual é a vossa ultima resposta — devem ou não morrer?

JUIZ. — Fr. José da Conceição, e D. Rodrigo porque?

ESCR. — Fr. José, porque não toma a peito a nossa causa; elle todos os dias nos diz as mesmas cousas — “meus filhos paz e prudencia e eu alcan

çarei tudo de El-rei, — e nós havemos de ser salvos com taes palavras?

JUIZ. — Ellas tambem não nos fazem mal; e Fr. José é um religioso honrado e virtuoso.

ESCR. — Assim é, e disso estou convencido; porem é necessario dar um exemplo aos indifferentes! Quem não é por nós, é contra nós! Nada de meios termos.

JUIZ. — Tendes razão.

ESCR. — Em quanto a D. Rodrigo, elle é fidalgo, e não obstante estar compromettido, e nos ter muito servido, sempre é dos nobres, e mais hoje ou mais amanhã hade ter vergonha da sucia dos plebeos, e nos hade trahir. Nada de misturas de sangue!

JUIZ. — Approvo as vossas medidas de salvação.

ESCR. — E o tal espião mor! O Sñr. Fr. João de Vasconcellos! Esse, se Deos quizer, hade ser feito em postas.

JUIZ. — Vamos tranquillisar o povo da Cidade — Vamos. (*Sahem todos.*) *Entra Fr. João.*

FR. JOAÕ. — E que tal! que boa vontade me tem os Sñrs. do povo!... miseraveis! hoje mesmo hade cahir o vosso poder! Hoje mesmo Evora hade tremmer, e cubrir-se de lucto!... Porem, meu Deos, para que fui concorrer para tantas desgraças! (*Fica pensativo*)... Para que tantos crimes! Tantas victimas!... Só para agradar ao Conde Duque, só pela ambição de um Bispado tenho lançado minha alma no inferno, e a patria em um abysmo! Honra, parentes, e amigos, tudo, tudo, sacrifiquei! E o que me resta!... A morte, a morte! (*Leva a mão a testa e fica pesaroso.*)

Entra D. Julião de Munhoz.

MUNHOZ. — O que é isso amigo?... Vós pensativo!

FR. JOAÕ. — O Sñr. seja com-vosco.

MUNHOZ. — Amen! Porem o que é que tendes?

FR. JOAÕ. — Estou resolvido a largar a politica, recolher-me ao meu convento, e desprezar as intrigas do mundo.

MUNHOZ. — (*A parte.*) Malvado! nem ao menos

sabe ser criminoso! Os remorsos todos os dias lhe ralao a alma!

FR. JOAÕ. — Quero só tratar da salvação da minha alma.

MUNHOZ. — (*Dá uma grande risada.*) Bravo! Bravo, meu penitente! Hoje, que deve chegar o novo Corregedor e a tropa de Badajoz, é que vos arrependeis das vossas intrigas!

FR. JOAÕ. — Dizei — dos nossos crimes!

MUNHOZ. — Até quando hade durar o vosso arrependimento?

FR. JOAÕ. — Espero que Deos me hade ajudar ...

MUNHOZ. — A renunciar o Bispado! E que bom Bispado!

FR. JOAÕ. — (*Com dôr.*) O Bispado!.... E devo morrer simples frade!.... sem valimento!.... sem gloria!.... Devo perder por causa dos remorsos a minha carreira!.... perder o fruto de tantas baixezas, astucias, despezas e tempo!.... Ah! quanto custa á ser aulico!

MUNHOZ. — E assim desprezais a amisade do Conde Duque?

FR. JOAÕ. — Não sou digno d'ella. (*A parte com muito sentimento.*) Oh! quanto custa á agradar aos Grandes! Que tormentos se não sofrem na Côrte para se poder gozar de um estudado riso de El-rei!

MUNHOZ. — E não quereis mais as mercês de El-rei?

FR. JOAÕ. — São venenosas moedas com que Philippe 4.^o compra os homens honrados! Taes mercês destroem as consciencias dos homens justos; regelao os corações sensiveis; tirão a vida ao pudor; e embrutecem a razao!

MUNHOZ. — E os vossos amigos da Côrte?

FR. JOAÕ. — Amigos da Côrte!.... São na prosperidade sagazes aduladores, e na adversidade crueis e perigosos inimigos!

MUNHOZ. — Meu amigo, os remorsos vos fallão tarde, e agora já não tendes outro remedio se não continuar com a politica do ministro d'estado.

FR. JOAÕ. — Nunca é tarde quando se trata da vida futura!

MUNHOZ. -- Nada de imposturas, Sr. Fr. João, pois bem sabe que eu o conheço!

FR. JOAÃO. -- Não approvo os meios de que tem lançado mão a Côrte de Madrid!

MUNHOZ. -- A politica olha aos fins e não aos meios: todos os meios são justos uma vez que sejam necessarios para se realisarem os altos planos de El-rei!

FR. JOAÃO. -- (*Pensativo.*).... Tendes razão D. Julião!

MUNHOZ. -- (*Aparte.*) Já lá se forão os remorsos! Está outra vez o monstro no seu elemento!

FR. JOAÃO. -- Um vassallo, como eu, deve cumprir as ordens do soberano sem reparar na justiça d'ellas, quanto mais que...

MUNHOZ. -- Ellas são justas e santas!

FR. JOAÃO. -- Na minha consciencia!

MUNHOZ. -- Sim, a vossa consciencia já se não doe de ter dado denuncias, de ter mandado buscar tropa, e de ter armado a trahição para prender esta noite a todos os nobres!

FR. JOAÃO. -- Não offendo a Deos quando cumpro as ordens do monarcha!

MUNHOZ. -- E mesmo Deos quer, que os bens dos fidalgos vão para o patrimonio de El-rei!

FR. JOAÃO. -- São rebeldes, e a lei lhes manda confiscar os bens!

MUNHOZ. -- A lei requer provas, e sem ellas taes confiscos são roubos juridicos!

FR. JOAÃO. -- Sois tambem trahidor?

MUNHOZ. -- Sou trahidor á patria, e á vós eu devo estar mettido no caminho do crime, e ter de baixo dos pés um abismo!

FR. JOAÃO. -- (*Com desesperação.*) A' mim deveis as vossas riquezas, honras, e mercês!

MUNHOZ. -- Agora vos respondo com a vossa doutrina: -- riquezas da Côrte de Madrid troca vil do ouro pela honra: mercês de Filippe 4.^o paga recebida por adulações, baixesas e crimes! Eis as honras da Côrte! Eis a minha fortuna como cortezação! Eis a minha triste posição alcançada pelo vosso nome e protecção!

FR. JOAÕ. — Ouro sempre é ouro, e as honras sempre são honras!

MUNHOZ. — O ouro sempre é ouro, venha elle como vier, isto porem só aos olhos de almas perversas e já perdidas como as nossas! As honras sempre são honras embora só denotem vilezas e atrocidades, mas taes honras só tem valor na Corte, nos salões dos cortezaões, nos covís das aulicas repartições, e nos lupanares dos favoritos do rei e do seu ministro!

FR. JOAÕ. — Eu vos aborreço! (*Sahe.*)

MUNHOZ. — Esse é sempre o fim dos malvados, quando se convencionaõ para commetter crimes! (*Sahe.*)

Entra Cesinando Rodrigues, Juiz do Povo.

JUIZ. — Graças a Deos que me pude escapar do esturrado Joao Barradas! Tudo está perdido!! E aquelle louco quer que eu com o povo mal armado e sem a menor disciplina me opponha a entrada da tropa do rei! Que loucura! Que temeridade! Em tal não me metto! Sei de todos os caminhos, e em quanto os soldados vem pela estrada real, eu procurarei a vida e a liberdade pelos atalhos. Muito bom é ter amigos até no inferno! Se não fosse o aviso que me fez o correio de El-rei hoje eu cahia na rede como um toleirao! Viva eu, e viva mais quem poder!... Que mania! gritar viva a liberdade, e logo juntamente — viva D. João! Seja rei o Philippe, ou o João, ou o diabo! Despota por desposta seja este ou aquelle, pois os homens se mudão mas não se mudão os vicios, as manhas, e os abusos dos governos! O que me vale é, que não tenho mulher nem filhos, e pelo meu officio em toda a parte heide viver. (*Sahe, pelo lado opposto por onde sahio D. Julião de Munhoz, e pelo bastidor do meio, para não se encontrar com os soldados.*)

Torna a entrar D. Julião de Munhoz, e o Corregedor Diogo Salema com vestidos de viagem.

COR. — Fui bem feliz em encontrar-vos.

MUNHOZ. — A vossa espera estava; e só sinto o estar alguma cousa retirado da estrada!

COR. — Não, D. Julião, eu tinha mesmo que largar o cavallo, e apartar-me dos criados e comitiva para fallar n'este bosque a Fr. João de Vasconcellos; e a proposito como está elle?

MUNHOZ. — Gosa saude.

COR. — Estou admirado em o não ver!

MUNHOZ. — Elle vos esperou, e como já era tarde, se recolheu á cidade.

COR. — Na verdade faltei a hora dada; mas a marcha dos soldados é tão vagarosa, que me obrigou a sahir mais tarde.

MUNHOZ. — E a vossa saúde?

COR. — Boa, boa, graças a Deos. E que novidades ha pela Cidade?

MUNHOZ. — Tudo está socegado: o povo com as novas da vossa chegada já perdeu todo o entusiasmo; e o Juiz e o seu sequito logo que vos vir hade fazer outro tanto.

COR. — Então não ha perigo?

MUNHOZ. — Nenhum, Senhor.

COR. — E os nobres?

MUNHOZ. — Os nobres nunca tomárão parte activa no tumulto excepto alguns jovens.

COR. — Outras erão as novidades que corrião na Côrte, e outras são as ordens de El-rei.

MUNHOZ. — O Duque de Bragança errou em mandar principiar a revolução em Évora; cidade onde os habitantes quasi todos tema perder, ou uma eira, ou uma beira.

COR. — Muito estimo, muito estimo, que não haja resistencia.

MUNHOZ. — (*Admirado olha para os lados.*) Sinto rumor!....

COR. — Não é nada; são os soldados que largárão a estrada para não serem vistos da Cidade, e seguem por este bosque. D. Julião, deveis-me esperar na casa de minha residencia; quero vos mostrar algumas ordens, e pedir-vos informações. Vamos. (*Sahem.*)

No fundo do theatro principiãõ a passar os soldados; adiante vem os clarins e depois os soldados em marcha de viagem; todos no maior silencio possivel. O

numero será aquelle que o theatro poder pôr em Scena, com tanto que a mutação da Scena se faça ainda passando os Soldados.

SCENA 2.^a

Cella de Fr. Jose', o n'ella deve existir uma mesa e duas cadeiras. — Entrão Fr. José e D. Rodrigo. D. Rodrigo tira o chapeo e o poem sobre a mesa.

D. ROD. — E podeis sofrer o seu orgulho?

FR. JOSE' — E o que tenho eu com o orgulho de Fr. João!

D. ROD. — Elle por suas maneiras....

FR. JOSE' — São as maneiras de todos os ricos e poderosos — todos elles olhão aos mais como servos, ou como entes nullos!

D. ROD. — E' um soberbo! Um vil valido do Conde Duque!

FR. JOSE' — E de que vos admiraes! Não vedes a qualquer homem do povo logo que tem a protecção de uma anthoridade, logo que se julga agente, ou pessoa intermedia do poder, tornar-se soberbo e orgulhoso; aborrecivel para com os seus, e desprezivel para com os homens sensatos!

D. ROD. — (*Com calor.*) Pelo menos espero de vós, que na Junta haveis de defender o povo, e oppôrvos aos laços que nos quer armar a Côrte de Madrid.

FR. JOSE' — Não heide faltar aos meus deveres!

D. ROD. — (*Com impaciencia.*) Um coração que nunca sentio o fogo das paixões não se pôde animar com os negocios alheios!

FR. JOSE' — Um coração, á quem a idade e os trabalhos ensinárão á tremer das paixões, não se pôde illudir com as paixões dos outros!

D. ROD. — (*Em colera.*) O estrangeiro Fr. José bem se inporta com a liberdade dos portuguezes! Para elle o seu convento é o seu mundo, a sua cella é a sua cidade, e Roma é a sua patria!

FR. JOSE' — (*Com muita tranquillidade.*) Um coração cheio do fogo das paixões, devorado pelo ciu-

me, se anima de mais pelos negocios publicos, dos quaes julga tirar interesse! Evora, Portugal, e portuguezes tudo é nada, uma vez que a louca illusão de amor exija guerra, anarchia, roubos, mortes, montoes de cadaveres para sobre elles D. Rodrigo subir e poder possuir, ainda que seja por um só dia, o objecto amado! Sua amada é o seu deos, o seu amor é o seu mundo, e a sua patria!.. Ah! talvez o mesquinho espaço de uma sepultura!... Porém infamado ou não infamado sempre baixará ao jazigo triumphante por ter possuido o objecto da sua louca paixão; e embora maldito de Deos e dos homens por ter transtornado a paz de um povo, sempre se dirá — ah jaz D. Rodrigo o Chefe do tumulto de Evora!

D. ROD. — (*Em colera.*) E que arrancou a mascara de Fr. José!

FR. JOSE' — (*Muito em paz.*) Que assassinou a esse seu segundo pai! A esse velho que tem sido louco por elle! Que por elle tem exposto sua cabeça ao cadafalso!! Que tem perdido dias e noites, e por toda a parte, qual sombra de D. Rodrigo, o tem acompanhado e só com o fim de o proteger e defender!... (*Limpa as lagrimas.*)

D. ROD. — (*Com violencia.*) Fr. José!.. Fr. José!.. vossas palavras me matao!.. Eu enlouqueço! (*Chora.*)

FR. JOSE' — (*Com muita ternura.*) O amor enlouquece a D. Rodrigo, e o faz parecer um monstro, mas seu nobre coração, qual farol de salvação, o guia em suas paixões, e lhe faz sentir o dever! Meu filho!.. essas lagrimas consolárão ao meu afflicto coração!... Enchêrão de prazer ao velho cenobita!... (*Abre os braços e D. Rodrigo se lança n'elles, e depois de alguma pausa se sepárão.*) Vossas lagrimas são uma viva prova de que vossa alma possui todas as virtudes de vossos avós!.. Minha razao aguilhoada por desgostos sobre desgostos, ingraticões sobre ingraticões, e que só me ensinou a fugir e á aborrecer ao mundo e aos homens, agora me obriga á amar ao mundo e aos homens só por vossa causa!

D. ROD. — (*Com muita vivacidade.*) aborrecestes ao mundo, e aos homens!...

FR. JOSE' — (*Animado.*) Sim D. Rodrigo!.. Foi o odio ao mundo que me arrancou meus votos!.. Foi o aborrecimento dos homens que me conduzio ao claustro!... Nasci em Italia de pais nobres, e muito joven principiei a carreira da magistratura; e desde logo comecei pela pratica á conhecer o mundo e os homens! Desde essa época só tenho conhecido na terra um circulo de ferro, sobre o qual caminhão as sociedades ligadas ao vil interesse; e só tenho descoberto na humanidade propensões para os crimes, e para a baixa ingratição!.. Fui juiz honrado, e em uma villa dividida em dois partidos sociaes, e politicos, segui uma justa neutralidade, e conseguí conter as paixões da plebe excitada pelos mesmos partidos, sem que os duros gonços das priziões rangessem para receber desgraçados. (*Batem á porta.*)

D. ROD. — Continuai Sñr.!... muito desejo ouvir a historia da vossa vida.

FR. JOSE' — Neutralizei as severas ordens de um ministerio moribundo, que queria viver pela força do terror, ou levar seus inimigos consigo á sepultura; e sem faltar aos meus juramentos ouvi os gritos da humanidade, e fiz com que um povo gozasse de paz no meio das tormentas de uma guerra civil! (*Batem á porta com muita força.*) Ide ver quem é. (*para D. Rodrigo; este vai abrir a porta, e entrão os Condes de Basto, e Vimioso: tirão os chapeos.*)

COND. DE BASTO. — (*Beijando o cordão de Fr. José.*) O Sñr. seja com vosco!

CONDE DE VIMIOSO. — (*Beijando a manga do habito de Fr. José.*) Deos proteja vossos dias!

FR. JOSE' — Nobres Condes, sejaes bem vindos na paz do Salvador do mundo! (*Todos abaixão a cabeça.*)

CONDE DE VIM. — (*Com calor.*) E' necessario salvamos Evora, e as nossas vidas!

FR. JOSE' — Salvar vossas vidas!!

CONDE DE BASTO. — Fr. Joao de Vasconcellos, jurou a nossa ruina!

D. ROD. -- (*Com muito calor.*) Fr. João muito ha que devia ter morrido!

CONDE DE BASTO. -- N'estes trinta dias em que Fr. João, recolhido á casa de D. Alvaro de Narvaez, guarda o silencio da morte, muito se tem tramado contra Portugal, contra Evora, e contra nós!

D. ROD. -- (*Com enthusiasmo.*) N'estes trinta dias se devia ter fortificado Evora, armado bem o povo, e proclamado aos portuguezes a sua liberdade!

CONDE DE VIM. -- Fr. Joao no dia em que foi expulso da casa do nobre Conde (*aponta para o Conde de Basto*) mandou um proprio para a Côte de Madrid. Hontem recebeo um Correio de El-rei, e este, á peso de curo, declara, que foi primeiro á Badajoz, tambem com ordens de El-rei, e que as tropas reaes, e o novo Corregedor Diogo Fernandes Salema, estão em caminho para Evora!

D. ROD. -- (*Com muito enthusiasmo.*) A's armas, Sñrs.!.. Nada de demoras. Salvar a patria ou morrer por ella!

CONDE DE VIM. -- Hoje de madrugada Fr. João sahio da cidade, e foi para o bosque junto á estrada real; e logo depois para lá tambem seguiu D. Julião de Munhoz.

D. ROD. -- Tambem para lá foi esse espião! Esse trahidor!

CONDE DE VIM. -- Na casa em que se fez a aposentadoria para o Corregedor se fazem com muito segredo preparos para a chegada d'alguem!

FR. JOSE'. -- (*Para o Conde de Bastos.*) Não foi para esta noite, que Fr. João pedio a reunião da Junta dos Nobres?

CONDE DE BASTO. -- Para esta noite ás nove horas.

D. ROD. -- Trahição!.. Vil trahição!.. reunir para serem todos os nobres presos, e sem estrondo?

CONDE DE VIM. -- Trahição! Trahição!

CONDE DE BASTO. -- Tendes razao!.. Devemos reunir a Junta agora mesmo, e n'este mesmo lugar!

FR. JOSE'. -- É para que reunir a Junta? Que bens póde ella fazer?

D. ROD. — (*Com muito calor.*) Animar o povo, acclamar a D. João Duque de Bragança por nosso rei, e formar o plano de guerra!

FR. JOSE'. — E comprometter mais gente do que está compromettida!

CONDE DE VIM. — E o Duque de Bragança quererá acceitar a nomeação de ser nosso rei?

FR. JOSE'. — Nem em tal devemos fallar! Nas circumstancias em que estamos, acclamar a D. João será cavar-lhe a sua completa ruina, e só servirá para darmos esse prazer á Côrte de Madrid!

D. ROD. — (*Bruscamente.*) Sñr.!.. vós como estrangeiro!

FR. JOSE'. — Penso com mais prudencia do que vós!

CONDE DE BASTO. — Fr. José, fallaes com sabedoria e acerto. .. Acclamar agora ao Duque de Bragança seria leval-o ao cadafalso, sem a menor conveniencia!

FR. JOSE'. — E uma reunião da Junta n'este convento causaria suspeitas!

D. ROD. — Contra vós!

FR. JOSE'. — Contra mim; mas suspeitas que só serão finestas a vós, e aos mais membros da Junta! (*Tocão ao longe clarins.*)

TODOS. — Clarins!!! (*Continuão a tocar.*)

D. ROD. — (*Escutando com attenção.*) A tropa cerca a cidade!

FR. JOSE'. — Onde está o povo de Evora? O que faz?

CONDE DE VIM. — O povo soube, não sei como, das noticias que deo o correio de El-rei; e cada um se recolheo a sua casa! As ruas estão desertas, as casas fechadas, e só na praça publica se vê grupos da canalha, mostrando nos rostos o ardente desejo de carnificina e de pilhagem!

D. ROD. — (*Com furia.*) Os nobres abandonarão ao povo; os nobres perdêrão a causa da patria! Forão trahidores, e são criminosos, e responsaveis perante Deos!... O povo foi cobardemente sacrificado! (*O povo grita — viva El-rei nosso Senhor, viva o novo Corregedor.*)

TODOS. — (*Com espanto.*) Que gritos são estes!

CONDE DE VIM. — (*Vai escutar na janella. O povo grita — viva o novo Corregedor.*) O novo Corregedor está na cidade!

D. ROD. — As armas! As armas! (*Vai para a porta mas Fr. José lhe toma o passo, e fecha a porta, e tira a chave.*)

FR. JOSE'. — Joven imprudente, que quereis perder a todos! (*Tocão os clarins muito perto.*)

TODOS. — (*Muito assustados.*) Entra a tropa na Cidade!

D. ROD. — (*Com zombaria.*) E os nobres cavalleiros de Évora se hao de deixar amarrar como cordeiros!

CONDE DE BASTO. — Vós pintaes tudo com tristes côres, e talvez!...

D. ROD. — Talvez só D. Rodrigo seja a victima!

FR. JOSE'. — Deos tem mais poder do que os tyrannos!

D. ROD. — (*Com zombaria.*) Nas crises os poltrões só sabem chamar por Deos!

FR. JOSE'. — (*Muito á sangue frio.*) Nas crises os homens velhos e prudentes chamão á Deos, e sabem melhor que os loucos mancebos governar os negocios seus, e alheios! Sabem arrancar da mão do algoz as victimas do poder!

CONDE DE BASTO. — Tudo está perdido! Vamos para as nossas casas.

FR. JOSE'. — (*Com impaciencia.*) Não deveis sair do convento. (*O povo grita — viva Filippe 4.º! — viva El-rei!*)

CONDE DE VIM. — Eis que o soberano povo realista principia a reinar em Évora! (*Batem á porta com força.*)

CONDE DE BASTO. — Quem será!

CONDE DE VIM. — Algum desgraçado que procura asylo!

D. ROD. — (*Com zombaria.*) Algum nobre que procura a Junta, e os conselhos d'ella! (*Tornão a bater. Fr. José vai abrir a porta. Entra D. Julião de Munhoz disfarçado com uma capa e grande chapeo do povo. D. Julião tira o chapeo, e abre a capa para*

ser conhecido. Os dous Condes e D. Rodrigo, todos ao mesmo tempo puxão pelas espadas, e as apontão ao peito de D. Julião.)

TODOS. — Um espião!... Um Trahidor!...

FR. JOSE'. — (*Com impaciencia.*) O que fazeis, Sñs.!

TODOS. — Deve morrer!

FR. JOSE'. — Um assassinato!... Um crime!... Um sacrilegio!...

CONDE DE BAST. } E o que devemos fazer?
CONDE DE VIM. . }

FR. JOSE'. — Ouvir a D. Julião. (*Os dous Condes embainhão as espadas, e ao depois o mesmo faz D. Rodrigo. N'esta occasião entra Braz embuçado em capa do povo, sem ser visto excepto de D. Rodrigo, a quem elle mostra uma carta. D. Rodrigo pega no chapeo vai para o fundo do theatro, recebe e lê a carta. Braz dá a D. Rodrigo a capa e um chapeo que traz debaixo do braço, recebe o chapeo de D. Rodrigo e ambos sahem sem serem vistos.*)

CONDE DE BAST. — O que quereis, D. Julião?

MUNHOZ. — Quero salvar-vos, e a D. Rodrigo!

TODOS. — Vós!!

MUNHOZ. — Sim!.. eu!

CONDE DE VIM. — Vós que estaes vendido á côrte de Madrid!

MUNHOZ. — Por isso mesmo! E' a marcha das revoluções politicas. N'estas occasiões os irmãos jurão contra irmãos, os amigos denunciao os amigos, e os socios do partido se perseguem reciprocamente! Em compensação os espiões sentem remorsos, ouvem o grito da humanidade, e tratao de salvar a quantos podem.

TODOS. — Nova trahição!!

MUNHOZ. — Trahição para que?.. Contra quem?

TODOS. — Contra nós!

MUNHOZ. — Contra vós!!... Venho correndo de casa do Corregedor, elle me mostrou uma ordem assignada por El-rei contra vós D. Francisco (*falla com o Conde de Basto*). Hoje, á todo o custo, deveis ser preso, e vossos bens devem ser confisca-

dos! (*O Conde fica aterrado.*) E vós D. Rodrigo!
(*Procura com a vista a D. Rodrigo.*)

TODOS. — Ausentou-se!!

FR. JOSE'. — (*Atterrado*) Deos todo poderoso
tende compaixão d'elle, e de mim!

CONDE DE VIM. — (*Para D. Julião.*) E D. Rodrigo?

MUNHOZ. — El-rei determina, que quanto antes
seja sua cabeça remettida para Madrid!

FR. JOSE'. — Tudo está acabado! (*Cae desmaiado sobre uma cadeira; e todos o soccorrem.*)

MUNHOZ. — Fr. José! Contra vós não ha nada.
Tendes a protecção da Regente, e do Arcebispo
Inquisidor Geral; e o vosso inimigo não pode triumphar!

CONDE DE BAST. — (*Para D. Julião.*) Elle só
sente a sorte de D. Rodrigo! (*Fr. José torna á si, e se levanta.*)

MUNHOZ. — Animo, Fr. José!..

FR. JOSE'. — E que mais ordens ha?

MUNHOZ. — Contra Cesinando Rodrigues, Juiz
do povo, e contra João Barradas, seu Escrivão;
porem o primeiro já fugio, e o segundo está em
casa do Corregedor, livre e solto, dando denuncias!

TODOS. — Denuncias!!

MUNHOZ. — Sim denuncias! Já se passarão or-
dens de prisão; os do povo devem ir para a cadêa,
e os nobres para as prisões da Inquisição, como mais
seguras, ou mais honradas!

CONDE DE VIM. — E contra mim?

MUNHOZ. — Nao ha nada; mas como se vai
abrir a devassa só Deos sabe quem poderá escapar.

CONDE DE BAST. — Devo ir ao meu palacio sal-
var a D. Elvira.

MUNHOZ. — Não deveis sahir d'esta casa! A
justiça não se hade lembrar de violar o asylo do
convento.

CONDE DE BAST. — (*Com impaciencia.*) E a mi-
nha Elvira!.. A minha querida filha!..

FR. JOSE'. — Ninguem a hade offender!

CONDE DE BAST. — (*Como louco.*) Abandonar mi-
nha filha!... Deixal-a entregue á miseria e ao aca-

so!... Deixar em perigo seu credito!... Sem lhe dar conselhos! O que fará o Marquez de Ferreira!... E D. Rodrigo!... (*Fica pensativo.*) Desgraças sobre desgraças!.. (*Leva o lenço aos olhos.*)

MUNHOZ. — Não deveis succumbir, nobre Conde!

CONDE DE BAST. — Não é o Conde de Basto que chora, mas o pai de D. Elvira! Não é um Alancastre que treme, mas um homem que desespera á vista do triste futuro de uma querida filha! Quando fallão as leis da natureza, se calão todas as de mais filhas da vaidade, e quimeras da sociedade! Devo salvar a filha ou morrer! (*Quer sahir e Fr. José lhe toma o passo.*)

FR. JOSE'. — Ficai, nobre Conde, eu vos peço em nome de D. Elvira!

CONDE DE BAST. — Não devo ficar, e quero sahir!

FR. JOSE'. — Ficaes perdido, e não salvaes a vossa filha!

CONDE DE BAST. — Morrerei contente sem remorsos, sem responsabilidade!

CONDE DE VIM. — Pelo menos tomai um disfarce!

MUNHOZ. — Aqui o tendes. (*Tira a capa e a dá ao Conde de Basto, e trocã os chapeos: o Conde depois de pôr a capa, e o chapeo na cabeça, quer sahir.*)

FR. JOSE'. — Não deveis sahir pela portaria; segui-me, eu vos conduzo... (*Sahem.*)

MUNHOZ. — Desditoso pai!!

CONDE DE VIM. — Homem virtuoso!

MUNHOZ. — E vós, Sñr. Conde, o que pretendeis fazer?

CONDE DE VIM. — De nada receio, e vou para a minha casa.

MUNHOZ. — Parece-me que não fazeis bem!

CONDE DE VIM. — Não tenho inimigos!

MUNHOZ. — Não vos faço essa injuria. O homem que não tem inimigos é só aquelle, que não tem uma boa qualidade, que os outros invejem, ou não tem uma posição social, que os outros dezejem.

CONDE DE VIM. — Tenho a protecção das leis!

MUNHOZ. — Nas revoluções politicas, quando o poder de Castella triumphá, as leis são suspensas.

e só tem vigor aquellas, que servem para fazer mal!

CONDE DE VIM. — Estou innocente!

MUNHOZ. — E de que vos póde valer a innocencia? A côrte de Madrid conhece que o tumulto do povo em Evora nada vale, mas ella tambem conhece que elle, e aquelles outros do Algarve são symptomas, são os preparos de uma grande revolução politica em Portugal. A côrte muito bem sabe, que todo o Portugal está minado com a ideia da restauração, e acclamação da casa de Bragança; e por isso necessita destruir o partido politico nacional que quer a liberdade; e quando ha tal plano, não se olha para a innocencia ou provas! Olha-se para as pessoas, para os interesses, e para o projectado fim! N'estas occasiões, as razões de estado são razões de direito, as conjecturas de conveniencia são principios de justiça, e os deponmentos que se mandao escrever são as provas!

CONDE DE VIM. — E o que posso eu fazer?

MUNHOZ. — Vinde commigo; e as provas de amizade que eu vos der em publico, vos hão de ser uteis.

CONDE DE VIM. — (*A' parte.*) Desgraçada humanidade!... Nas revoluções até o crime protege a virtude. (*Sahem.*)

SCENA 3.^a

Sala do palacio do Conde de Basto. — Entra D. Rodrigo com o disfarce com que sahio da cella de Fr. José, e sem espada.

D. ROD. — Tudo está perdido!.. E o que devo eu fazer?.. Fugir!... (*fica pensativo*) E D. Elvira?... nos braços de meu irmão!.. O ciúme; (*com desesperação*) o inferno me devora!... Ceder pacificamente ao meu rival a posse do objecto amado! ceder-lhe D. Elvira!... Nunca!... isso nunca!... (*Deita no chão, no fundo do theatro, a capa e o chapeo.*) Morra o Marquez de Ferreira; seja lançada sua alma nos abysmos onde sofra tantos tormentos quantos eu soffro!... E serei fraticida?!.. E porque não!.. Não me quer meu irmão tirar a

vida, roubando-me D. Elvira! O sangue pede sangue -- morra o Marquez de Ferreira!.. (*fica pensativo*) E D. Elvira quererá receber uma mão tinta em sangue?... quererá á seu lado um assassino?... Matar a meu irmão!.. E a maldição de Deos e dos homens!... Nem tanto!... Mas sem a sua morte eu não tenho segurança?.. Oh! meu Deos! por piedade (*levanta as mãos para o Ceo*) guiai-me!.. Que terrivel lucta entre a razão e o coração; entre o dever e o interesse!... Amor, honra, ciume, humanidade, Deos, e o inferno!... Que ideias, que contradicções; que tormentos!... Fugir, e consentir que D. Elvira seja esposa do Marquez de Ferreira?... (*Com raiva*) Os remorsos não podem tanto!... Amor hade triumphar! o Marquez hade morrer! e D. Elvira hade ser minha!... Ser minha!.. Como? E o cadafalso?... (*pensativo*) E de que servirá o sangue de meu irmão?... (*Com furor*) Devo fugir, mas fugir com ella!.. Ella será minha queirão ou não queirão os homens, seja ou não seja do agrado da Providencia!!.

Entra D. Elvira e Maria.

D. ELV. -- (*Para Maria*) Retira-te (*Maria sahe*) Perdoae, D. Rodrigo, o ter-vos mandado chamar; era porem urgente ver-vos ainda uma vez; e quem sabe se a ultima vez!... (*Chora.*)

D. ROD. -- (*Com ternura*) D. Elvira, meu bem amado!

D. ELV. -- D. Rodrigo, é necessario, já que os Ceos assim o querem, que mudeis de linguagem!

D. ROD. -- (*Com espanto*) Que mudança é a vossa? (*O povo grita -- viva El-rei nosso Senhor -- morrão os seus inimigos!*)

D. ELV. -- Não estaes ouvindo? O que é aquillo?

D. ROD. -- E' o povo ingrato, que corre para a sua ruina! E' o povo inconstante, que applaude a escravidão!

D. ELV. -- Não é só isso -- E' o povo que cava o abysmo onde vós, e eu, devemos ser lançados!

D. ROD. -- (*Admirado.*) Abysmo! lançados! porque?

D. ELV. -- Vosso irmão gosa de toda a protec-

ção de Fr. João de Vasconcellos; e meu pai para lhe fazer a vontade determinou, que no fim d'estes tres dias se effectuasse o nosso casamento! (*Limpa os olhos*) Mandei-vos chamar para vos dar o ultimo adeos! (*Chora.*) Para vos declarar, que a desposada do Marquez de Ferreira, nao póde ser mais a amante de D. Rodrigo!

D. ROD. -- (*Em colera.*) A amante de D. Rodrigo, a sua bella e adorada D. Elvira, nunca ha de ser a esposa do Marquez de Ferreira!

D. ELV. -- Por estes tres dias a victima hade ser levada aos altares!

D. ROD. -- (*Com furor.*) Nao hade ser!.. Eu o juro! (*Com ternura*) D. Elvira hade ser minha consorte!

D. ELV. -- Talvez! -- mas lá na vida eterna! (*Aponta para o Ceo.*) D. Rodrigo, nada de illusoes, — tudo está perdido!.. (*Fica abysmada em pranto.*)

D. Elvira se deve sacrificar, deve casar com o Marquez de Ferreira, deve morrer, para salvar nao só o amado pai, mas tambem ao querido amante! Fugi! Fugi, D. Rodrigo!.. Vosso nome anda na boca do povo, e talvez o sacrificio, a morte de D. Elvira, não seja bastante para aplacar aos vossos inimigos! Desconfiai de vosso irmão, e tremei de Fr. João de Vasconcellos! Ah! por piedade fugi!... talvez agora (*D. Rodrigo dá signaes de desesperação.*) mesmo os algozes vos procurem! (*Banhada em pranto ajoelha aos pés D. Rodrigo.*) Fugi! Deixai-me! E para sempre!.. Eu vos rogo, eu vos imploro!..

D. ROD. -- (*Como louco.*) Fugir? Deixar-vos? Nunca!.. nunca!... Consentir que D. Elvira seja esposa do Marquez de Ferreira?... Jámais!... (*Fica pensativo, e depois com furor.*) Hade o Marquez casar com D. Elvira mas só depois de Evora ficar reduzida á cinzas; depois que o ciúme, a raiva, e a desesperação tiverem levado o facho da vingança a toda a parte! Só depois de não haver mais pedra sobre pedra; e o meu sangue ter salpicado os umbraes do palacio do Conde de Basto, e ter minha alma sahido aos borbuihões de minhas feridas,

só então, se o Marquez de Ferreira escapar ao meu furor, poderá levar D. Elvira aos altares! Lá mesmo; e em toda a parte, minha sombra, qual vossa sombra, vos hade amaldiçoar! Vos hade atormentar!... Vos hade ferir!.. Vos hade arrebatat para os infernos!... Sim, ingrata!! Jámais hasde gosar em paz -- o teu novo titulo, e o teu novo amante!...

D. ELV. — (*Levanta-se, e muito animada diz.*)

D. Rodrigo! D. Rodrigo, o que dizeis! E' assim que um fidalgo, que um cavalleiro falla á sua nobra dama! E' assim que D. Rodrigo falla á filha do Conde de Basto! (*Chora.*)

D. ROD. — (*Com transporte apaixonado.*) D. Elvira! D. Elvira!... Chorais!... Por piedade! (*Ajoelha, beija a mão de D. Elvira, e a banha com lagrimas.*) Perdão! Perdão!... Tende compaixão do vosso amante, que lucha entre o amor e o ciume, entre a imaginaria felicidade, e a sua triste sina! Uma só palavra!... (*D. Elvira levanta a D. Rodrigo.*)

D. ELV. — O que quer D. Rodrigo, que lhe diga a sua fiel amante?

D. ROD. — Que D. Elvira me aconselhe; que me mande!

D. ELV. — Pois bem, D. Elvira pede á D. Rodrigo em nome de seu pai, em nome dos Ceos, em nome do ardente amor que a devora, que hoje mesmo fuja de Portugal, (*D. Rodrigo dá signaes de desesperação*) e para lugar onde em segurança possa viver sem se lembrar de Evora e de D. Elvira! (*Chora.*) Onde não possa saber do cazamento de D. Elvira, dos seus tormentos, e da sua morte! D. Elvira jura á D. Rodrigo que seus dias hão de correr com a rapidez do relampago, e que o seu rival hade possuir um cadaver e não uma noiva!... E que mais quer D. Rodrigo?

D. ROD. — Fugir? Deixar-vos?... (*Com muito furor.*) Nunca! Nunca! Queres ingrata sem susto gozar dos teus prazeres, e do teu triumpho? Queres sem obstaculos possuir esse homem ou esse demonio? Queres que eu deixe Evora para que a mi-

nha presença não perturbe teus dias, e teus passatempos? Tens medo de gozar diante de mim as honras que não mereces? Tens medo que eu escureça tua vaidade, e zombe de tua ostentação? Receias que meus olhos sejam dois punhaes que firão todos os instantes o teu coração? Tens medo de morrer de vergonha e de remorsos?

D. ELV. — (*Muito animada.*) D. Elvira sente amar a D. Rodrigo, visto que D. Rodrigo não préza as virtudes de D. Elvira! Não tenho de que ter vergonha pois nunca faltei nem levemente aos meus deveres! Tenho remorsos de ter amado um ingrato, mas como o meu amor foi sempre regulado pelas leis da honra, taes remorsos não perturbão minha consciencia! Tenho medo de gosar, á vista de D. Rodrigo, das honras da sepultura, pois d'esse ingrato não desejo merecer-lhe, nem mesmo uma só lagrima sobre a minha fria campa! A filha do Conde de Basto, a desposada do Marquez de Ferreira necessita obedecer aos preceitos paternaes, e deixar-se arrastar aos altares, porque assim é necessario para dar a vida e o socego a seu pai; ella porem que em breve hade deixar este mundo de tormentos e contradicções, dezeja morrer em paz! A esposa do Marquez de Ferreira nunca hade ter medo de ver a D. Rodrigo pois ella tem muita nobreza e dignidade para respeitar aos seus deveres, e fazer-se respeitada! D. Elvira hade tremer da presença de D. Rodrigo porque ella por mais que não queira hade sempre sentir as suas desgraças! D. Elvira na ausencia de D. Rodrigo hade morrer tranquilla, como uma planta mudada para terreno esteril, e onde não gosa nem do cuidado dos homens, nem dos orvalhos do ceo; e D. Elvira com a presença de D. Rodrigo hade morrer em tormentos, qual debil planta açoitada e despedaçada pelas tempestades da natureza, ou reduzida ao nada pelo raio do Ceo! De uma ou de outra maneira D. Elvira tem a certesa, que em breve hade acabar, e tem tambem a certesa que hade descer á região dos mortos sem faltar aos seus juramentos — fiel esposa

do Marquez de Ferreira e extremosa amante de D. Rodrigo!

D. ROD. — (*Com muita ternura.*) Extremosa amante de D. Rodrigo?

D. ELV. — Assim o jurei, e assim aindo o juro! (*Põe a mão sobre o coração.*) Este coração que é só vosso, e que parece querer fugir do meu peito, caminha com a rapidez do vento para a morte! Elle está quasi esmagado por tantos pezares, e com o combate das ideias — amor e dever — prazer e maldição!

D. ROD. — Hoje mesmo me ausento de Evora, e para sempre: Évora, Portugal, tudo, tudo, para mim será nada!

D. ELV. — (*Com muita ternura.*) Eu vos agradeço homem honrado, amante fiel, e generoso fidalgo!

D. ROD. — D. Elvira, vós me amais?

D. ELV. — E D. Rodrigo duvida do amor de D. Elvira?

D. ROD. — Eu me ausento de Evora, mas com uma condição!

D. ELV. — Condição!... (*Fica pensativa.*) Sim estou prompta á ouvir a condição de D. Rodrigo, pois uma fidalga não deve temer de ouvir as propostas de um leal cavalheiro!

D. ROD. — Esta noite eu vos devo conduzir á capella da Conceição, e lá acharemos um Sacerdote e duas testemunhas....

D. ELV. — (*Com muita rapidez.*) Basta! Não desejo ouvir mais! Se D. Elvira fosse só uma joven amante aceitaria a proposta; mas ella é nobre, e é filha do Conde de Basto, e por isso despreza a condição, e se envergonha até de se lembrar da louca e pouco decente ideia de um casamento clandestino! Uma Alancastre póde jurar amar sempre um homem, póde morrer por causa de um amante, mas não póde nunca fugir com elle!

D. ROD. — (*Desesperado.*) Não vos deixo cruel! Sem vós não saio de Evora! Quero morrer mas morrer a vossa vista! Quero padecer mas quero que tambem sintaes os meus tormentos!... Quero ver

o vosso casamento porque vos quero ver infeliz! Quero vos ver escrava de quem não amaes porque me quero rir! Quero ver-vos morrer para então poder respirar!...

D. ELV. — E são esses os sentimentos de D. Rodrigo? (*Fica banhada em pranto.*)

D. ROD. — (*Ajoelha-se aos pés de D. Elvira e com muita ternura lhe diz*) Fugi! Fugi commigo!

D. ELV. — (*Com dignidade.*) Não desejo, não quero, e não posso faltar ao meu dever!

D. ROD. — (*Com muito furor*) Tremei! tremei ingrata! O meu ciume! o meu furor! Ah! a morte!

D. ELV. — Morrer?... sim estou prompta. A morte para mim é um bem; mas quero morrer com honra! (*O povo grita — viva El-rei!.. morra D. Rodrigo!.. morra!.. — D. Elvira com susto diz*) Ouvistes, Sñr.?

D. ROD. — Ouvi!

D. ELV. — E o que pertendeis?

D. ROD. — (*Tira um punhal, e com muito furor diz*) Morrer, e levar-vos commigo á sepultura! (*vai para assassinar a D. Elvira, que o espera á sangue frio, mas, quando o punhal chega quasi ao peito d'ella, D. Rodrigo como perdendo a razão o deixa cahir e diz*) Horror!!!.. Horror!.. Piedade!... Soccorro! (*falla como louco*) Furias deixai-me!... Inferno para que me devoras?... Um crime!... Um assassinato! D. Elvira! D. Elvira!... Oh! meu Deos valeime! Razão para que me foges!... (*Abre os braços*) D. Elvira! D. Elvira soccorrei o vosso amante! Elle expira! Elle morre! (*D. Elvira se lança com muita precipitação nos braços de D. Rodrigo, e ficão immoveis como estatuas. Entra Fr. José.*)

FR. JOSÉ. — Graças á Providencia elle ainda não foi preso! D. Rodrigo, fugi, fugi, pois vos procura a morte, e morte afrontosa! (*D. Rodrigo não responde.*) D. Elvira, pois quando o vosso amante está sobre o abysmo, é que quereis gosar dos delirios de amor! Quando se trata só da morte é que vós dormis nos braços do prazer!... O que é isto! Estarão mortos? (*Vai pelo fundo do theatro, e bate com*

as duas mãos sobre os hombros dos dois, que acordão assustados.)

D. ROD. — D. Elvira! D. Elvira! } *Ambos ao mes-*
D. ELV. — D. Rodrigo! Meu pai! } *mo tempo.*

FR. JOSÉ'. — O que é isto, D. Rodrigo e D. Elvira? Que imprudencia é esta?

(D. Rodrigo e D. Elvira se lanção aos pés de Fr. José, cada um do seu lado)

D. ROD. — Protecção, meu bemfeitor! } *Ambos aomes-*
D. ELV. — Protecção, homem justo! } *mo tempo.*

FR. JOSÉ'. — Só Deos é que nos póde salvar! Fugi, D. Rodrigo! O tempo corre, e qualquer demora traz vossa perdição! Fugi para o palacio do Arcebispo Inquisidor Geral, elle vos hade receber.

D. ROD. — *(Desesperado.)* Fugir! e não levar D. Elvira?

FR. JOSÉ'. — Louco! Pois estaes com um pé já sobre o cadafalso, e quereis que D. Elvira vos siga! Fugi! Fugi! Tudo está perdido! D. Rodrigo e D. Elvira estão ambos desgraçados!

D. ELV. — *(Com muito susto.)* Onde está meu pai?

FR. JOSÉ'. — Preso na Inquisição como criminoso de Lesa-Magestade!

D. ELV. — Ai! *(Cae desmaiada no chão.)*

D. ROD. — *(Levanta o punhal que está no chão, e com furor diz)* Não hasde ficar impune malvado! Tu a mataste! Eu saberei vingal-a! Demonio com figura humana, contempla! *(Aponta para D. Elvira. Fr. José com os braços cruzados está firme como uma estatua.)* Vê o fructo do teu plano!.. Deos te castigou — nem eu nem elle —! D. Elvira! D. Elvira! *(Vai cahir de joelhos ao pe do corpo de D. Elvira.)*

FR. JOSÉ'. — *(Levantando os braços para o Ceo.)* Deos de bondade tende compaixão d'elles!

D. ROD. — *(Levanta-se, e diz como louco)* Esperai! Esperai! Eu vos adoro, e não vos abandono!... Tu me chamas?... D. Elvira! D. Elvira!... Eu vou, eu vou... não sou cobarde, não tenho medo da morte! sou vosso esposo! seremos felizes, e para sempre! *(Vai para se assassinar, mas Fr. José que o tem seguido lhe tira da mão o punhal.)* D. Elvira!

D. Elvira, o que fazeis? Pois nem mesmo na eternidade quereis ser minha?...

FR. JOSE'. — (*Com vehemencia.*) D. Rodrigo! Basta de delirio! Honrai as cinzas de vossos pais, e fugi ao cadafalso! Fugi! Em nome de Deos assim o mando!

D. ROD. — (*Espantado.*) E D. Elvira?

FR. JOSE'. — Fica ao meu cuidado.

D. ROD. — E não está ella morta?

FR. JOSE'. — Não! Não está morta; porem se estiver é agora que ella vive em paz.

D. ROD. — (*Com furor.*) Vive em paz! Frade sem razão, sem lei, sem respeito á Deos nem aos homens, teus dias estão contados! Se o morrer é viver, tens tu de ter muita vida! (*Lança-se a Fr. José para lhe tirar o punhal.*)

FR. JOSE'. — Louco! Temerario! A força está do vosso lado, porem a protecção de Deos está da minha parte!

(*Entra Maria correndo, e toma o braço de D. Rodrigo, e este larga a Fr. José.*)

MARIA. — (*Com vehemencia.*) Fugi! Fugi Sñr.! A justiça cerca o palacio, e vos procura! (*O povo grita — Morra D. Rodrigo — morrão os trahidores.*)

FR. JOSE'. — (*Com calor.*) Ao palacio do Arcebispo Inquisidor Geral! (*aponta para a porta.*)

MARIA. — Na porta do jardim ainda não ha sentinellas!

D. ROD. — (*Como louco pega no braço de Maria e lhe mostra D. Elvira, e diz*) Eis tua ama! Eis D. Elvira! Eis a minha amada! (*Chora.*)

MARIA. — (*Corre a ajoelhar-se ao pe de D. Elvira; da-lhe um beijo, e logo como um raio se levanta, e pegando no braço de D. Rodrigo lhe diz*) Ella vive! (*Larga o braço e vai fechar a porta da rua. O povo grita — A cabeça de D. Rodrigo — viva Elrei.*)

D. ROD. — Ella vive?...

MARIA. — Fugi! Fugi Sñr.! Pelo jardim!

FR. JOSE'. — (*Impaciente.*) O cadafalso vos espera louco amante! Se vos demoraes, perdeis para sempre D. Elvira!

D. ROD. — Perder D. Elvira?

FR. JOSE'. — Se vos salvardes, ella será vossa!
(*Maria vai dar soccorros a D. Elvira.*)

D. ROD. — (*Ajoelha-se aos pés de Fr. José.*) Fr. José! Meu pai! Meu protector! Meu amigo!

FR. JOSE'. — (*O levanta.*) Fugi! Fugi! Já sobem a escada!

D. ROD. — (*Espantado.*) E D. Elvira?

FR. JOSE'. — (*Zangado.*) O que vos importa D. Elvira nas circumstancias em que estaes?

D. ROD. — (*Furioso.*) E heide deixar a D. Elvira nos braços do meu rival?

FR. JOSE'. — Ella será vossa, ou não pertencerá a pessoa alguma!

D. ROD. — (*Pega no braço de Fr. José.*) Frade! Deos, ou o demonio! vós me fallaes a verdade ou me tentaes?

FR. JOSE'. — Deos protegerá a D. Elvira, e ella será vossa!

D. ROD. — (*Larga o braço de Fr. José, e corre a pegar na capa e chapeo, e depois de prompto vem de novo pegar no braço de Fr. José, e diz*) D. Elvira será minha?

FR. JOSE'. — Se Deos o quizer!

D. ROD. — Palavras sonoras, mas promessas vagas!

FR. JOSE'. — Farei tudo quanto poder!

D. ROD. — (*Com desesperação.*) Jurai que D. Elvira será minha?

FR. JOSE'. — Heide procurar todos os meios de D. Elvira ser vossa! (*Batem com força á porta. Maria larga a D. Elvira. D. Rodrigo larga o braço de Fr. José.*)

MARIA. — Fugi Sñr.!

FR. JOSE'. — (*Apontando para a porta do interior.*) Ao palacio do Arcebispo Inquisidor Geral!

D. ROD. — (*Fugindo pela porta do interior.*) Ao palacio do Inquisidor Geral! (*Sahe.*)

Fim do segundo acto.

Acto 3.º Periodo 3.º

SCENA 1.ª

Sala de D. Francisco Conde de Basto. - D. Elvira vestida de lucto pezado, e Maria sua criada. Devem estar no Scenario uma meza e tres cadeiras.

MARIA. — Senhora, é necessario ter mais animo, e fé em Deos; e é n'estas occasioes, que a religião mostra o seu poder consolando nossas almas, e enchendo-as de esperanças.

D. ELV. — Tens razão, Maria, mas o que queres que eu faça? Poderei estar contente estando já, ha mais de um anno, meu amado pai prêso, sem que ao menos eu tenha a consolação de o vêr e abraçar, de ouvir seus queixumes e os suspiros de sua afflictiva alma! (*Chora*) sem lhe poder levar pelo menos os doces soccorros de palavras consoladoras, e os extremos cuidados de uma filha! Não queres, que depois de sofrer por meo pai, chore a desgraças de D. Rodrigo, e geima com o peso das saudades, com as vivas recordações de um bem adorado, com as ardentes chamas de amor que abraçam meu peito? Não queres, que eu trema por mim mesma, orphaa abandonada, sem pai, sem amante, sem parentes, sem recursos, despresada, odeada? (*Chora.*)

MARIA. — Minha Senhora, por piedade basta de pranto! De que servem lagrimas que produzir não podem o bem que se deseja!

D. ELV. — As lagrimas me consolão: é o unico lenitivo que me resta, é o unico recurso que tenho para aliviar meu moribundo coração, cheio de tormentos e pezares; é a unica acção que livremente posso fazer!

MARIA. — Deos hade permittir, que vosso pai e D. Rodrigo sejam livres.

D. ELV. — Livres! ... (*Chora*) Ah! honrada Maria, tal não espero!

MARIA. — E porque não, Senhora? Não vos deveis encher de esperanças com a vinda de Fr. José, que ha dias chegou de Lisboa? Não foi elle

a Madrid fallar com El-rei Nosso Senhor? Não é elle intimo amigo de vosso pai, e protector de vosso amante?

D. ELV. — Innocente Maria, não tens visto pela experiencia que desgraçados não tem amigos, e não tem protectores? Depois da prisão de meu pai, e do confisco de seus bens, tens visto que a este despido palacio, onde vivo por esmola, tenham vindo as minhas numerosas amigas e os amigos e validos de meu pai? Estas paredes já ouvirão um doce ai de compaixão da boca d'esses immensos lisongeiros, commensaes, e dependentes da minha antiga familia? Onde estao as velhas aias, e os submissos criados?

MARIA. — Theresa, vossa ama de leite, unica que restava, hontem se auzentou.

D. ELV. — Se auzentou!.... sem ao menos me dizer ádeos! (*Chora.*)

MARIA. — Antonio o velho criado de vosso pai hontem não tornou mais para casa.

D. ELV. — Grande Deos! (*Senta-se em uma cadeira.*)

MARIA. — (*Pegando na mão de D. Elvira.*) Minha ama! minha senhora!.... tende compaixão de mim!.... (*ajoelha*) Querida senhora tomai animo! (*D. Elvira suspira.*).... tendes em mim uma fiel criada, nada vos hade faltar! (*D. Elvira torna á si.*) Não se necessita de mais criadas, nem criados, eu sou vossa escrava, tudo sei fazer, e tenho vigor! Sim, haveis de ser servida como uma princeza! (*D. Elvira levanta-se, e levanta Maria do chão, e a recebe nos braços.*)

D. ELV. — Tu minha escrava! tu mulher virtuosa minha criada! tu coração honrado e sensivel te dedicas ao meu serviço? Não, nao, Maria, tal nao consinto! Foge! foge d'esta casa amaldiçoada por Deos, e ultrajada pelos homens! foge! foge! antes que algum raio do Ceo caia sobre estas paredes, unico monumento da criminosa soberba dos Condes de Basto! Corre, corre, antes que a justiça tambem te leve ao cadafalso! (*Chora.*)

MARIA. — Senhora! (*Chorando.*) eu fugir!.... deixar-vos!.... abandonar a virtuosa D. Elvira!....

a minha boa Senhora !.... Quero morrer juncto á vós !

D. ELV. — Morrer juncto á mim ! Cheia de miseria e de opprobrio !

MARIA. — Deos é immenso, e não havemos de morrer de miseria ! E' verdade, que o Judeo a quem entregastes para vender o resto das vossas joias vos roubou, pois fugio de Evora.

D. ELV. — Fugio com o ultimo recurso que nos restava ! Só me resta morrer ! (*Chora.*)

MARIA. — O Mordomo, quando se ausentou, não só não deixou meios alguns, mas até nao deixou as contas da casa.

D. ELV. — E então ?.... ainda queres estar n'esta casa ? queres morrer de fome juncto commigo ? queres ir a meu lado implorar a misera esmola aos soberbos passageiros da estrada publica ? (*Chora.*) Os Ceos castigao a soberba D. Elvira, porem protegem a virtuosa Maria !.... foge !.... foge !.... querida companheira, e deixa-me entregue á minha justa punição !

MARIA. — (*Chorando.*) Minha querida ama, vós deliraes ! Pois podem ser punidas, a virtude, a honra, e a piedade ? Se fosse necessario pedir esmola não estava aqui Maria, criada de servir, para se abaixar a esse officio não aviltante da sua condição ? Maria seria tao infeliz que não trouxesse todos os dias quanto necessario fosse para alimentar a nobre Condessa de Basto !.... Mas, graças á Providencia, não estamos reduzidas ainda á miseria : n'esta bolsa (*tira uma bolsa*) existem as minhas soldadas, existe ouro pertencente á D. Elvira, minha ama, existe ouro que nos chega para viver com economia mais um anno.

D. ELV. — (*Se lança nos braços de Maria.*) Generosa amiga, virtuosa companheira ! (*Ficão abraçadas chorando, e batem com força na porta. Sahindo dos braços de Maria.*) Quem será !.... Será a justiça !.... Quererão que eu tambem seja lançada nas masmorras !

MARIA. — Socegai, Senhora, eu vou ver quem é, e tomarei sobre mim toda e qualquer imputação

que a calúnia vos fizer. (*Maria vai abrir a porta e entra o Marquez de Ferreira que tira o chapeo.*)

MARQUEZ. — D. Elvira, tenho que vos pedir perdão, de ha um anno não ter vindo a vossa casa!

D. ELV. — Sñr. Marquez, D. Elvira d'Alancastro nunca esperou, ou desejou, as visitas de D. Francisco de Mello.

MARQUEZ. — (*Aparte* — Ainda está soberba!) Nobre dama o crime de vosso pai! ...

D. ELV. — O crime de meu pai foi só o ser muito nobre, e fazer sombra á alguns fidalgos de Evora!

MARQUEZ. — Preso por crime de lesa-magestade!....

D. ELV. — Preso por ser fiel vassallo, por amar ao seu rei, e a sua patria; e demais, Sñr. Marquez, se n'esta casa habita a filha de um criminoso de lesa-magestade, vós não deveis n'ella estar nem mais um instante. — Adeos Sñr. Marquez! (*quer-se retirar.*)

MARQUEZ. — D. Elvira, eu vos rogo me escuteis em particular.

D. ELV. — Maria, minha amiga retira-te! (*Maria que deve estar atraz de D. Elvira se retira.*)

MARQUEZ. — (*Com espanto.*) Maria vossa amiga!

D. ELV. — Mais que amiga, minha bemfeitora! Sñr. Marquez, na desgraça é que se conhecem as almas sensiveis, e os corações bem formados! Na desgraça é que a soberba e nobre D. Elvira conheceo, que seu orgulho era uma quimera, que a virtude não escolhe condições, e que Deos nao formou a social separação — entre fidalgos e plebeos, criados, e amos!

MARQUEZ. — Os vossos ultimos dois criados e que já sahirao de vossa casa, me contarão!....

D. ELV. — Que vivo contente com a minha sorte!

MARQUEZ. — Que o Judeo Jorge vos roubou o ultimo recurso, as vossas joias.

D. ELV. — Deos assim o quiz, e seja feita a sua vontade.

MARQUEZ. — Venho offerecer-vos a minha casa, onde occultamente podeis viver sem nada vos fal-

tar. Vós bella, e por mim sempre, adorada tereis!....

D. ELV. — Terei um extremoso e fiel esposo, não é assim Sñr. Marquez?

MARQUEZ. — As vossas circumstancias agora são outras, pois bem sabeis!....

D. ELV. — (*Com vivacidade.*) Que só sirvo para ser occulta favorita do nobre Marquez de Ferreira!....

MARQUEZ. — Para ser seu idolo, sua preciosa joia!

D. ELV. — Parai Senhor, eu me horroriso de vos ouvir! E' até aonde póde chegar a malvadeza do coração humano, vir insultar a desgraça na sua propria habitação! Nobre Marquez, eu vos juro por Deos que nos está vendo, e ouvindo, que ainda que, me viesseis renovar a antiga convenção de familia e offerecer a mão de esposo, eu prompta e francamente a rejeitava.

MARQUEZ. — Senhora, o tempo vos hade fazer conhecer a vossa posição, por agora só vos peço que acceiteis esta bolsa cheia de dinheiro, (*tira uma bolsa e D. Elvira a recebe*) e vos juro que repetidas vezes hei de vir receber as vossas ordens.

D. ELV. — (*Chega-se para a porta da rua, e deita a bolsa pela a escada abaixo, e diz:*) O ouro do Marquez de Ferreira já teve o destino para que servia; e se D. Elvira fosse homem, o seductor e malvado D. Francisco de Mello seria tambem lançado pela escada abaixo. Maria!.... Maria!.... despede este homem, e fecha-lhe para sempre a porta (*entra Maria e D. Elvira se retira.*)

MARQUEZ. — Bella Maria, vossa ama deve ser minha, e vós deveis!....

MARIA. — Obedecer a minha ama, e fechar para sempre a porta ao Sñr. Marquez.

MARQUEZ. — Bravo! bravo! Maria! E até quando hade durar esse rigor?

MARIA. — Não consta, que a virtude e a honra se podessem casar com o crime e com a vileza.

MARQUEZ. — Porem a miseria sempre fez ceder a virtude, e o ouro sempre comprou a honra!

MARIA. — A virtude fingida é que procura oc-

casões para vergar o dever á seducção! Na familia do Conde de Basto póde a miseria obrigar a morrer, mas não póde obrigar a perder á honra! Retirai-vos Senhor!

MARQUEZ. — D. Elvira transmittio a sua amiga Maria a mania de soberba, unica herança da familia dos Alancastres; mas Maria não se lembra da sua vil condição!

MARIA. — Sei qual é a minha posição, e por isso mesmo sou soberba, quando vejo que a virtude e a honra não forão só partilhas da nobreza! O tumulto popular de Evora desmascarou a hypocrisia de muitos fidalgos, e agora já se conhece, que o Marquez de Ferreira é malvado, como qualquer vilão, e que a plebea Maria póde ser igual em nobreza de sentimentos á honrada familia dos Alancastres!

MARQUEZ. — Minha bella Deosa secundaria, mereceis um abraço meu! (*quer abraçar Maria e ella o repelle.*)

MARIA. — Fidalgo libertino, respeitai á Deos que nos vê; e respeitai á virtude, se não!....

MARQUEZ. — Puxaes por algum punhal?

MARIA. — Chamo o povo, e vos heide cobrir de lama!

(*Entra repentinamente o Corregedor, e o Escrivão com uns autos; e Fr. João.*)

COR. — O que é isto nobre Marquez!

MARQUEZ. — Nada meu digno Corregedor, estava vendo se podia alcançar alguma confissão d'esta cega partidaria da rebellião. (*Retira-se e vai conversar com o Escrivão no fundo do theatro.*)

COR. — (*Para Maria.*) Quem és tu?

MARIA. — Maria, criada de D. Elvira a Condessa de Basto.

COR. — Dize á tua ama, que o Corregedor de Evora, em nome de El-rei a manda chamar. (*Sahe Maria.*)

FR. JOAÕ. — Então o que resolveis?

COR. — Cumprir as ordens d'El-rei.

FR. JOAÕ. — Pois quereis soltar ao ex-Conde de

Basto, o chefe do tumulto de Evora, o fidalgo mais criminoso, o portuguez mais inimigo d'El-rei!

COR. — Não sou eu que o solto, porem a Lei e a vontade d'El-rei. Fr. João, já vos disse, que me julgo criminoso em ter demorado, para vos fazer a vontade, por estes quinze dias, a execução das ordens sagradas de S. Magestade. Ellas são expressas, e eu devia no mesmo dia que as recebi fechar a devassa, pronunciar aquelles contra quem houvessem provas, e mandar soltar os innocentes.

FR. JOÃO. — Porem D. Francisco de Alancastre não é innocente: a minha denuncia!

COR. — Segundo os autos elle é innocente, pois nem uma só testemunha o crimina, e antes pelo contrario as testemunhas provão plenamente, que elle foi um fiel vassallo e optimo servidor d'El-rei! A vossa denuncia foi a base do processo, e só servio para n'ella se fundar a ordem de prisão, e o confisco, o qual S. Magestade em sua bondade, justiça, e sabedoria, julgou dever sempre subsistir embora não haja pronuncia, e o reo seja solto e livre.

FR. JOÃO. — E o titulo?

COR. — O titulo e todas as honras tambem, as perdeo para sempre, embora não seja pronunciado. Hade mais ser intimado, junto com o mandado de soltura, para sahir dentro de seis horas da Cidade de Evora, e dentro de quinze dias do reino de Portugal.

FR. JOÃO. — Nobre Corregedor, Francisco de Alancastre deve ir ao cadafalso!

COR. — El-rei assim o nao quer, e se acaso n'estas ultimas perguntas, que vou fazer á D. Eivira sua filha, não houver prova, hoje mesmo, e n'esta mesma sala, vou mandar passar mandado de soltura: El-rei assim o manda!

FR. JOÃO. — Esse malvado, esse hypocrita Franciscano, Fr. José, illudio a escriptulosa consciencia de S. Magestade, e servio-se da Santa Religião de Jesus Christo, como um meio de proteger revoluções e soltar criminosos de lesa-magestade.

COR. — E se a santa religião de Jesus Christo

não servir de intermedio entre o poder e a desgraça o que será dos desgraçados? Se a santa religião não servir d'intermedio entre a grandesa dos feis e a miseria publica, o que será do povo? E que fim terião já levado os reis! Fr. João parece-me que!....

FR. JOÃO. — Sou zeloso de mais dos interesses d'El-rei nosso Senhor, e amo!

COR. — Sim, pois não vos julgo inimigo pessoal de Francisco d'Alancastre.

FR. JOÃO. — Desejo só a hora da coroa, e a segurança do throno real.

COR. — Pois achais pouco a sentença politica lavrada pelo punho d'El-rei? Julgais que se devia fazer mais a um réo sem provas, do que tirar-lhe El-rei os bens, as honras, e a patria?

FR. JOÃO. — E a filha?

COR. — Ella é livre, e deve sempre acompanhar seu velho pai.

FR. JOÃO. — Deve morrer em um convento para se acabar de uma vez o nome de tal familia!

COR. — Tal não posso fazer, salvo se ella o quizer voluntariamente; pois bem sabeis que tenho uma ordem d'El-rei para ella poder ver, e até viver na mesma prisão com seu pai. Vossos conselhos me tem obrigado á não executar tal ordem, mas agora não ha mais os escrupulos de consciencia de antes, e hoje mesmo heide entregar a ordem á D. Elvira.

FR. JOÃO. — Tal não deveis fazer, pois na mesma prisão existe D. Rodrigo.

COR. — Por ordem d'El-rei já entreguei á Santa Inquisição o réo D. Rodrigo, pois assim o reclamou o Arcebispo Inquisidor Geral, e á estas horas o réo está em carcere privado, separado, e sem comunicação.

FR. JOÃO. — Aqui tendes esta ordem do Conde Duque. (*Tira da manga um officio fechado e dá ao Corregedor.*)

COR. — Elle está fechado, e vos pertence e não a mim.

FR. JOÃO. — Eu vos rogo que queirais abril-o e lel-o.

COR. — (*Abre o officio, lê em particular, e depois o entrega á Fr. João.*) Muito bem; e vejo agora qual a vontade do Conde Duque; elle quer a morte de D. Francisco de Alancastre, e a prisao perpetua de sua filha, mas o Conde Duque pede que hajão provas para as mostrar á El-rei; e como taes provas não existem, é necessario cumprir as ordens de S. Magestade.

FR. JOÃO. — Porem a vontade do Ministro é outra, e é contraria á vontade do rei.

COR. — Devo obedecer á El-rei Nosso Senhor.

FR. JOÃO. — Deveis obedecer ao Ministro. Na administração dos negocios do Estado o Ministro é tudo e El-rei é nada!

COR. — Vós o amigo do Conde Duque assim o julgaes, e eu Magistrado julgo o contrario. (*O Marquez vem para a boca do theatro.*)

FR. JOÃO. — A experiencia vos mostrará! Mandai soltar a D. Francisco, mandai a D. Elvira visitar o amante, e veremos se o rei se hade lembrar do Corregedor d'Evora, se elle Corregedor hade ser mais despachado, se hade ter graças, e honras, e mesmo se hade poder apparecer na Corte. (*Entra D. Elvira e Maria.*)

Fica no centro o Corregedor, no lado direito Fr. João e o Marquez de Ferreira, e á esquerda D. Elvira e Maria. O Escrivão fica juncto á meza.

FR. JOÃO. — Deos de bondade proteja os vossos dias. (*Para D. Elvira.*)

D. ELV. — A palavra de Deos é sempre consoladora, venha da boca de quem vier.

FR. JOÃO. — E Fr. João de Vasconcellos sempre amou a familia dos Alancastres.

D. ELV. — (*Com perturbação.*) E D. Elvira de Alancastre tem até medo de ver á Fr. João de Vasconcellos!

FR. JOÃO. — Venho-vos, Senhora, mostrar a minha amizade. Este palacio deve ser vendido, e vos effereço no convento das Claras um decente e religioso asylo: tudo está prompto, todas as despezas feitas, e só por vós esperao.

MARIA. — (*A parte com muito empenho.*) Não

acceiteis, Senhora, é alguma trahição d'esse demonio!.... Tendes em casa de minha tia uma pobre, mas honrada habitação. Tremei, Senhora, de tal offerta!

D. ELV. -- (*Para Fr. João.*) Hoje mesmo hei de sair d'este palacio, mas não para o convento das Claras.

FR. JOÃO. -- E' necessario ir para o convento, pois de outra maneira a Justiça tem de tomar conta das joias sonegadas ao confisco, e por vós entregues ao Judeo Jorge!

MARIA. -- (*Com muito calor.*) Fui eu quem dei essas joias ao Judeo!

COR. -- Tu?

MARIA. -- Sim, eu.

COR. -- Ellas são tuas?

MARIA. -- Erão tanto minhas, como tudo o mais é propriedade do Fisco. A Justiça mandou á este palacio officiaes seus, que declararão ser tudo bens sem dono: elles tomárão posse d'esses bens, e eu tambem tomei posse das joias, e se sou criminosa, tambem a Justiça o é.

D. ELV. -- Sñr. Corregedor, Maria está innocente, e só quer por uma acção nobre e generosa, salvar-me tornando-se responsavel pelas joias.

MARIA. -- Sñr. Corregedor, estou prompta a jurar, que digo a verdade: -- minha ama está innocente.

D. ELV. -- Estou innocente; porem fui eu quem entreguei as joias ao Judeo. Nobre Juiz, quando a Justiça entrou n'esta casa me achou quasi morta n'esta sala; e nada vi, e de nada sube: quando acordei me achei no meu quarto cercada pelas minhas criadas banhadas em pranto, e tudo era desordem, e confusão. O palacio estava totalmente roubado, os moveis do meu quarto todos em pedaços, mas em uma gaveta do meu toucador achei as minhas joias! Se a fôrça as abandonou, é porque reconheceo, que erão de minha propriedade, ou talvez porque entre os instrumentos d'essa fôrça, houvesse algum coração ainda com sentimentos de humanidade, e com compaixão de uma misera-orphãa!

fosse como fosse, as joias erão minhas, e eu as não occultei; e como a Justiça nada me pediu, e a nada me obriguei, de nada sou responsavel.

COR. — Tendes razão, Senhora!

FR. JOÃO. — Forem! . . .

COR. — Silencio, Senhor!

MARIA. — Talvez essas joias estejam em poder do Sñr. Fr. João.

D. ELV. — (*Para Maria.*) Deves ter prudencia!

COR. — Em nome de El-rei mando que todos se ausentem. (*Sahem Fr. João e o Marquez de Ferreira.*)

D. ELV. — Tambem me devo ausentar?

COR. — Não, minha nobre Senhora. (*Olha para Maria e lhe diz.*) Deveis sahir! (*Sahe Maria.*) O Corregedor dá a mão á D. Elvira, e lhe dá assento na meza á direita: o Corregedor se assenta na cabeceira da meza, e á esquerda fica sentado o Escrivão. O Escrivão deve escrever todas as respostas de D. Elvira. O Corregedor para D. Elvira. Como vos chamais?

D. ELV. — D. Elvira de Alancastre. (*O Escrivão escreve.*)

COR. — Donde sois natural?

D. ELV. — Desta Cidade de Evora.

COR. — Vossos pais?

D. ELV. — O muito nobre Conde de Basto, D. Francisco de Mello, e sua Esposa a Condessa de Basto D. Leonor de Almeida.

COR. — Vossa idade?

D. ELV. — Vinte annos.

COR. — Sabeis o motivo da prisão de vosso pai?

D. ELV. — Sei sim, Senhor, — está prêso por ser o homem mais honrado d'esta Cidade, por ser o vassallo mais fiel d'El-rei.

COR. — Porem elle tramou contra El-rei!

D. ELV. — E' falso! totalmente falso! E vós, Sñr. Corregedor, parai d'uma vez com esta inquirição, odiosa perante a Lei, vergonhosa para vós, e horrorosa para mim! (*O escrivão depois de escrever dá os autos á D. Elvira.*)

COR. — Assignai Senhora. (*D. Elvira assigna e entrega os autos. O Escrivão lavra o termo de conclusão e o Juiz dá um despacho e depois se levanta, e o*

mesmo faz *D. Elvira e o Escrivão.* O Corregedor diz para o *Escrivão.*) Passai esse mandado, e executai estas ordens de El-rei. (*Dá ao Escrivão um papel. Pega na mão de D. Elvira e a traz para a boca do theatro.*) Nobre *D. Elvira*, esta ordem de Sua Magestade (*tira da algibeira um papel*) vos concede licença para ver vosso pai, e com elle viver em qualquer parte que seja. (*Dá a D. Elvira o papel*) A' vista d'ella as portas da prisão serao abertas.

D. ELV. -- (*Com transporte*) Homem virtuoso, e generoso! Eu vos agradeço esta ordem, esta prova da vossa bondade! Ah!....

COR. -- (*Com impaciencia.*) Senhora, á mim nada deveis, foi uma graça d'El-rei alcançada por um Anjo vosso protector.

D. ELV. -- Meu protector!.... (*com tristeza*) e de meu pai?

COR. -- Vós todos tendes um poderoso inimigo, mas tambem tendes um poderoso amigo. (*A parte.*) Tenho medo de lhe dar parte da liberdade de *D. Francisco*!... Devo reservar esse prazer á *Fr. José* (*O Escrivão vem dizer ao Corregedor.*)

ESCR. -- O mandado está prompto. (*O Corregedor vai assignar o mandado, e falla com o Escrivão que pega nos autos e no chapeo e sahe. O Corregedor pega no chapeo, e vem fallar com D. Elvira.*)

COR. -- Adeos, nobre Senhora. Em breve haveis de ter uma visita, e ella vos hade dar alegres noticias. (*Sahe.*)

D. ELV. -- (*Com inquietação.*) Anjo protector!.... poderoso amigo!.... alegres noticias!.... (*ajoelha e levanta as mãos para o Ceo.*) Deos meu! Pai dos desgraçados, Redemptor do mundo, tende compaixão de mim!.... Olhai com os vossos olhos piedosos para a infeliz orphãa que vos implora protecção!.... Senhor! por misericordia restitui-me meu pai! (*une as mãos e fica banhada em pranto, e depois de alguma pausa diz:*) Perdoai-me Senhor!.... meu coração já não é meu, e não posso deixar de repartir o desejo entre o pai e o amante!.... Se é crime castigai-me, oh! meu Deos! mas tendo commiseracao de

D. Rodrigo! Salvai-o, dai-lhe vida, e liberdade!
(*fica pensativa. Entra Maria correndo.*)

MARIA. — (*Com muita vivacidade.*) Minha Senhora! novidades! novidades!

D. ELV. — (*Levanta-se com arrebatção.*) O que é Maria?

MARIA. — Vosso pai está livre, e solto!

D. ELV. — (*Com espanto.*) Maria, tu brincas, e me matas!

MARIA. — (*Com viveza.*) Juro-vos que é verdade!

D. ELV. — (*Com transporte de alegria.*) Maria! Maria! eu morro! (*Maria abre os braços, e ficção abraçadas: e depois de alguma pausa se separão.*)

D. ELV. — (*Com incerteza.*) E quem vos asseverou a noticia?

MARIA. — Eis ahi vem (*olhando para a porta do interior*) o Anjo vosso protector! (*Entra Fr. José.*)

FR. JOSÉ. — D. Elvira! vinde a meus braços, e consenti que este velho cenobita vos chame sua filha! (*com transporte.*) Deixai-me antes de morrer gozar doces recordações!!

D. ELV. — (*Chorando se lança nos braços de Fr. José.*) Meu pai, meu protector!

FR. JOSÉ. — (*Depois de uma pausa se separão.*) Minha amada filha, deveis hir quanto antes vêr a vosso pai, elle está livre e solto.

D. ELV. — (*Com vehemencia.*) Ah! deixai-me beijar os vossos pés! (*lança-se aos pés de Fr. José*) homem santo! meu anjo da guarda, meu unico amparo!

FR. JOSÉ. — (*Com presteza.*) D. Elvira o que fazeis!.... Offendeis a Deos vosso unico protector! (*Levanta a D. Elvira.*)

D. ELV. — (*Para Maria com transporte.*) Maria! querida amiga, fiel companheira! vem a meus braços e goza commigo da minha felicidade! (*Ambas se abração chorando: depois se separão.*)

FR. JOSÉ. — D. Elvira, na porta do jardim está a vossa espera uma liteira para vos conduzir á prisão onde ainda está vosso pai; e dissei-lhe que não saia d'ella sem ordem minha; e á meia noite em ponto, eu vos darei provas da minha amisade. Se

o carcereiro se impacientar, dai-lhe ouro, e é'n'estas occasiões que o dinheiro tem todo o seu valor; e com o dinheiro se comprão as almas pequenas e vis. Deveis logo voltar para casa, e preparar tudo para uma longa viagem. Maria já tem as instrucções, e o dinheiro necessario; e antes de meia noite, eu vos heide mandar buscar. — Vamos.

D. ELV. — (*Para Fr. José com susto.*) E D. Rodrigo?

FR. JOSE'. — Deos tenha compaixão d'elle! (*Sa-hem.*)

SCENA 2.^a

Sala do Corregedor, a mesma meza e cadeiras. — Entra Braz vestido como lavrador.

BRAZ. — Ora o que me quererá o Sñr. Corregedor?... Ha um anno que estou fóra da Cidade, nada sei do mundo, e por mais que bata na testa não posso adivinhar para que sou chamado! E a cara do tal meirinho! Parecia-me o diabo em carne. (*Entra Fr. João.*) E eu a fallar no diabo, e o diabo commigo! (*Benze-se e fica passeando.*)

FR. JOAÕ. — Braz!... Braz!... Não ouves!...

BRAZ. — Quem me chama!

FR. JOAÕ. — Não me conheces?

BRAZ. — (*Pára.*)... Não, Senhor?

FR. JOAÕ. — Pois não conheces a Fr. João de Vasconcellos?

BRAZ. — E o que me quer Vossa Reverendissima?

FR. JOAÕ. — Venho-te salvar!

BRAZ. — (*A parte.*) Comtigo não quero eu ir nem para o Ceo!

FR. JOAÕ. — Derão contra ti uma denuncia.

BRAZ. — Paciencia, — Deos é grande. —

FR. JOAÕ. — O Corregedor te vai mandar da qui para a Cadêa.

BRAZ. — E que remedio terei eu se não ir para onde me mandarem — (*A parte.*) Não me enganas demonio.

FR. JOAÕ. — Talvez eu possa!

BRAZ. — Alcançar a minha liberdade?

FR. JOAÕ. — Mas é necessario!....

BRAZ. — Dinheiro!....

FR. JOAÕ. — Nos crimes politicos não é só com o dinheiro, que se compra a liberdade.... Tambem alguns serviços....

BRAZ. — Serviços!.... E que taes serão esses serviços!

FR. JOAÕ. — Com boas maneiras se faz muita cousa.

BRAZ. — De certo, de certo! Póde Vossa Reverendissima fallar francamente, eu o escuto.

FR. JOAÕ. — Fr. José da Conceição já está perdido, e mal algum lhe podes fazer.

BRAZ. — E Deos me livre de tal!

FR. JOAÕ. — Muitas testemunhas jurarão contra elle, e o teu depoimento em nada vai augmentar a prova que ha.

BRAZ. — Tanto melhor! E para que sou eu chamado?

FR. JOAÕ. — Por um acaso, eu te defendi, e prometti ao Corregedor provas da tua prohibidade.

BRAZ. — E tudo por um acaso!.... Não é assim?

FR. JOAÕ. — Não me debes deixar ficar mal! Espero que a tua declaração contra Fr. José seja plena, e verdadeira.

BRAZ. — Desde já juro que heide dizer a verdade.

FR. JOAÕ. — Se queres a tua liberdade debes dizer a verdade: — que elle foi o principal cabeça do tumulto do povo, que foi elle quem deo os planos da revolução.

BRAZ. — É só isso?

FR. JOAÕ. — Que elle recebia ordens do Duque de Bragança, e tratava de o acclamar em Evora rei de Portugal.

BRAZ. — Heide dizer a verdade, isto é, que tudo quanto Vossa Reverendissima diz de Fr. José da Conceição é falso, e mais que falso!.... que

Vossa Reverendissima é suspeito, e mais que suspeito!

FR. JOAÕ. — Rebelde!.... hasde ir á forca!

BRAZ. — Como sempre hei de morrer, é bom aproveitar esta occasião, e acabar como homem honrado.

FR. JOAÕ. — (*Com desesperação.*) Como um malfeitor!

BRAZ. — Como Vossa Reverendissima quizer!

FR. JOAÕ. — És um vil plebeo!

BRAZ. — Mas não dou juramentos falsos, nem denúncias.

FR. JOAÕ. — (*Com mansidão.*) Já vejo que estás apaixonado! (*A parte.*) É necessario mudar de plano.

BRAZ. — Os negócios tem corrido mal, por isso estou apaixonado.

FR. JOAÕ. — (*Tira uma bolsa de dinheiro e a dá a Braz.*) Não quero vêr-te com desgostos; e eis aqui dinheiro, e se for necessario mais podes fallar sem receio!

BRAZ. — Graças á Providencia não tenho necessidades, pois agora vivo na abundancia.

FR. JOAÕ. — Porem podes augmentar o teu negocio! E se essa quantia não chegá?....

BRAZ. — Chega muito, muito meu Senhor! (*A parte.*) Que velhaco — que velhaco!.... quer comprar o meu juramento.

FR. JOAÕ. — Então estas contente?

BRAZ. — Muito contente.

FR. JOAÕ. — E logo que necessario for maior quantia....

BRAZ. — Obrigado, obrigado! Conheço a vossa bondade.

FR. JOAÕ. — (*Batendo com a mão no hombro de Braz.*) E ainda me has de deixar ficar mal?

BRAZ. — Nunca tal farei; e contaí commigo.

FR. JOAÕ. — Sempre te conheci homem de bem! E dize-me o teu depoimento será conforme a verdade?

BRAZ. — Isso está claro como a luz do dia.

FR. JOAÕ. — Pois todos nós sabemos, que Fr. José é um criminoso; que é o principal cabeça do

tumulto do povo de Evora, que por sua causa....

BRAZ. — Sim, todos nós sabemos, que Fr. José é um homem honrado e virtuoso, que está perfeitamente innocente, e que as vossas denuncias são falsas.

FR. JOAÕ. — (*Em colera.*) Villão! Assim insultas a um Religioso! A um nobre! A um mensageiro de El-rei!....

BRAZ. — Sou villão, mas choro as desgraças da patria, e vós sóis nobre e vendeis vossa alma ao rei!

FR. JOAÕ. — (*Desesperado.*) Juro que me hei de vingar!

BRAZ. — O poder de Deos é maior que o vosso!

FR. JOAÕ. — Não me has de escapar!

(*Entra o Corregedor com papeis na mão. Tira o chapeo e o põe sobre a meza. Braz se retira para o fundo da sala.*)

COR. — Sñr. Fr. João, agora mesmo recebi officios da Côrte!

FR. JOAÕ. — Que novidades ha?

COR. — Nada! Nada!

FR. JOAÕ. — Alguns despachos?

COR. — Essa ordem de El-rei? (*Dá a Fr. João um officio.*)

FR. JOAÕ. — (*Abre, e lê, e mostrando susto, e rai-va diz.*) Trahição! Trahição! Em lugar de um Bis-pado um degredo! De que me servio o ter sido o valido de El-rei!! Assim El-rei paga os meus ser-viços?.... Sñr. Corregedor, posso mandar um pro-prio á Côrte?

COR. — Quantos forem do vosso agrado; mas eu tenho ordem para vos remetter preso no caso de vos achar a manha em Evora. Será para mim bem penoso o cumprir a ordem de El-rei!

FR. JOAÕ. — (*Com impaciencia.*) Que causas hou-verão?

COR. — El-rei o sabe.

FR. JOAÕ. — Que motivos allegarão?

COR. — Alta politica de El-rei.

FR. JOAÕ. — E para que o degredo?

COR. — E' a vontade de El-rei.

FR. JOÃO. — E sem eu ser ouvido?

COR. -- Assim o quiz El-rei.

FR. JOÃO. — E não me posso defender?

COR. -- A resposta depende de El-rei.

FR. JOÃO. — (*Desesperado.*) Um degredo injusto! El-rei é um despoia, é um tyranno! E' indigno de reinar!! Portugal não deve ser escravo dos Filippes, Portugal deve ser livre! (*Sahe.*)

COR. -- Agora é que os Filippes são tyrannos! Agora é que Portugal deve ser livre! Eis a marcha e doutrina dos validos! (*Olha para Braz e lhe diz.*) O que me queres?

BRAZ. — (*Fazendo grande cortezia.*) Fui chamado debaixo de vara para jurar na devassa!

(*Entra o Escrivão e o Corregedor lhe diz.*)

COR. — Quem é este homem?

ESCR. -- Não sei, Senhor.

COR. -- Perguntai ao Meirinho! (*O Escrivão sahe.*) Qual o vosso nome?

BRAZ. -- Braz José do Monte.

COR. -- Officio?

BRAZ. -- Sou lavrador, mas vivo em casa de um irmão, homem abastado.

COR. -- O que vos estava dizendo Fr. João?

BRAZ. -- (*Tira a bolsa de dinheiro.*) Deu-me este dinheiro, para eu jurar falso, para dar um depoimento mentiroso contra Fr. José da Conceição! (*Deita a bolsa fóra. Entra o Escrivão.*)

ESCR. -- E' uma testemunha para a devassa, e foi offerecida pelo Agente de El-rei, o muito Reverendo Fr. João de Vasconcellos.

COR. -- Houve mandado?

ESCR. -- Não, Senhor.

COR. -- (*A parte.*) Fr. João inimigo capital de Fr. José offerecendo testemunhas!... Abusando da minha amisade, e comprando os officiaes da justiça para chamarem em meu nome pessoas do seu agrado! E poder-se-ha dar valor, n'estas occasiões, aos depoimentos das testemunhas chamadas a jurar quando ainda reina o terror, o calor das paixões, e vinganças! E poderei com segurança dizer, que tenho cumprido com os meus deveres, quando as prisões

de Evora estão cheias de infelises, e eu reconheço que credito nenhum devo dar ás provas! Deos poderoso! (*exclama para o Ceo*) tende compaixão do Magistrado honrado, que n'estas occasiões nao pôde agradar á sua consciencia, aos realistas, aos cortezãos, nem ao proprio rei! (*Volta-se para Braz e lhe diz.*) Tomai a bolsa, e retirai-vos!

BRAZ. — E' dinheiro muito vil, e para mim não tem valor. (*Faz grande cortezia, e sahe.*)

COR. — (*A parte.*) Que terrivel experiencia! nas revoluções politicas parece, que a probidade e a humanidade só querem habitar nos corações dos da classe media! Estes na febre dos movimentos se enthusiasmao porem logo voltão ao amor do trabalho, ao instincto da ordem! Os nobres por ciumes e rivalidades se tornão crueis e baixos; os ricos por inveja se assassinão; os empregados publicos por ambição se devorão; e a plebe por natureza e educação folga alegremente sobre cadaveres, e sobre ruínas!.... Homens politicos, que, com razão ou sem razao, lançaes os povos nas crises das guerras civis, vós não conheceis a natureza humana, e desprezaes a historia do mundo! E vós, reis das nações, tremei das revoluções em vossos estados, pois ellas não só arrasão as cabanas mas tambem os palacios e os thronos! (*Volta-se para o Escrivão e diz.*) Ide buscar o reo! (*O Escrivão sahe, mas o Corregedor o torna a chamar.*) Sñr. Escrivão! (*Entra o Escrivão.*) D. Francisco de Alancastre está solto!

ESCR. — Sim, Senhor.

COR. — Fizestes a intimação?

ESCR. — Do que lavrei auto, e só falta a vossa rubrica.

COR. — D. Elvira ainda não tinha ido ver seu pai?

ESCR. — Ella entrava no carcere quando eu sahia.

COR. — Ide buscar o réo! (*O Escrivão sahe.*) E' noite e ainda tenho que inquirir o réo, e cinco testemunhas! Estou fatigado, e não posso mais!.... porem um juiz pôde sem remorsos poupar-se ao trabalho, e deixar gemer os desgraçados nas mas-

mórras! Póde tratar das suas commodidades sem se lembrar que as familias dos presos suspirão por saber a sorte, uns do pai, e outros do esposó, do filho, ou do amigo! Poderá um juiz ser tão bar-
baro, que tendo ferrollhado a homens só por meras
suspeitas os deixe entregues á desesperação, á mi-
seria e á morte, sem curar de extremar a innocen-
cia do crime! Poderá um juiz ter um coração tão
duro, que nem ao menos lance uma lagrima de
compaixão sobre essas fataes pronuncias de crimes
de estado! (*Entrão o Escrivão, soldados, e João Bar-
radas Escrivão do povo preso com cadeas nos pulsos.*)

ESCR. — Sñr. Corregedor observo!....

COR. — Que é noite.

ESCR. — E na fórmula da lei....

ESCR. DO POVO. — Sñr. Corregedor, e para que
me quereis fazer perguntas?

COR. — Para saber a verdade.

ESCR. DO POVO. — A verdade! ... A verdade
em crimes politicos! Ora, Sñr. Corregedor, estais
zombando commigo! Eu sou criminoso, e não o
nego, e que mais quereis? As cadeias estão cheias
de innocentes, e os deveis mandar soltar, pois para
a vingança de El-rei basta o meu sangue.

COR. — El-rei não quer vinganças!

ESCR. DO POVO. — O rei é homem, e tendo to-
das as paixões dos homens, lhe falta o conheci-
mento do mundo. El-rei quer, o que o ministro
quer, que elle queira.

COR. — Estais enganado!

ESCR. DO POVO. — El-rei talvez não sabe o que
se passa no Escurial, quanto mais em Portugal.

COR. — (*Zangado.*) Vós abusais! As vossas res-
postas não são proprias de um réo.

ESCR. DO POVO. — Concordo que não devemos
conversar. Mandai-me para a prisão!

COR. — Sñr. Escrivão vamos a inquirição.

ESCR. DO POVO. — Trabalho perdido! Quereis me
moer a paciencia, e nada mais.

COR. — E as vossas denunciaes?

ESCR. DO POVO. — Forão falsas, forão dadas por
medo, e compradas com promessas de liberdade!

Fr. João de Vasconcellos me affiançou em nome de El-rei, que eu seria livre; e eis-me em ferros! (*mexe com as cadeias.*) São porem ferros justos pois são a paga da vileza e da trahição.

COR. — Deveis confiar em El-rei.

ESCR. DO POVO. — O poder ama a trahição e aborrece o trahidor!

COR. — E' necessario conformar-vos á vossa sorte; confessar o que sabeis sobre o Duque de Bragança, e esperar pela clemencia de El-rei.

ESCR. DO POVO. — Tanto estou conforme com a minha sorte, que nada peço, excepto que me mandeis para a prisão. Sobre o Duque só sei, que elle ou algum outro, hade mais tarde ou mais cedo ser Rei de Portugal. Quando um povo quer ser livre custa muito a contel-o na obediencia. Na maioria dos portuguezes ha um só pensamento, em todo o Portugal voga uma só ideia, e esta é — a liberdade do reino. O tumulto do povo em Evora foi só um symptoma da grande agitação nacional, e um ensaio da grande revolução futura. Contra a vontade de Philippe 4.^o, contra a vontade vossa, e de todos os maus portuguezes, Portugal hade ser restaurado. De El-rei não quero nada, nem a vida quero dever ao tyranno da minha patria; pois quero morrer maldizendo aos Hespanhoes.

COR. — E de mim não quereis nada?

ESCR. DO POVO. — Nada!... porem!... quero sim, um favor. Olhai para o que se furta em Evora! Conheci que até das medonhas e immundas enxovias os empregados tirão ouro, roubando o peso ao mesquinho e negro pao, que a caridade manda a desfiguradas creaturas mortas de fome e miseria!

COR. — E nada mais?

ESCR. DO POVO. — Nada mais.

COR. — (*Para os soldados.*) Levai o réo. (*Sahem.*) Infeliz humanidade! (*Para o Escrivão.*) Despedi as testemunhas, e retirai-vos. (*Sahe o Escrivão.*) Desditosa patria! E quanto desgraçado sou eu, que para viver necessito ser empregado publico! (*Toma o chapeo e sahe. Tirão a mezu e as cadeiras.*)

SCENA 3.^a

E' de noite. Vista de prisão; tem no fundo um lampião.

Do lado direito está a porta principal, e do esquerdo duas portas, e no fundo uma porta pequena.

Entrão do lado esquerdo o Conde de Basto e o Carcereiro.

CAR. — Estais livre, Sñr. Conde!

CONDE. — Já vos disse que não sou Conde.

CAR. — Ora essa é boa! Nascestes Conde.... fostes Conde, sois Conde.... e haveis de ser Conde!

CONDE. — El-rei me tirou o titulo.

CAR. — Tirou o titulo!.... (*Fica pensativo.*) Pois El-rei Nosso Senhor póde por ventura tirar-nos o nome que Deos nos dá?

CONDE. — Bom homem, não vos deveis importar com estas questões — ellas não valem nada!

CAR. — E' bom saber de tudo: ora dizei-me não vos pozerão na pia do baptismo o nome de Conde de Basto?

CONDE. — O meu nome de baptismo é — Francisco.

CAR. — Agora vejo a loucura dos homens, e a vossa vaidade! Largastes o vosso nome de — Francisco — nome tão bonito, e de um tão bom santo, por outro nome, que até d'elle não reza a Santa Madre Igreja! Bem fez o rei.... bem fez em castigar-vos!.... Mas vamos ao que nos interessa — é alta noite, e não vos deveis demorar nesta casa.... bem vedes que estou gastando azeite! (*aponta para o lampião*) E de mais nesta cidade ninguém dá casa de graça.... (*abanando a cabeça.*)

CONDE. — Bem vos percebo! Se tivesse dinheiro eu vos havia de agradecer.

CAR. — Pois vossa filha, que de tarde tão alegre vos veio dar novidades, não vos trouxe soccorros!.... filha ingrata! Assim está o mundo....

CONDE. — Já fui rico e poderoso, e sou agora pobre e desgraçado! Deos assim o quiz, e seja feita a sua vontade assim na terra como no Ceo!

CAR. — (*Abaixa a cabeça.*) Amen! Amen!

CONDE. — Vós mesmo me avisasteis, que d'esta casa só se sahia de noite.

CAR. — E' dos Estatutos do Santo Officio, — só se sahe de noite, e alta noite! Mas já ha muito que derão onze horas, e nunca prêso algum se demorou tanto! Confessai, Sñr. Francisco, que gostasteis do quarto, e da minha companhia?.... Mas o peor é que sois pobre!.... Olhai! ... foi por ser a vós!.... se não!.... (*Zangado.*) Ficai certo que nas prisões sem dinheiro ninguem é bem tratado! E vossa filha agora zomba de mim.... e que tal....

CONDE. — Minha filha não zomba de vós! Alguns amigos são os que me mandao a conducção para sahir de Evora; e não tenho remedio senão esperar. (*Tocão em uma sineta.*) Talvez seja ella!

CAR. — Deos queira!.... Deos queira!.... (*Sahe pelo lado direito, e zangado.*)

CONDE. — Vil ouro como governais o mundo!.... Até nas medonhas masmorras é necessario ter ouro para se gozar dos frios agrados de vis creaturas, que por baixo interesse se sujeitão a guardar as infelizes victimas da Lei, ou do poder! Até nas tenebrosas prisões o ouro tudo vence, e por elle se commettem os mais graves crimes!.... Até nas infames enxovias o ouro dá distincção e honra ao crime, e desprezo á virtude!.... dá triumpho ao malvado, e humiliação ao innocente!.... dá graça ás blasfemias do impio, e escarneo aos ais da desventura! Ouro! Ouro!.... que terrivel e medonha não seria a vossa historia se houvesse um espelho que deixasse ver todos os vossos crimes!!

Entrão D. Elvira já sem luto, e o Carcereiro, que vem ralhando.

CAR. — Não posso esperar mais! Tenho dito!....

D. ELV. — (*Lança-se nos braços do Conde.*) Meu amado pai!

CONDE. — Querida filha! (*Separão-se.*)

D. ELV. — Tudo está prompto, e meia noite não tarda a dar.

CONDE. — Quanto longo me não tem parecido o tempo!

CAR. — Não posso consentir em mais demo-

rãs !... rua !... já e já ! Se não fecho as portas , e tornará o Sñr. Francisco a ficar , para amanhã esperar pela tal meia noite !... E logo hoje !... A' meia noite !... Deos me livre !... (*benze-se*) Ficava perdido !

D. ELV. — (*Tira uma bolsa e a dá ao Carcereiro.*) Desculpai ser só dinheiro em prata !... E' um signal da nossa gratidão ! Sempre serve !...

CAR. — (*Muito alegre.*) Para muito !... para muito !... Porem nobre donzella nao era necessaria esta generosidade ! Eu amo muito a vosso pai !... Sou muito humano ! E gosto muito de fazer as vontades aos presos ! Não é assim Sñr. Francisco ?

CONDE. — De certo ! (*A parte.*) Villão ! Alma baixa e miseravel que só amas o dinheiro !

CAR. — Sñr. Francisco , esta casa é vossa , e n'ella podeis ficar o tempo que for do vosso agrado ; mas é necessario quando der meia noite , que vos recolhais com vossa filha áquelle quarto , (*aponta para a porta do lado esquerdo*) e isto só em quanto eu entrego á um dos Confessores d'esta Santa Casa um réo , que deve sahir por aquella portinha ! (*aponta para a porta do fundo.*)

CONDE. — Tambem sahe solto e livre ?

CAR. — (*Abanando a cabeça.*) Solto não , mas livre talvez !

D. ELV. — (*Com interesse.*) Como ?

CAR. — Isso é segredo , minha bella menina !

D. ELV. — Pois não governaes os presos ?

CAR. — Governo em quanto elles estão em meu podêr , mas logo que n'esta sala livre os entrego á alguns dos Confessores ou Familiares da Casa não sei mais d'elles , nem respondo por elles ! Vao por aquella porta , (*torna a mostrar a porta do fundo*) e por um estreito corredor ,... vão... vão... e uns tornão a voltar e outros lá ficão.

D. ELV. — E aonde vai dar o corredor ?

CAR. — Bem mostrais que sois mulher ! E o que vos importa o corredor ?

D. ELV. — (*Com pezar.*) Cuidava não ser isso um mysterio !

CAR. — E que tal !... Ficou triste !...

D. ELV. — Não sou curiosa!... mas...

CAR. — Mas, sois mulher, não é assim?

D. ELV. — Porém nada mais quero saber.

CAR. — Bravo! bravo!... E não quereis saber?

D. ELV. — Já vos disse, que julgava não haver n'esta casa mysterios.

CAR. — Ha mysterios, e mais que mysterios! (Olha em roda da sala, reparando.) Sempre é bom vêr....

D. ELV. — De que tendes medo?

CAR. — D'estas mesmas paredes, pois ellas até tem ouvidos.

D. ELV. — E os mysterios?

CAR. — Estais morta para saber!... olhai minha Senhora, n'esta Santa Casa tudo se faz, ou de noite, ou com luzes; ninguem falla, e os réos só vêem a minha cara, e aquellas dos Inquisidores! Tudo é segredo e mysterios!

D. ELV. — E o corredor?

CAR. — O corredor vai dar na sala dos tormentos! Que grande e feia sala! (*benze-se.*) Fui só lá uma vez, e Deos queira que não volte lá mais! (*torna a benzer-se.*)

D. ELV. — E como é que ficão lá os réos?

CAR. — Morrem nos tormentos, e como vão para o inferno, e não podem ser enterrados em sagrado, ficão debaixo das lages da mesma sala, e por causa das taes sepulturas é que eu lá fui.

D. ELV. — E os que vem?

CAR. — Eu os tornò a fechar nos carcerees.

D. ELV. — E este réo?

CAR. — Só Deos sabe se voltará! Coitado! Deos queira que não volte; mas que sua alma seja salva.

D. ELV. — Porque?

CAR. — Está já resolvido no Tribunal, que deve ser queimado vivo! E' necessario agradar ao povo, se não elle não tem fé na Inquisição.

D. ELV. — Pois a fé do povo depende das fogueiras?

CAR. — O povo gosta de ver taes execuções, necessita gozar de taes horrores, para se animar e ter em que fallar; e n'estes tempos de desordens é

necessario alegral-o com tal divertimento; e demais, quantos mais morrem queimados, quantas mais provas ha da bondade, santidade, e caridade, do respeitavel e illustre Tribunal da Inquisição. Ah! minha Senhora, se não fosse a sabia instituição da Inquisição onde estava hoje Portugal! Nas mãos dos Mouros ou dos Judeos, e nossos avós estavam já no inferno, e nós no caminho do inferno! (*benze-se.*)

D. ELV. -- Porem a religião de Jesus Christo, verdadeira, santa, em si mesmo sublime, e que por sua essencia é justa, humana, e social, carece por ventura para sua existencia e gloria de tribunaes, de juizes, de fogueiras, e da vontade do ignorante povo?

CAR. -- (*Com espanto.*) O que dizeis mulher peccadora?

CONDE. -- (*Tomando a palavra.*) Ella diz, que Deos Omnipotente não depende dos homens; o que é uma verdade; pois bem sabeis, que o Santo Tribunal da Inquisição, que é um orgão da Divindade, não depende nem dos reis.

CAR. -- Ah!.... isso sim!.... E na verdade nem dos reis o Tribunal depende! Antes os reis dependem da Santa Inquisição, pois ella é a firme sentinella do direito da legitimidade do absolutismo, e o unico apoio do poder de direito divino dos nossos monarchas! Se não fosse a Inquisição (*fallando com D. Elvira.*) estava Portugal inundado de herejes e heresias! A cada canto se havia de achar d'esses livros do demonio, que fallão contra os frades, freiras, e padres! (*Passea com muito furor.*) Dizerem os taes livros, que os santinhos dos frades são homens ociosos e muteis!.... Fogueiras!.... fogueiras n'elles!

CONDE -- (*Falla com D. Elvira a parte.*) Minha querida filha, é necessario ter prudencia, as tuas palavras nos podem perder. (*Falla com o Carcereiro.*) Tendes razao, homem temente a Deos.

CAR. -- Dizerem, que as bemaventuradas freiras tambem são peccadoras, e que são prejudiciaes á sociedade!.... Tormentos!.... fogueiras e grandes fogueiras!

CONDE. -- Isso mesmo, meu amigo.

CAR. -- Dizerem, que os nossos virtuosos clérigos não cumprem com as suas obrigações, que só tratão de enriquecer, gozar, e folgar!... Queimados!... Queimados!

CONDE. -- O que seria de nós se não fossem os frades, padres, e freiras!

CAR. -- (*Pára, pega no braço do Conde, e com muito enthusiasmo diz.*) Se não fossem elles já não havia -- nem throno nem altar! (*Larga o braço do Conde.*) Sem elles não tinhamos nem rei nem roca! Não tinhamos nem Santos, nem Igrejas, nem Deos para adorar!... Deos nos livre, Deos nos livre dos taes homens da moda! (*Benze-se.*) Lá que, alguns como vós, queirão para rei um João em lugar de um Filippe, isso paciencia!... São historias profanas, são historias!... Porem fallar mal dos frades, freiras, e padres!... Queimados!... tormentos!... fogueiras! Gosto de ver queimar herejes, não obstante o meu coração ser pequeno como o de uma pomba! Olhai, Sñr. Francisco, só choro quando vao a queimar os criminosos de lesa-magestade: quanto não tenho chorado (*Chora*) a sorte d'este que vai esta noite para a sala dos tormentos! tão rapaz!... tão elegante!... Pelo menos tenho bem orado a Deos para lhe dar a sua Divina Graça na ultima hora!

CONDE. -- E quem é este réo?

CAR. -- O vosso antigo companheiro, o D. Rodrigo!

CONDE. -- (*Com pezar.*) D. Rodrigo de Mello!

D. ELV. -- Meu pai!... D. Rodrigo!... (*Cahe desmaiada no chão. O Conde vai soccorrer a D. Elvira.*)

CAR. -- (*Assustado.*) E como hade ser agora! (*Abre-se a portinha do fundo, sahe Fr. José com a cara coberta como usão os penitentes, Fr. José fica parado no fundo do theatro. Principia a dar meia noite.*)

CAR. -- (*Com muito susto.*) Uma... duas... tres... quatro... cinco... seis... sete... oito... nove... dez... onze... doze... Estou perdido!... Sñr. Francisco saia!... (*Vai para pegar no braço de D. Francisco, e dá com a vista sobre Fr. José. Ajoelha com reverencia, e Fr.*

José lhe faz signal com a mão que vá buscar o preso. Sahe o Carcereiro por uma das portas do lado esquerdo.)

CONDE. — (*Vem a boca do theatro.*) Ella ainda o ama! Os remorsos me matão! Talvez se eu tivesse consentido no seu casamento não tivessem acontecido tantas desgraças! (*Pensativo.*) Deos assim o quiz; seja feita a sua vontade!

FR. JOSE'. — (*Na mesma posição.*) Homem, verdadeiro christão! (*Ouve-se bulha de chaves e ferrolhos de ferro.*)

CONDE. — (*Levantando as mãos para o Ceo.*) Deos Omnipotente! tende commiserção de D. Rodrigo! Se for da vossa vontade, que elle ainda gose da liberdade, eu juro pelo Vosso Santo Nome, que será o dia da sua união o dia da minha maior ventura! (*Vai soccorrer a D. Elvira. Entrão o Carcereiro e D. Rodrigo vestido com as vestes da prisão. O Carcereiro vai-se retirando pouco a pouco de D. Rodrigo para lhe deixar a scena livre.*)

D. ROD. — (*Muito abatido, sem reparar em nada.*) Com que, chegou finalmente o dia em que devo acabar de sofrer?... (*O Carcereiro guarda sempre silencio.*) De que serve o vosso silencio?... Serão as leis do Tribunal tão barbaras, que mandem negar aos desgraçados uma palavra de paz, de consolação, de desengano ou de esperança!.... Os monstros dos Inquisidores (*O Carcereiro benze-se*) de certo não são homens!.... se tivessem um coração humano elles havião de sentir os gemidos, que voão e retumbão por estas negras e mortíferas abobadas!.... E não devo ouvir uma só palavra vossa?... Se tendes uma razão, não conheceis, que esse vosso estudado silencio é mais cruel, maior tormento que a propria morte!.... (*animado*) Deos! Deos todo poderoso! um raio... um raio que de um só golpe acabe o meu penar!.... (*O Carcereiro torna a benzer-se. D. Rodrigo — abatido.*) Oh! Deos de bondade! tende compaixão de minha alma!.... Protegei, amparai a minha querida D. Elvira!.... (*Chora.*) Amor!.... (*Com vehemencia.*) Amor!.... quanto crueis e poderosas são as tuas leis!.... Ha um

anno enterrado vivo, devorado pela fome e miséria, e ha um anno sempre suspirando, sempre chorando, por D. Elvira!.... Saudades! Cruéis saudades! (*Com desesperação.*) Ciúme!.... tormentos sobre tormentos!.... inferno, sobre inferno! (*O Carcereiro se benze. D. Rodrigo fica pensativo.*) Morrer!.... (*abatido.*) E que importa a qualidade de morte?.... não é tudo morrer?... Cubrir de vergonha os meus parentes!.... e assassinar de dor a Fr. José!.... (*Com calor.*) Homem isto, mentor sabio e prudente; meu segundo pai recebei meu ultimo adeos!.... (*Chora.*) Perdão!.... Perdão.... das minhas injurias, das minhas suspeitas, dos meus crimes!.... (*Com desesperação.*) O amor e o ciúme cegavão a D. Rodrigo, e D. Rodrigo foi um monstro!.... (*Chora, e depois de alguma pausa diz muito abatido.*) Ah! por piedade a vossa benção, o vosso perdão! (*Fr. José com a cara coberta corre a lançar-se nos braços de D. Rodrigo, e ficão abraçados.*)

CAR. — Que piedoso confessor!.... Veio socorrer o penitente que se entregava ao demonio! Deos dos catholicos tende compaixão d'aquelle desgraçado! (*Limpa os olhos, Fr. José sahe dos braços de D. Rodrigo e vai para o seu antigo lugar.*)

D. ROD. — (*Espantado e fora de si.*) Foi sonho!.... Foi visão!.... Eu o vi!.... era elle, era o meu bemfeitor!.... Não! Não póde ser!.... Foi a morte!.... foi a morte que me abraçou, que me chamou.... que já me arrasta para os abysmos!.... Eu vou, eu vou!.... Mais um instante por piedade!.... (*Chora.*) D. Elvira! D. Elvira!.... adeos!.... (*Com furor.*) Por gratidão aborreci, fugi, assassinei o meu rival, e uma lagrima de dor sobre minhas cinzas!.... (*Em todo este tempo o Conde está sustentando a cabeça de D. Elvira, e ás ultimas palavras de D. Rodrigo elle presta attenção.*)

CONDE. — Ouço a voz de D. Rodrigo! E' elle! (*Larga de vagar a cabeça de D. Elvira e corre a abraçar-se com D. Rodrigo.*) D. Rodrigo! D. Rodrigo!.... (*Depois de estarem abraçados algum tempo separão-se.*)

D. ROD. — (*Com dor e desesperação.*) Tambem vós

homem virtuoso ides ao cadafalso? Devemos morrer juntos?.... Quem hade amparar a vossa filha? A minha D. Elvira!.... (*Como louco.*) D. Elvira!.... D. Elvira!.... onde estais?

CONDE. — (*Chorando*) A vossa, e a minha D. Elvira alli jaz!.... (*aponta com o dedo.*) Lucta entre a vida e a morte, entre o amor e o dever!!

D. ROD. — (*Repara, e fica louco.*) Que cruel sina!.... Que vontade barbara!.... Oh! Deos sem piedade!.... sem bondade!.... sem virtude!.... Deixei D. Elvira quasi morta quando corria a procurar a vida e a liberdade; e a acho quasi morta quando caminho para o cadafalso!.... (*alguma pausa.*) Não me vejaes! Não acordeis! não me tireis o ultimo resto de valor!.... Deixai-me morrer em paz! (*fica em extasis.*) D. Elvira!.... D. Elvira!.... (*vai ajoelhar-se ao pé de D. Elvira, e lhe banha a mão de lagrimas.*)

FR. JOSE'. — (*Vem a boca do theatro, e pega no braço do Carcereiro.*) Quem são estas creaturas?

CAR. — (*Tremendo. Fr. José larga o braço.*) D. Francisco de Alancastre, e a sua filha! Eu não tive culpa! Elle!.... (*Toca a sineta da porta.*)

FR. JOSE'. — Que signal é aquelle?

CAR. — Hade ser a conducção de D. Francisco!

FR. JOSE'. — Podeis-vos retirar, o preso já está por minha conta.

CAR. — E D. Francisco, e sua filha?

FR. JOSE'. — A' vista dos acontecimentos presentes, devo tirar esclarecimentos de D. Francisco, a fim de os levar á presença do nosso Santo Padre Inquisidor Geral; e como os depoimentos devem ser em segredo — retirai-vos! Esperai D. Francisco na primeira grade do corredor da prisão, e tomai cuidado que ninguem entre! Tremei por mais faltas!

CAR. — Reverendissimo Padre, perdoai!....

FR. JOSE'. — Sei guardar o segredo: — retirai-vos!

CAR. — Não será bom fechar a porta?

FR. JOSE'. — E' de prudencia: fechai a ultima porta do corredor.

CAR. — E devo esperar por D. Francisco?

FR. JOSÉ'. — Sim, lá na entrada.

CAR. — (*A parte.*) Maldito dinheiro, maldita mulher! (*Sabe. Ouve-se fechar a porta.*)

D. ELV. — (*Recobrando pouco a pouco os sentidos.*) Meu pai!.... eu o amo!.... eu o adoro!.... meu pai.... perdão!.... fugi.... sou vossa.... sim eu vou comvosco!.... meu pai.... perdão, perdão.... eu quero morrer juncto a elle! (*D. Rodrigo levanta-se furioso.*)

D. ROD. — Morte!.... morte!.... agora, agora!.... Vem, vem por piedade!!.... Tambem tu zombas de mim?.... Inferno, eu quero agora uma sepultura!.... Deos vingativo deixai-me acabar no momento de meu maior prazer!.... E para que mais tormentos?.... Ah! deixai-me morrer ditoso!.... (*Com ternura.*) Ella me ama!.... ella me adora!.... quer morrer juncto a mim!.... (*Com desesperação.*) Morte!.... morte!.... Deos ou demonio! arrebatái-me em quanto goso, em quanto vivo, em quanto tenho valor! Vamos! vamos! — Algozes acompanhái-me! — Ao cadafalso! á morte!...

FR. JOSÉ'. — (*Tira a mascara, e toma o passo a D. Rodrigo e com muito calor diz.*) A' vida!.... á vida!.... á liberdade!

D. ROD. — (*Espantado.*) Fr. José!!! (*Ficção abraçados.*)

D. ELV. — (*Levanta-se, corre os olhos por todos os lugares como alienada, e vendo a Fr. José ainda nos braços de D. Rodrigo diz com admiração.*)

D. ELV. — O que vejo!... Onde estou!.... (*Fr. José, e D. Rodrigo separão-se.*) Oh! meu Deos!... D. Rodrigo!... (*Recuando com susto.*) E' elle!... é elle!... Vive!.... Nao morreu!.... Ah! será um espectro, ou eu perdi a razao!.... (*esconde a cara nas mãos, e depois de pequena pausa diz com arrebatamento.*) Meu pai!.... meu pai!.... soccorro, soccorro!

CONDE. — Minha filha!.... minha querida Elvira!.... recobra o animo, és ditosa, D. Rodrigo vive! Repara, repara, Fr. José está connosco. (*Fr. José limpa os olhos: D. Rodrigo mostra-se commovido, e D. Elvira mostra espanto.*)

D. ELV. — E consentis que eu morra junto á elle?

CONDE. — Tem esperanças !..... Vê !..... (*aponta para Fr. José.*)

D. ELV. — E' Fr. José !... Fr. José !

CONDE. — (*Ao mesmo tempo que D. Elvira diz Fr. José.*) O nosso Anjo salvador ! (*Todos ao mesmo tempo, até D. Rodrigo, se ajoelhão aos pés de Fr. José.*)

TODOS. — Amparai-nos !

FR. JOSÉ'. — Confiai em Deos.

TODOS. — A vida e a liberdade !

FR. JOSÉ'. — Meus filhos ! (*Levanta a D. Elvira e a D. Rodrigo.*) Meu amigo ! (*Levanta o Conde.*) O tempo corre, e todos vós deveis ainda de noite sahir de Evora.

TODOS. — Todos nós ?

FR. JOSÉ'. — Sim, todos !

D. ROD. E D. ELV. — O' ventura !.... (*Tornão a ajoelhar e beijão as mãos de Fr. José.*)

FR. JOSÉ'. — Levantai-vos ! (*Levantão-se.*) D. Francisco, não juraste á pouco, que consentias na união de D. Rodrigo com vossa filha ?

CONDE. — E ainda o juro.

FR. JOSÉ'. — Meus filhos ! (*Pega nas mãos direitas dos dois e as une.*) Sede sempre fieis consortes, amai-vos, respeitai a Deos, o sede virtuosos ! (*Os dois vão ajoelhar-se aos pés do Conde.*)

AMBOS. — Meu pai !

CONDE. — (*Levanta-os.*) Meus filhos ! (*Abração-se e logo se separão.*)

D. ROD. — D. Elvira, meu bem amado ! se soubesseis os meus sofrimentos, e os meus pezares ; se podesseis imaginar quanto meu coração sofreu de saudades, só então podieis conhecer o prazer e a ancia com que vos peço, com que vos imploro a graça de gozar um terno abraço ! Ah ! querido objecto do meu amor, vós não podeis conhecer quanto vos amo, e a influencia e o poder que tendes sobre minha alma ! Sepultado vivo em um medonho e frio segredo d'estas prisões, blasfemando contra Deos e contra os homens, sem esperanças

no Ceo nem na terra, só tive uma unica ideia consoladora, uma só ideia fixa, certa, e invariavel — a posse de D. Elvira! Quantas, e quantas vezes (*Com muita ternura*) nos meus delirios eu vi a vossa imagem descer do ceo ao carcere cercada de gloria celeste, e pura e candida bem como um anjo de Deos encher toda a prisão de luz e paz!! Quantas, e quantas vezes no frenesí da desesperação eu vos ouvi exclamar — D. Rodrigo! D. Rodrigo!... quem não ama a Deos não póde amar a D. Elvira! .. Esperanças! Esperanças! Deos tudo póde! (*Com calor.*) Ah! que poder! que fôrça! que influencia divina tinha sobre mim a vossa imagem! D. Elvira, ha cousas que se sentem e nao se podem explicar! Ha tormentos que se sofrem e nao ha termos para descrevel-os! Ha prazeres que se gozão e que a mesma imaginação os não póde pintar! Minha querida, tudo a vós devo! Sim, pois só á ideia de amar D. Elvira eu devo a vida, e se D. Elvira não existisse D. Rodrigo ha muito se teria suicidado! Cheguei a lutar por vezes com a morte, vi por vezes o inferno aberto para me devorar, e cercado de fantasmas, mais feias que a propria morte, por vezes eu voluntariamente corri a lançar-me na eternidade! (*Com ternura.*) E quereis saber quem sempre me salvou? Foi um anjo!... um anjo!... Eu sempre o vi! E elle era D. Elvira! (*Abre os braços, e D. Elvira banhada em pranto lança-se n'elles. Quando Fr. José diz — tanto prazer — separão-se.*)

FR. JOSE'. — Devemos confiar em Deos, mas ainda não é tempo para tanto prazer! (*Os dois D. Elvira e D. Rodrigo separão-se.*) D. Francisco e D. Elvira, deveis seguir com o maior silencio por aquelle corredor (*aponta para a porta principal*) fracamente alumiado, e o Carcereiro vos espera na ultima porta. No portão achareis uma liteira e criados, e elles vos hão de conduzir á Capella da Ordem Terceira de S. Francisco, e lá haveis de achar o Vigario da Freguezia, um Religioso meu companheiro e amigo, e Maria vossa fiel criada. Vós D. Rodrigo, me deveis seguir por aquelle corredor se-

creto (*aponta para a porta no fundo do theatro*), e á porta do palacio do Arcebispo Inquisidor Geral vos espera uma liteira, criados, e dois Familiares do Santo Officio, e elles vos hão de tambem conduzir á Capella da Ordem terceira de S. Francisco; e o Vigario, que tem as licenças necessarias do Arcebispo, hade unir em casamento de consciencia o penitente D. Rodrigo de Mello e D. Elvira de Alancastre, e os dois Familiares serão as testemunhas. Vós D. Francisco e D. Elvira, logo que se concluir o Sacramento, deveis sem dar uma palavra metter-vos na liteira, e os criados vos levarão a Lisboa. Esta carta (*tira da manga uma carta e a dá ao Conde*) vos hade abrir em Lisboa as portas de uma honrada casa, e vos hade fornecer tudo quanto necessario for para a vossa viagem para Veneza, e um navio prestes a fazer-se de vela por vós espera. D. Rodrigo, depois do casamento nada de imprudencias; o Religioso vos hade conduzir á sua cella, e vos hade fornecer um disfarce completo de Frade, dinheiro, e cartas de recommendação, e levar-vos-ha ao portão da cerca do convento, e la achareis a mesma liteira, criados e Familiares, que vos hão de conduzir á cidade de Faro, em cujo porto um navio Inglez a sahir para Genova só espera por vós. O povo á vista das armas da Inquisição, e dos Familiares do Santo Officio, ha de fugir de vós, e a justiça, e os officiaes de El-rei não se hão de atrever á por o menor obstaculo ao vosso caminho. Este passaporte (*entrega a D. Rodrigo um papel*) do Arcebispo Inquisidor Geral, no qual declara, que Fr. José do Amor de Deos vai em commissão do Santo Officio, vos hade deixar seguir a viagem. A bordo achareis dinheiro, vestidos, e deixareis de ser Fr. José, mas nunca mais vos podeis chamar D. Rodrigo de Mello: tomai o meu antigo nome — Paulo Foscari. De Geneva deveis logo seguir para Veneza a unir-vos á bella consorte. Este maço de papeis lacrados (*Dalhe um maço de papeis*) os deveis abrir lá em Veneza e na praça de S. Marcos. Achareis os titulos de nobreza de vossa mãe, de sua filiação, e legi-

timidade, e haveis de achar mais uma carta para um Banqueiro, lettras de cambio, documentos e procurações, e o mesmo Banqueiro vos hade entregar uma avultada somma de capitaes. E' o resto de minha antiga fortuna, que depositei na mão do pai do mesmo Banqueiro quando sahi de Italia. (*Pega na mão de D. Rodrigo e a leva ao coração, e diz.*) 'Taes valores erão pertencentes de direito á minha filha e vossa mãe; e hoje de direito são vossos como seu unico e universal herdeiro! (*Larga a mão de D. Rodrigo.*) E eu vos dou a minha benção! (*D. Rodrigo e D. Elvira se lanção aos pés de Fr. José, e ambos ao mesmo tempo dizem.*)

AMBOS. — Meu avô. (*beijão-lhe a mão.*)

FR. JOSÉ'. — (*Levanta-os e com transporte diz.*) Meus filhos, á meus braços! E adeos para sempre!

TODOS. — Para sempre!

FR. JOSÉ'. — Sim, para sempre! (*D. Elvira e D. Rodrigo lanção-se nos braços de Fr. José. Depois de alguma pausa Fr. José vai pegar na mão de D. Francisco e lhe diz.*) D. Francisco adeos; e n'este mundo não nos tornaremos a ver!.... Meus filhos, mais uma vez o prazer de vos abraçar! (*Abração-se.*)

D. ROD. — E vós ficades em Evora?

FR. JOSÉ'. — Sim, meus filhos, e a morte em muito breve me hade tirar de Evora; e em Evora desejo ser sepultado. (*Banhado em pranto.*) Só no outro mundo nos veremos! O tumulto do povo em Evora acabou, e a revolução politica ainda não principiou, mas meus dias estão findos, e não verei Portugal restaurado!! Adeos! Adeos! e para sempre!

D. ELV. — Pois assim nos quereis abandonar!... Quando vossos filhos vos devem a vida, a liberdade, e a ventura, é que elles vos hão de deixar? Quereis ficar só, sem ter quem junto a vós chore os vossos pezares, e goze dos vossos prazeres? (*Ccm muita ternura.*) Ah! vinde! vinde connosco! Cedei aos nossos rogos já que para nós quereis viver!

D. ROD. — Meu pai!.... acompanhai-nos, ou pelo menos affiançai-nos, que em breve haveis de seguir para Italia viver connosco, gozar dos vos-

soz bens, e da companhia de vossos filhos! Ah! tendes animo de abandonar a D. Rodrigo vosso querido neto! Não quereis receber os extremos cuidados, os sensiveis afagos de D. Elvira, que vos respeita e adora? Não quereis continuar a ser o nosso mentor, o nosso guia? (*Fr. José fica banhado em pranto.*) Se acaso os Ceos abençoarem a nossa união, não quereis ver, não quereis gozar das caricias e dos encantos da innocencia?

CONDE. — Fr. José, alma nobre e generosa, meu verdadeiro amigo e protector!.... o que ficaes fazendo em Evora? Tudo quanto tendes feito por nós, este segredo, que vai ser guardado por tantas pessoas, e entre ellas tantas da plebe, não pôde ser descoberto? E o que será de vós?

FR. JOSE'. — (*Com muito valor.*) D. Francisco, e meus filhos, — devo ficar! E' necessario que se cumprão os decretos da Providencia! A nossa demora é prejudicial, e ainda podemos ficar todos perdidos!

TODOS. — (*Banhados em pranto.*) Deveis ficar!

FR. JOSE'. — Inutil pranto!.... Deos é misericordioso e nos hade valer a todos! Confiai em Deos! O tempo vôa, o Carcereiro pôde desconfiar, e ninguem mais poderá salvar a D. Rodrigo. D. Francisco, e D. Elvira, segui o vosso destino! D. Rodrigo acompanhai-me! (*Sahem.*)

Fim do terceiro e ultimo acto.



ERRATAS.

Com arrebatção — lea-se — Com arrebatamento.

- Pag. 3 Linha 28 fórma — lea-se — formão.
— 5 — 13 — ta — tal
— 6 — 35 — popular: — popular;
— 10 — 10 — da sociedade — das sociedades
— 11 — 13 — escravidão, da — escravidão da
— 13 — 39 — Hade — Ha de
— 15 — 12 — En — Em
— 20 — 1 — minha, filha — minha filha,
— , , — 36 — susto? — susto.
— 24 — 8 — consistia — consistia em
— 26 — 32 — Segredo? — Segredo.
— 28 — 21 — melhor — melhor,
— , , — 22 — horrorosamente — horrorosamente,
— 30 — 6 — do que cabeça — do que a cabeça
— 32 — 35 — consentimento? — consentimento.
— 33 — 20 — D. Rodrigo, já — D. Rodrigo já
— 34 — 15 — em si mesmo — em si mesmas
— 37 — 15 — Alancastre — Alancastres
— 41 — 4 — te chama? — te chama.
— 47 — 28 — tema — tem a
— 59 — 19 — Marque — Marquez
— 63 — 11 — Com muito — Levanta-se, e com muito
— 71 — 15 — que ainda que, — que, ainda que
— 81 — 13 — Reverendissa — Reverendissima
— 82 — 38 — Edize-me — E diz-me:
-

[Faint, illegible title or header text]

[A list of entries, likely a table of contents, with numbers and faint text. The text is mostly illegible due to fading and bleed-through.]

1 — [illegible]
2 — [illegible]
3 — [illegible]
4 — [illegible]
5 — [illegible]
6 — [illegible]
7 — [illegible]
8 — [illegible]
9 — [illegible]
10 — [illegible]
11 — [illegible]
12 — [illegible]
13 — [illegible]
14 — [illegible]
15 — [illegible]
16 — [illegible]
17 — [illegible]
18 — [illegible]
19 — [illegible]
20 — [illegible]
21 — [illegible]
22 — [illegible]
23 — [illegible]
24 — [illegible]
25 — [illegible]
26 — [illegible]
27 — [illegible]
28 — [illegible]
29 — [illegible]
30 — [illegible]
31 — [illegible]
32 — [illegible]
33 — [illegible]
34 — [illegible]
35 — [illegible]
36 — [illegible]
37 — [illegible]
38 — [illegible]
39 — [illegible]
40 — [illegible]
41 — [illegible]
42 — [illegible]
43 — [illegible]
44 — [illegible]
45 — [illegible]
46 — [illegible]
47 — [illegible]
48 — [illegible]
49 — [illegible]
50 — [illegible]
51 — [illegible]
52 — [illegible]
53 — [illegible]
54 — [illegible]
55 — [illegible]
56 — [illegible]
57 — [illegible]
58 — [illegible]
59 — [illegible]
60 — [illegible]
61 — [illegible]
62 — [illegible]
63 — [illegible]
64 — [illegible]
65 — [illegible]
66 — [illegible]
67 — [illegible]
68 — [illegible]
69 — [illegible]
70 — [illegible]
71 — [illegible]
72 — [illegible]
73 — [illegible]
74 — [illegible]
75 — [illegible]
76 — [illegible]
77 — [illegible]
78 — [illegible]
79 — [illegible]
80 — [illegible]
81 — [illegible]
82 — [illegible]
83 — [illegible]
84 — [illegible]
85 — [illegible]
86 — [illegible]
87 — [illegible]
88 — [illegible]
89 — [illegible]
90 — [illegible]
91 — [illegible]
92 — [illegible]
93 — [illegible]
94 — [illegible]
95 — [illegible]
96 — [illegible]
97 — [illegible]
98 — [illegible]
99 — [illegible]
100 — [illegible]

[Small handwritten mark or signature]

[Handwritten mark or signature]

